REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO
GEOGRAPHICO E ETHNOGRAPHICO DO BRASIL

2º TRIMESTRE DE 1871

NOBILIARCHIA PAULISTANA

GENEALOGIA DAS PRINCIPAES FAMILIAS DE S. PAULO

Colligidas pelas infatigaveis diligencias do distincto paulista

PEDRO TAQUES DE ALMEIDA PAES LEME

Continuada do 1º trimestre, pag. 115

CHASSINS

Foi progenitor d'esta nobre familia, na capitania de S. Paulo, Gonçalo Simões Chassim, natural da villa, hoje cidade do Portimão, no reino do Algarve, e baptizado na matriz da mesma. Foi filho legitimo de Rodrigo Simões e de sua mulher Joanna Jorge Chassim, moradores que foram em casas proprias na rua da Carianna. Consta o referido do testamento com que falleceu em S. Paulo o dito Gonçalo Simões Chassim a 25 de Maio de 1720 (1). A nobreza d'este Gonçalo Simões Chassim consta melhor dos autos de justificação de *puritate et nobilitate probanda*, processados em Portimão a requerimento de Rodrigo

(1) Cart. 1º de not. de S. Paulo no maç. 2º dos inv. o de Gonçalo Simões Chassim com testamento.

Bicudo Chassim, seu filho, estando morador em S. Paulo, onde recebeu por instrumento extrahido do processo original uma via authentica.

Estabeleceu-se em S. Paulo, e depois na villa de Parnahyba, com grande fazenda de cultura, e da republica d'esta villa teve repetidas vezes as redeas do governo. Foi fundador da capella de Nossa Senhora de Nazareth, construida na mesma fazenda junto ao rio Tieté. Para a festa annual da Senhora a 8 de Setembro deixou 200$000 para de seus redditos sahirem as despezas d'ella. Este legado consta do dito testamento, que foi feito de mão commum com sua mulher D. Maria Leme de Brito, em que tambem determinaram fossem sepultados na capella da ordem terceira de S. Francisco da cidade de S. Paulo, onde eram professos. N'esta cidade casou-se com a dita D. Maria Leme de Brito, natural d'ella, e onde falleceu a 24 de Março de 1788. Foi filha de Antonio Bicudo de Brito, natural e nobre cidadão de S. Paulo, e de sua mulher D. Maria Leme de Alvarenga, com quem casou em S. Paulo a 19 de Abril de 1635. Elle falleceu em Itú em 1662, e ella em Parnahyba com testamento a 14 de Janeiro de 1654 (2). Neta pela parte paterna de Antonio Bicudo, natural e nobre cidadão de S. Paulo, e de sua mulher D. Maria de Brito, que foi filha de Diogo Pires, e de sua mulher Isabel de Brito, que falleceu com testamento a 2 de Maio de 1650 (3). Este Diogo Pires foi filho de Salvador Pires, e de sua primeira mulher F..... Em titulo de Pires, da capitania de S. Paulo n. 2.° Antonio Bicudo, marido de Maria de Brito, falleceu em S. Paulo com testamento a 4 de Dezembro de 1650,

(2) Cart. de orphãos da Parnahyba, nos inv. n. 118 e 171.

(3) Cart. 2° de notas de S. Paulo, Maç. de inv. antigos o de Izabel de Brito com testamento.

declarando n'elle a sua naturalidade, e o nome de seus pais, sua mulher e filhos (4). Este Antonio Bicudo fez o seu estabelecimento na mesma fazenda que fôra de seus pais, no sitio de Carapicuhiba, fez varias entradas ao sertão, e conquistando muitos indios gentios de diversas nações, depois de instruidos nos sagrados dogmas, se fizeram catholicos, e d'elles desfructava o serviço na cultura das terras e da extracção do ouro da serra de Jaraguá e Ribeira de Santa Fé, com o caracter de administrador. Foi filho de Antonio Bicudo Carneiro, natural da ilha de S. Miguel, de onde passou a estabelecer-se em S. Paulo com seu irmão Vicente Bicudo.

Estes foram dos primeiros povoadores de S. Paulo, onde fizeram muitos serviços a Deus e ao rei, porque sempre com suas pessoas e armas ajudaram a defender a terra nas repetidas guerras que contra os portuguezes moviam os barbaros gentios do sertão, que tambem com assaltos repentinos infestavam a terra. Esta verdade consta de um requerimento, que estes irmãos fizeram aos officiaes da camara de S. Paulo em 9 de Outubro de 1610, relatando n'elle que havia muitos annos tinham vindo para S. Paulo, que eram casados e tinham filhos, e por conclusão da supplica pediram por carta de data 300 braças de terra, partindo pelo rio Carapacuhiba (5).

Antonio Bicudo Carneiro, como pessoa de qualificada nobreza pela familia dos seus appellidos na ilha de S. Miguel, sua patria, como nos ensinam os nobiliarios das familias nobres e illustres das ilhas dos Açores, foi muito res-

(4) Cart. de orphãos de Parnabyba, inv. n. 93, de Antonio Bicudo com testamento.

(5) Archivo da camara de S. Paulo, no caderno de Reg. titulo Maio de 1607, pag. 44 e 44 v.

peitado em S. Paulo, de cuja republica serviu os honrosos cargos d'ella. Pelos annos de 1585 era ouvidor da comarca da capitania de S. Vicente e S. Paulo, e em Janeiro d'este mesmo anno mandou levantar pelourinho na villa de S. Paulo (6). Foi casado com D. Isabel Rodrigues, de quem teve dois filhos varões e quatro femeas, como elle declarou em uma supplica, que em 1598 fez aos camaristas de S. Paulo para effeito de fazer casas de morada com quintal (7). Este casamento tambem se prova do testamento já citado de seu filho Antonio Bicudo, que n'elle declarou que era filho de Antonio Bicudo Carneiro, natural da ilha de S. Miguel, e de sua mulher D. Isabel Rodrigues, natural da villa de S. Paulo. Em titulo de Bicudos Carneiros.

Neta pela parte materna dita D. Maria Leme de Brito, mulher de Gonçalo Simões Chassim, de Francisco de Alvarenga, natural e nobre cidadão de S. Paulo, de d'onde se passou de casa mudada para Parnahyba, onde foi capitão dos seus moradores para os reger e governar, e de sua mulher D. Luzia Leme, natural da villa de S. Vicente, com quem casou na matriz de S. Paulo, a qual foi filha de Aleixo Leme (irmão inteiro de D. Lucrecia Leme, mulher de seu tio direito Fernando Dias Paes, que são os ascendentes rectos do governador Fernão Dias Paes, que foi avô paterno de Pedro Dias Paes Leme, fidalgo da casa real, etc., do Rio de Janeiro), e de sua mulher Ignez Dias, natural da villa de S. Vicente, filha de...em titulo de Lemes, liv. 3° cap. 1.° Este capitão Francisco de Alvarenga falleceu com testamento a 10 de Agosto de 1675; e sua mulher D. Luzia Leme falleceu com testamento a 16 de Ou-

(6) Archivo supra, no caderno, titulo 1585, fl. 31 e seg.
(7) Archivo supra, caderno titulo 1598, pag. 16.

tubro de 1653 (8). Bisneta de Antonio Rodrigues de Alvarenga, natural da cidade de Lamego, cavalleiro fidalgo da casa d'El-Rei D. João III (filho de Balthazar de Alvarenga, e de sua mulher D. Messia Monteiro, fidalgos de conhecida nobreza, e de cota de armas, como abaixo melhor mostraremos na cópia do brasão de armas, que tiraram os seus descendentes em 22 de Junho de 1688.)

Este Antonio Rodrigues de Alvarenga passou em serviço do Rei a ser um dos primeiros povoadores da villa de S. Vicente, que em 1531 fundou o donatario e senhor d'ella Martim Affonso de Sousa por concessão d'El-Rei D. João III, etc. Esta foi a primeira povoação que houve em todo o Brasil, e tambem n'esta villa o primeiro engenho de assucar, com vocação S. Jorge, que fundou o mesmo donatario pelos annos de 1531 até 34, em que este fidalgo se embarcou de S. Vicente para Portugal, deixando nobremente povoada a sua capital villa de S. Vicente, para a qual attrahiu, e levou comsigo muitos sujeitos de conhecida nobreza, que se fez acreditada pelos alvarás dos seus filhamentos de moços da camara, moços fidalgos, etc.

N'esta villa de S Vicente casou Antonio Rodrigues de Alvarenga com D. Anna Ribeiro, natural da cidade do Porto, de d'onde passou com duas irmãs e varios irmãos, na companhia de seus pais, Estevão Ribeiro Bayão Parente, natural da cidade de Beja, o qual era parente em gráo propinquo de Estevão Liz, morgado bem conhecido em Villa Real, e de sua mulher Magdalena Fernandes Feijó de Madureira, natural da cidade do Porto. De S. Vicente passou para S. Paulo Antonio Rodrigues de Alvarenga com sua mulher, e como pessoa tão distincta soube conseguir respeito e veneração, e foi senhor proprietario por mercê do dona-

(8) Cart. de orphãos da Parnahyba, inv. n. 250 e n. 83.

tario do officio de tabellião do judicial e notas de S. Paulo, onde falleceu com testamento a 14 de Setembro de 1614 (9). E D. Anna Ribeiro falleceu em S. Paulo com testamento a 23 de Outubro de 1647, e foi sepultada na capella-mór da igreja dos religiosos carmelitas em jazigo proprio (10), no qual já descançavam as cinzas de seu filho Antonio Pedroso de Alvarenga, sargento-maior da comarca de S. Paulo com 80$ de soldo.

BRASÃO DE ARMAS DOS ALVARENGAS

D.Pedro por graça de Deus principe de Portugal,etc.Faço saber aos que esta minha carta de brasão de armas virem que o capitão Estevão Ribeiro de Alvarenga, e seus irmãos Antonio Pedroso de Alvarenga,o padre-mestre Fr.Luiz dos Anjos, e o padre-mestre Fr. João da Luz, carmelitas calçados, naturaes da villa de S. Paulo, filhos legitimos de Diogo Martins da Costa, e de sua mulher Isabel Ribeiro, netos por parte paterna de Belchior Martins da Costa, e de sua mulher Ignez Martins, naturaes da cidade de Evora, e pela materna de Estevão Ribeiro de Alvarenga, e de sua mulher Maria Missel, naturaes da villa de S. Paulo, o qual Estevão Ribeiro de Alvarenga é filho de Antonio Rodrigues de Alvarenga, natural da cidade de Lamego, filho de Balthazar de Alvarenga e de sua mulher Messia Monteiro, e o dito Antonio Rodrigues de Alvarenga teve outro irmão chamado Manoel Monteiro, filho do mesmo pai e mãi, o qual foi familiar do santo officio,os quaes filhos de Diogo

(9) Cart. de orphãos de S. Paulo, maço 2° de invent. letra A, o de Antonio Rodrigues de Alvarenga.

(10) Cart. 1· de not. de S. Paulo, maço unico de inv. antigos o de D. Anna Ribeiro.

Martins da Costa me fizeram uma petição, na qual me pediam que por viverem na villa de S. Paulo nunca puderam tirar seu brasão de armas por lhes competir, e que queriam fazer certo e notorio em juizo contencioso, e mostrar por testemunhas fidedignas como eram os mesmos descendentes do dito Antonio Rodrigues de Alvarenga, o qual era fidalgo de geração, e elles successores eram herdeiros, e lhes competiam as armas e nobreza dos seus antepassados, pais, e avós dos sobreditos; que outrosim queriam justificar como descendiam da muito illustre familia dos Alvarengas, tão conhecida n'este reino ; e assim queriam renovar esta memoria e honra, para lograrem elles supplicantes e seus descendentes, e se conservar em suas casas para as não consumir o tempo, e para que possam lograr d'aquellas liberdades e fóros concedidos a taes familias, e gerações pelos senhores reis d'este reino, meus antecessores. E sendo esta petição apresentada ao meu corregedor do civel da côrte d'esta minha muito nobre e sempre leal cidade de Lisboa, n'ella pôz que justificassem o que relatavam perante elle, e fizessem certo o que diziam ; e sendo apresentadas sete testemuuhas de todo o credito, fóra de suspeita e de toda a excepção maiores, e as mais d'ellas cavalleiros do habito de Christo, naturaes da cidade de Lamego, que depuzeram de facto proprio ; sendo-lhe os autos conclusos, n'elles proferiu a sentença seguinte : «Sentença.—Vistos estes autos dos justificantes a fl. 2, o capitão Estevão Ribeiro de Alvarenga, e seus irmãos Antonio Pedroso de Alvarenga, e os padres-mestres Fr. João da Luz e Fr. Luiz dos Anjos, carmelitas calçados ; ditos das testemunhas a fl. 7 que eu inqueri, e certidões que se juntaram de fl. 18 em diante, se mostra serem os justificantes filhos legitimos de Diogo Martins da Costa, e de sua mulher Isabel Ribeiro, netos pela parte masculina de Belchior Mar-

tins da Costa, e de sua mulher Ignez Martins, naturaes que foram da cidade de Evora, e pela parte feminina de Estevão Ribeiro de Alvarenga, e de sua mulher Maria Missel, naturaes da villa de S. Paulo; mostra-se outrosim ser o dito Estevão Ribeiro de Alvarenga filho de Antonio Rodrigues de Alvarenga, que foi natural da cidade de Lamego, filho de Balthazar de Alvarenga e de Messia Monteiro, sua mulher; e o dito Antonio Rodrigues de Alvarenga teve outro irmão inteiro chamado Manoel Monteiro de Alvarenga, o qual foi familiar da Santa Inquisição: e como se mostra legalmente serem os justificantes descendentes da illustre familia dos Alvarengas, tão conhecida e esclarecida n'este reino, o que tudo visto com o mais dos autos, julgo aos sobreditos justificantes por filhos legitimos do dito Diogo Martins da Costa, e por descendentes da muito illustre geração e familia dos Alvarengas e Costas, e os julgo tambem por christãos velhos sem raça de mouro ou judeu, nem de outra alguma infecta nação, e poderão tirar as suas sentenças de processo, e paguem as custas dos autos. Lisboa, 2 de Junho de 1681.—*João Xancecem.*» E sendo a dita sentença assignada e publicada pelo dito meu corregedor, da minha côrte e casa da supplicação,tirada do processo,e passada pela minha chancellaria, a qual sendo apresentada a meu rei de armas Portugal, porque a minha tenção é honrar aos meus vassallos, ainda aquelles que mais remotos vivem, para que se não extingam as nobrezas e fidalguias, que seus avós adquiriram e alcançaram : Hei por bem, e me praz de lhes conceder todas as honras, liberdades e isenções que as taes familias de Alvarengas têm, e logram n'este meu reino, e senhorios de Portugal, e poderão trazer as ditas armas que lhes competem, que são as dos Alvarengas, que, visto no livro de armaria, lhes são dadas e conservadas as armas

seguintes : um escudo direito com suas orlas e folhagem com um elmo em cima, e sobre o dito elmo um leão rapante com uma espada dourada na mão direita, e na outra mão esquerda uma estrella de prata, e o dito escudo orlado com filetes dourados, e terá no meio cinco estrellas prateadas em campo azul, e as pontas das folhagens serão tambem douradas. Com estas armas, que são as que se vem, poderão usar d'ellas como suas por lhes competir; e com ellas poderão entrar em festas, carros, justas e torneios, levando-as em seus escudos e rodelas e pondo-as nas portas de suas casas e quintas, e mais partes que lhes bem parecer, e quizerem ; e gozarão de toda a nobreza e fidalguia, que têm os fidalgos de geração por lhes competir, e assim estar julgado no juizo da correição do civel da minha côrte, por cujo effeito lhes mandei passar esta carta de brasão de armas e geração, para que constem as que lhes pertencem, e são as mesmas, que estão no dito livro da armaria, que está em mão e poder do meu rei de armas Portugal, por lhes competir por assim passar por fé o escrivão do seu cargo, que esta subscreveu, a qual vai assignada pelo meu rei de armas Portugal. O principe nosso senhor o mandou por Manoel Soares, seu rei de armas Portugal e arautos e passavantes a 22 de Julho do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesu-Christo de 1681. E eu Francisco de Moraes Coutinho, escrivão das gerações, o subscrevi.—Rei de armas Portugal. Cumpra-se, e registre-se em camara. S Paulo, 17 de Abril de 1683 annos.—Jorge Moreira, Miguel de Camargo, Manoel de Lima do Prado, Antonio Garcia Carrasco, Thomé Mendes Raposo. E eu Jeronymo Pedroso de Oliveira o trasladei bem e fielmente, sem cousa que duvida faça, reportando-me ao original em palavras mais ou menos, e o tornei a seu dono aos 29 dias do mez de Abril de 1683 annos.

Eu Jeronymo Pedroso de Oliveira, escrivão da camara o corri e concertei com o proprio Jeronymo Pedroso de Oliveira.

Do matrimonio de Gonçalo Simões Chassim (tronco) com D. Maria Leme de Brito nasceram em Parnahyba 9 filhos:

Antonio Pedroso................Cap. 1°, falleceu solteiro, baptizado a 28 de Setembro de 1664.
D. Joanna Leme de Brito....... Cap. 2°
João Bicudo Chassim........... Cap. 3°
Manoel Monteiro Chassim....... Cap. 4°
D. Maria Simões............... Cap. 5°
Rodrigo Bicudo Chassim........ Cap. 6°
José Simões................... Cap. 7°
Francisco Bicudo Chassim...... Cap. 8°
D. Anna Leme de Brito....... Cap. 9°

CAPITULO 2°

1—2. D. Joanna Leme de Brito, foi baptizada a 26 de Junho de 1667, e casada em S. Paulo com Francisco de Siqueira e Mendonça, natural e nobre cidadão de S. Paulo, filho de Antonio de Siqueira de Mendonça que falleceu com testamento a 11 de Dezembro de 1686, e de sua mulher D. Anna Vidal, natural de S. Paulo, onde casou a 30 de Janeiro de 1634. Neto pela parte paterna de Lourenço de Siqueira e Mendonça, natural da villa de Santos, da distincta familia de seus appellidos, e nobre cidadão de S. Paulo, onde falleceu. Em titulo de Siqueiras Mendonças, cap. E neto pela parte materna de Alonso Pires Canhamares, nobre castelhano da provincia da cidade da Assumpção do Rio Paraguay, vindo para S. Paulo com outras muitas familias da mesma provincia, entre as quaes foram algumas de sangue illustre; e de sua mulher Maria

Affonso, filha de Gaspar Affonso e de sua mulher Magdalena Affonso, como consta do testamento com que ella falleceu em S. Paulo a 18 de Março de 1662, e já era fallecido seu marido Alonso Pires no 1° de Outubro de 1628 com testamento, no qual declarou que tinha jazigo proprio na igreja dos religiosos carmelitas, no qual mandou sepultar o seu cadaver; ordenando tambem que por sua alma, entre outros suffragios, se lhe fizessem dois officios de defuntos de 9 lições com missa cantada (11). Falleceu D. Anna Vidal com testamento a 12 de Outubro de 1680, e seu marido Antonio de Siqueira falleceu com testamento a 11 de Dezembro de 1686 (12).

E teve nascidos em S. Paulo:

2—1. D. Catharina Bicudo.......... § 1°
2—2. D. Anna Vidal de Siqueira..... § 2°
2—3. D. Maria Leme de Brito....... § 3°
2—4. Antonio Jorge Chassim........ § 4°
2—5. D. Isabel Bicudo............. § 5° falleceu solteira.
2—6. D. Luzia Leme de Siqueira..... § 6° falleceu solteira.
2—7. Gonçalo Simões Chassim...... § 7° falleceu solteiro.
2—8. Francisco de Siqueira......... § 8° falleceu solteiro.

§ 1°

2-1. D. Catharina Bicudo, foi casada com Antonio Alexandre de Siqueira Bitancourt, que falleceu em Cuyabá,

(11) Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço de inventarios letra M, o de Maria Affonso, idem o da letra A, o de Alonso Pires, e cartorio 1° de notas de S. Paulo, no caderno titulo maço de 1628 pag. 50, o testamento de Alonso Pires Canhamares.

(12) Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço de inventarios letra A, o de Antonio de Siqueira, e nos mesmos por appenso o de Anna Vidal.

natural da Victoria de Santa-Cruz da Ilha Graciosa, pessoa de reconhecida nobreza pelos costados dos seus quatro avós, como vimos em um instrumento de *nobilitate probanda* processado na Graciosa, em Agosto de 1731, a favor do justificante dito Antonio Alexandre de Siqueira, tempo em que se achava já em S. Paulo. Este instrumento veiu authenticado pela certidão de India e Mina, e se conserva no poder dos seus herdeiros, aos quaes aconselhámos no anno de 1766 que o fizessem registrar nos livros da camara de S. Paulo. Por elle sabemos que foi filho legitimo de Theodosio de Bitancourt (irmão do padre Antonio Alexandre de Bitancourt), e de sua mulher D. Maria da Silveira. Neto pela parte paterna de Mathias de Miranda de Bitancourt, nobre cidadão da Graciosa, e de sua mulher Maria Furtado de Mendonça. Por seu avô bisneto de Manoel Gonçalves Maduro, nobre cidadão da Graciosa (filho de Gaspar Gonçalves Maduro, e de Ignez de Avila de Bitancourt), e de sua mulher Ignez da Avila de Bitancourt. Por sua avó paterna bisneto de Pedro Furtado de Mendonça, nobre cidadão da Graciosa, onde sempre teve o tratamento de armas, cavallos e criados, e de sua mulher Catharina Alvares. E pela parte materna neto de Simão da Cunha Frazão, nobre cidadão da Graciosa (irmão do padre Antonio Frazão, beneficiado, e do padre prégador Fr. Pedro da Victoria, franciscano), e de sua mulher D. Maria de Mendonça. Bisneto de Pedro da Cunha de Avila, nobre cidadão da Graciosa, capitão da ordenança d'ella com tratamento de armas, cavallos e criados (filho de Melchior Gonçalves de Avila, capitão da ordenança da Graciosa, e de sua mulher D. Catharina da Veiga Espinola Doria, que foi filha de Manoel Pires de Figueiredo, capitão-mór da Graciosa, e de sua mulher D. Anna Espinola da Veiga Doria), e de sua mulher Brigida de Bobadilho Frazão, que foi filha de Francisco de

Bobadilho Frazão, cidadão da Graciosa, e de sua mulher Anna Lopes Lobão. Por sua avó dita D. Maria de Mendonça bisneto de João Espinola Netto, cidadão e capitão da ordenança da Graciosa, e de sua mulher Catharina de Alvarenga Lobão, que foi filha de Sebastião Luiz Lobão e de sua mulher Maria Garcia de Mendonça.

E teve :

3—1. Antonio Alexandre de Siqueira.
3—2. O padre Francisco Bicudo de Siqueira.
3—3. O padre Theodosio Alexandre de Bitancourt.
3—4. D. Anna Maria Leme.
3—5. D. Francisca Leme de Siqueira.

3—1. Antonio Alexandre de Siqueira, casou com Maria Bueno, filha do capitão Antonio Corrêa Pires Barradas, e de sua mulher D. Maria Bueno da Veiga. Em titulo de Buenos, cap... E teve filhos.

3—2. O padre Francisco Bicudo de Siqueira, presbytero de S. Pedro, sujeito de um admiravel genio e docilidade, muito liberal, e digno das occupações parochiaes, de que tem sido encarregado em varias igrejas do bispado de S. Paulo.

3—3. O padre Theodosio Alexandre de Bitancourt, presbytero de S. Pedro.

3—4. D. Anna Maria Leme, solteira.

3—5. D. Francisca Leme de Siqueira, solteira.

§ 2°

2—2. D. Anna Vidal de Siqueira, existe em 1773 em S. Paulo, na sua fazenda e sitio da Emboaçava; e foi casada com Francisco Alexandre da Cunha, que nasceu na villa de Santos, indo seus pais de morada para a ilha de S. Sebastião, onde se criou, e foi filho de Sebastião Alexandre

de Figueiredo, e de sua mulher Catharina de Unhate de Medeiros, ambos naturaes de S. Paulo, e ella foi da nobre familia e parente muito propinquo de Manoel Lopes de Medeiros, sargento-mór da comarca de S. Paulo por patente regia com 80$000 de soldo, e de seu irmão o padre Antonio Lopes de Medeiros, presbytero de S. Pedro ; o dito Sebastião Alvares de Figueiredo em titulo de Cunhas Gagos. E teve nascidos em S. Paulo dez filhos.

3—1. Valentim Alexandre.

3—2. Lourenço Leme de Siqueira, existe na sua fazenda de engenho de estillar aguardente de cama, junto ao rio Tieté, onde lhe chamam a Ponte ; está casado com D. Maria do Amaral Grugel, filha de Antonio Gonçalves do Prado, cidadão de S. Paulo, e de sua mulher D. Isidora do Amaral Grugel, que foi filha do sargento-mór Bento do Amaral da Silva, natural do Rio de Janeiro, e de sua mulher D. Escolastica de Godoy. Em titulo de Taques Pompêos, cap. 2.° E tem em 1773 cinco filhos.

§ 3.°

2—3. D. Maria Leme de Brito pag. 151, casou em S. Paulo com Antonio Guedes Pinto, e foi de morada para a villa de Jundiahy. E teve :

3—1. Nicoláo Guedes Pinto.
3—2. Antonio Guedes Pinto.
3—3. Francisco Guedes Pinto.
3—4. Lourenço Guedes Pinto.
3—5. D. Maria Ribeiro Pinto.

§§ 4°, 5°, 6°, 7° e 8°

2—4. Antonio Jorge Chassim, falleceu em S João de Atibaya, e foi casado com uma filha do capitão Pedro Fer-

nandes de Avelar. Sem geração. Os dos §§ supra falleceram solteiros.

CAPITULO III

1—3. João Bicudo Chassim (filho de Gonçalo Simões Chassim e de D. Maria Leme de Brito), baptizado em Parnahyba a 29 de Setembro de 1672, passou a estabelecer-se na villa de Itú, onde casou a 4 de Setembro de 1694 com Isabel Cubas, natural da mesma villa, e filha de Hieronimo Gonçalves Meira, e de sua mulher Francisca Cubas; esta natural de S. Paulo; aquelle da villa de S. Vicente. Neta pela parte paterna de Pedro Gonçalves Meira da villa Franca de Vianna, e de sua mulher Maria Vieira, natural de S. Vicente, e pela materna neta de Gaspar João Barreto, da villa de Freixo de Espada á Cinta, e de sua mulher Francisca Cubas, de S. Paulo. Tudo se prova assim nos autos de *genere* do padre Joaquim Gonçalves Meira, processados em 1684, que existem na camara episcopal de S. Paulo no maço 1º de letra I. Por sua avó D. Francisca Cubas. Em titulo de Annes Sobrinhos. E teve em Itú dois filhos.

2—1. Gonçalo Cubas Chassim. . . . § 1º

2—2. Francisca Cubas . . . . . . § 2º casou em Parnahyba com João Pinto Guedes.

2—1. Gonçalo Cubas Chassim, casou na villa de Jundiahy com...

CAPITULO IV

1—2. Manoel Monteiro Chassim, casou em S. Paulo com Catharina de Godoy Moreira, irmã inteira dos carmelitas Fr. Gaspar e Fr. Jorge, e de D. Anna Moreira, mulher do capitão-mór Pedro de Moraes Raposo. Em titulo de Godoys. Passou para Minas-Geraes, onde teve o seu estabelecimento

e falleceu na capella de Santo Antonio do Porto-Real, freguezia de S. Miguel, termo da villa de Caethé. (Em titulo de Godoys, cap. 3° § 1° n. 3—8). E teve:

2—1. Gonçalo Monteiro Chassim...... § 1° falleceu solteiro em S. Miguel.
2—2. Maria Leme de Brito........... § 2°
2—3. Antonio Bicudo............... § 3°
2—4. Custodia Moreira.............. § 4°
2—5. Ignez Monteiro de Godoy......... § 5°
2—6. Joaquim de Godoy Moreira....... § 6°
2—7. João Bicudo de Brito Leme...... § 7°
2—8. Manoel Monteiro Chassim .... § 8°

§ 2°

2—2. Maria Leme de Brito, natural de Nossa Senhora da Penha de Araçariguama. Casou em Minas-Geraes na freguezia de S. João do Morro Grande, termo de Caethé, comarca de Sabará, com Romão de Oliveira Gago, natural da villa de Paraty do bispado do Rio de Janeiro, filho legitimo de Domingos de Paiva Ledo, natural da villa de Guaratinguetá, e de sua mulher Isabel Nogueira de Freitas, natural da Ilha Grande. Teve o seu estabelecimento no seu engenho da Cachoeira do Rio de S. Francisco da freguezia de Catas Altas do Mato Dentro, onde falleceu com testamento e onde teve nove filhos:

3—1. Manoel de Oliveira Leme.
3—2. João de Oliveira Leme.
3—3. Thomé Monteiro de Oliveira.
3—4. Maria Leme de Brito.
3—5. Theodora Leme de Oliveira.
3—6. O padre Agostinho Monteiro de Oliveira
3—7. José de Godoy Moreira.

3—8. O padre Joaquim de Oliveira Gago.

3—9. Anna Maria de Oliveira.

3—1. Manoel de Oliveira Leme, natural de Catas Altas do Mato Dentro, onde falleceu solteiro.

3—2. Joaquim de Oliveira Leme, natural da freguezia do Surgidouro, falleceu solteiro em Catas Altas com testamento.

3—3. Thomé Monteiro de Oliveira, natural de Catas Altas; aprendeu grammatica no seminario de Belém e philosophia no collegio do Rio de Janeiro, e recolhendo-se a Minas, depois da morte de seus pais, administrou os bens do casal, criou, educou e ensinou grammatica a seus irmãos, que fez ordenar, Agostinho Monteiro e Joaquim de Oliveira; deu estado ás suas tres irmãs, e se conserva hoje estabelecido na mesma fazenda que foi de seus pais; e casou em 1763 em Catas Altas com D. Anna Joaquina Valentina, natural da freguezia de Santo Antonio da Casa Branca, irmã inteira do vigario de Catas Altas, Manoel Moreira, filha legitima do capitão Luiz de Figueiredo Leitão, natural do reino do Algarve, e de sua mulher D. Antonia Maria Caetana, irmã do padre Ignacio de Souza, natural d'esta cidade de Lisboa. E teve :

4—1. Thomé.

4—2. Paulo.

4—3. José.

3—4. Maria Leme de Brito, casou com Bartholomeu Godinho da Costa, natural da ilha de Santa Maria, estabelecido no lugar de Antonio Dias, abaixo da freguezia de S. Miguel. E teve no dito lugar, excepto a primeira filha.

4—1. Genoveva Vieira de Oliveira, natural da freguezia de S. José da Barra Longa.

4—2. Romão de Oliveira Gago.

4—3.ª Anna Theodora.

4—4. José Vieira Godinho.

4—5. Ignacio de Oliveira, falleceu de 10 annos.

4—6. João de Oliveira Leme.

3—5. Theodora Leme de Oliveira, casou na freguezia de Santo Antonio do Ribeirão de Santa Barbara com o capitão Luiz Fernandes de Oliveira, natural de Guimarães que na sua fazenda de Itajurú da mesma freguezia fundou e paramentou a capella de S. José e Santa Anna, tendo-lhe feito patrimonio na propria fazenda, e que muitas vezes á sua custa por serviço d'el-rei e utilidade publica, concertou a estrada do Serro do Frio, fazendo de novo e concertando pontes, ainda nas testadas alheias, em distancia de oito leguas, que vão do Arraial de Santa Barbara ao Tanque ; homem muito honrado, e amigo da paz, qualidade que o costumou fazer louvado na maior parte das duvidas do seu tempo, em cuja composição nunca ficava sem effeito a sua actividade: falleceu ella na mesma freguezia, assim como seu esposo, ao qual não sobreviveu mais de 16 dias com testamento a 19 de Fevereiro de 1764. E teve naturaes de Santo Antonio do Ribeirão seis filhos :

4—1. Luiz Fernandes de Oliveira.

4—2. Maria de Godoy Moreira.

4—3. Manoel Fernandes de Oliveira.

4—4. José d'Oliveira Gago.

4—5. Anna.

4—6. Joaquina.

3—6. O padre Agostinho Monteiro de Oliveira, ordenou-se em S. Paulo com reverendas do bispado de Mariana em 1763, foi dois annos capellão na capella de Santo Antonio do Porto Real, filial da freguezia de S. Miguel, e dois annos coadjuctor na freguezia de S. João do Morro Grande. Em 5 de Dezembro de 1770 fez em Mariana opposição ás igrejas de Antonio Dias, da Villa Rica, da villa de Caethé, e

de Santo Antonio do Rio das Velhas, acompanhou a Lisboa a consulta das mesmas igrejas ás quaes fez segunda opposição na mesa da consciencia; e finalmente oppôz-se ás igrejas de Nossa Senhora de Nazareth do Inficionado e de S. José da Barra Longa, que todas ainda pendem até Maio de 1775. Este padre e seu irmão foram em 76 para o Brasil sem as igrejas que esperavam e só com recommendações do bispo que ia para lá, e que depois desistiu, que foi antes de Macáo.

3—7. José de Godoy Moreira, falleceu em Paracatú de idade de 13 annos.

3—8. O padre Joaquim de Oliveira Gago, ordenou-se de presbytero em Mariana em 1762. Veiu a 9 de Março de 1771 com seu irmão o padre Agostinho Monteiro de Oliveira, e correu a mesma fortuna que este, e ainda ficou em Lisboa depois da ida do irmão, esperando pelas consultas.

3—9. Anna Maria de Oliveira, casou na freguezia de Santo Antonio do Ribeirão de Santa Barbara com o alferes João Martins Couto, natural da mesma freguezia, filho legitimo de Nuno Moniz Couto, natural de Portugal, e de sua mulher Luzia Rodrigues, natural da villa de Itú, estabelecido no Itajurú da mesma freguezia com lavra, em que é socio dos orphãos do defunto capitão Luiz Fernandes de Oliveira, a quem em sua vida comprára a terça parte da lavra, que possue com seu irmão Manoel Martins Couto por haver comprado outra terça parte. E teve naturaes da dita freguezia :

4—1. Maria Martins.

4—2. João Martins Couto.

§§ 3º e 4º

2—3. Antonio Bicudo, casou em Taubaté com . . .

e passando para Minas falleceu em Embatiú; foi natural de Araçariguama.

2—4. Custodia Moreira, falleceu solteira em S. Paulo; natural de Araçariguama.

§ 5º

2—5. Ignez Monteiro de Godoy, natural de Araçariguama casou em Minas-Geraes com João Lucas da Silva, natural de Portugal, e teve estabelecimento na freguezia de S. José da Barra Longa. E teve quatro filhos, naturaes da mesma freguezia.

3—1. Maria de Godoy Moreira, casou na dita freguezia com Manoel Antunes da Silva, natural de Portugal, que falleceu na mesma freguezia, onde alguns annos antes de sua morte teve estabelecimento em uma fazenda de roça e lavras, que havia comprado, depois entregou a seu tio, o tenente Silvestre da Silva. E teve:

4—1. Joaquim.

4—2.

4—3.

3—2. Manoel Monteiro de Godoy, casou na freguezia de Santo Antonio do Ribeirão de Santa Barbara com Agueda Maria, natural da mesma freguezia, filha de Domingos da Costa Lage, e de sua mulher Luzia Rodrigues, natural de Itú, viuva que ficou de Nuno Martins Couto. E teve:

4—1.

4—2.

§ 6º

2—6. Joaquim de Godoy Moreira, falleceu solteiro na freguezia de S. Miguel termo da villa de Caethé, no seu engenho da Cachoeira Comprida, em companhia de seus irmãos e socios João Bicudo de Brito e Manoel Monteiro Chassim.

§ 7°

2—7. João Bicudo de Brito, natural do Sumidouro (filho de Manoel Monteiro Chassim, do cap. 4° pag. 156), casou na capella de Santo Antonio do Porto Real da freguezia de S. Miguel com Catharina Josepha, natural da mesma freguezia, filha de Manoel Teixeira, natural de Portugal, e de sua mulher.

E teve na dita freguezia :

3—1. Catharina de Godoy Moreira.

3—2. João Bicudo de Brito.

§ 8°

2—8. Manoel Monteiro Chassim (filho ultimo do cap. 4°), casou na freguezia de S. Caetano com D. Maria Thomazia, natural da Mariana, filha de João Vieira Aranha, natural de S. Romão de Paredes, sargento-mór de milicias em Mariana, e de sua mulher D. Caetana Josepha da Trindade, filha do capitão João Antonio Rodrigues, hespanhol, e de D. Maria Moreira Candida, e irmã direita do padre Manoel Caetano, vigario collado da Campanha do Rio Verde, do capitão João Rodrigues Moreira, do carmelita Fr. Matheus (que falleceu em Lisboa em 1780, mudado o habito carmelita no de S. Pedro), do desembargador do Porto Gaspar Gonçalves dos Reis (que existe na villa de Ega, estrada do Porto, aposentado), natural da cidade de Mariana; elle natural do Sumidouro E teve naturaes da freguezia de S. Miguel :

3—1. Gaspar de Godoy Moreira.

3—2. Manoel Monteiro Chassim.

3—3. João Vieira de Godoy Alvarenga.

3—4. Joaquim Simplicio de Godoy Alvarenga.

3—5. Maria Crescencia de Alvarenga.

3—6. Caetana Ernestina de Alvarenga.
3—7. Anna Luiza de Alvarenga.
3—8. Antonia Balbina de Godoy.
3—9. José Wenceslão Monteiro.
3—10. Francisco Procopio da Silva Monteiro.
3—11. D. Catharina de Godoy Moreira.

CAPITULO V

1—5. D. Maria Simões (filha de Gonçalo Simões Chassim), natural de Parnahyba, casou com Pedro Gonçalves de Meira, natural de S. Paulo, filho de Jeronymo Gonçalves de Meira, da villa de S. Vicente, e de sua mulher Francisca Cubas, natural de S. Paulo, dos quaes já tratámos no cap. 3.º Esta foi filha de outra Francisca Cubas (mulher de João Gaspar Barreto), a qual foi filha de Gaspar Cubas, natural da villa de Santos e nobre cidadão de S. Paulo, onde falleceu com testamento em 6 de Agosto de 1648, e de sua mulher Isabel Sobrinha, natural de S. Paulo, onde falleceu com testamento a 22 de Julho de 1619 (13). E' este Gaspar Cubas, filho de Diogo Gonçalves Ferreira, natural da cidade do Porto, e de sua mulher Francisca Cubas, a quem fez doação em dote de casamento por escriptura de 15 de Abril de 1571 seu tio Antonio Cubas (este era irmão direito de Gonçalo Nunes Cubas, que foi pai da dita Francisca Cubas, mulher de Diogo Gonçalves Ferreira), que toda a fazenda, que na cidade do Porto pertencia a elle doador Antonio Cubas por seus pais João Pires Cubas e Isabel Nunes, e tambem por seu avô Nuno Rodrigues, cidadãos e natu-

(13) Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 2º de inventarios letra I, o de Isabel Sobrinha.
E nos mesmo autos por appenso o de seu marido Gaspar Cubas.

raes do Porto, comprehendendo n'esta doação bens moveis, de raiz, casaes, arrendamentos, alugueres e fóros, como tudo se vê melhor da dita escriptura, que se acha no primeiro cartorio de notas de S. Paulo, no caderno titulo 1571 pag. 3. Este Antonio Cubas, seus irmãos Gonçalo Nunes Cubas e Braz Cubas vieram todos ao Brasil, com o donatario de S. Vicente, que foi fundada em 1531. O Braz Cubas foi cavalleiro fidalgo, e o fundador e povoador da villa de Santos, da qual foi sempre alcaide-mór e provedor da fazenda real. A dita Isabel Sobrinha, mulher de Gaspar Cubas, filho e filha de Joanne Annes Sobrinho, e de sua segunda mulher Isabel Duarte. Este Joanne Annes foi pessoa de conhecida nobreza, e um dos primeiros povoadores de S. Vicente, vindo de Portugal para ella com sua primeira mulher Maria Gonçalves, com tres filhas e um filho. De S. Vicente passou para S. Paulo, onde em 1572 falleceu dita Maria Gonçalves, e seu marido falleceu com testamento a 17 de Setembro de 1580. (14)

E teve nascidos em S. Paulo:

2—1. Antonio Simões Chassim....... § 1°
2—2. Francisco Bicudo.............. § 2°
2—3. D. Maria Leme da Assumpção. § 3°
2—4. Guilherme Bicudo............. § 4°
2—5. D. Maria Pedrosa............. § 5°
2—6. D. Francisca Cubas........... § 6°
2—7. Hieronimo Gonçalves Meira..... § 7°
2—8. Manoel Bicudo................ § 8°
2—9. Pedro Gonçalves Meira......... § 9°
2—10. Gonçalo Simões de Meira...... § 10°

2—1. O padre Antonio Simões Chassim, habilitado *de genere* em 1720, foi para o Cuyabá, onde falleceu.

(14) 1° cartorio de notas de S. Paulo, titulo Abril de 1580 pag. 23, o testamento de Joanne Annes no caderno.

§ 2°, 3°, 4°, 5°, 6°, 7°, 8°, 9° e 10°

2—2. Francisco Bicudo, casou na villa de Itú a 27 de Maio de 1724 com D. Angela de Siqueira, filha do capitão Maximiano de Goes e Siqueira, e de sua mulher D. Maria de Arruda. Em titulo de Taques Pompêos, cap. 3° Com sua descendencia.

2—3. D. Maria da Assumpção, casou em Itú a 10 de Maio de 1704 com Gabriel Gonçalves Penna, natural da Ribeira de Penna, arcebispado de Braga, filho de Domingos Gonçalves, e de sua mulher Domingas Francisca. E teve filho unico Francisco.

2—4. Guilherme Bicudo, casou em Itú duas vezes, a primeira a 28 de Maio de 1708 com Maria Nunes, filha de Manoel da Costa, e de sua mulher Faustina Aranha, sem geração; segunda vez, casou a 6 de Julho de 1718 com Maria de Chaves, filha de Pedro de Chaves, e de sua mulher D. Lucrecia Leme, sem geração.

2—5. D. Maria Pedroso, casou em Itú a 4 de Fevereiro de 1706 com Hieronimo da Veiga Monteiro, filho de Antonio Bicudo, e de sua mulher Apollonia da Veiga. Em titulo de Bicudos Castanhos, cap.

2—6. D. Francisca Cubas, casou em Itú a 16 de Junho de 1716 com Ignacio Alves de Lima, natural da villa da Ilha de S. Sebastião, filho de José Alves, e de sua mulher Anna Maria : deixou geração em Itú.

2—7. Hieronimo Gonçalves de Meira, casou em Itú com Leonor de.... e com ella foi de morada para o Cuyabá, onde falleceu, sem geração.

2—8. Manoel Bicudo, no estado de solteiro o mataram nas Minas Geraes.

2—9. Pedro Gonçalves de Meira, passou para Itú, onde existe e casou com....

2—10. Gonçalo Simões de Meira, casou com filha ou irmã do capitão-mór D. Simão de Toledo Piza; ambos fallecidos de veneno na villa de Itú, sem geração.

CAPITULO VI

1—6. Rodrigo Bicudo Chassim (filho de Gonçalo Simões Chassim, e de D. Maria Leme de Brito), foi baptizado na villa de Parnahyba a 27 de Julho de 1676, com o nome de Gonçalo, que no sagrado chrisma mudou, tomando o de Rodrigo; casou na matriz de S. Paulo a 26 de Janeiro de 1698 com D. Maria Pires de Barros, filha do capitão Pedro Vaz de Barros, e de sua mulher D. Maria Leite de Mesquita, ambos naturaes de S. Paulo. Em titulo de Mesquitas, ou em titulo de Pedrosos Barros, cap...§... Foi Rodrigo Bicudo nobre cidadão da Parnahyba, onde sempre teve as redeas do governo d'aquella republica; e onde falleceu com testamento a 30 de Março de 1742 (15). Estabeleceu-se na freguezia de Nossa Senhora da Penha de França no bairro de Araçariguama com uma nobre e opulenta fazenda, da qual percebia avultados rendimentos com numerosa escravatura. Estando nas Minas-Geraes, invadiu a praça do Rio de Janeiro o inimigo francez no anno de 1711, no qual tempo era Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, governador e capitão-general da capitania de S. Paulo, e se achava residindo em Minas-Geraes; e com a noticia d'aquella invasão dispôz-se a ir soccorrer a cidade do Rio de Janeiro, com os Paulistas mais potentados d'aquellas Minas, entre os quaes se fez distincto n'este particular ser-

(15) * Este testamento acha-se no cartorio de orphãos do Parnahyba, maço de inventarios letra B n. 641, como tem o autor nos seus apontamentos.

viço o capitão Rodrigo Bicudo Chassim, que abalou com 200 homens de armas á sua custa, no que gastou grosso cabedal. Tambem se achou nas minás do Cuiabá nos primeiros annos do seu descobrimento; e d'ella se recolheu para Araçariguama bastantemente opulento; e viveu sempre abastado com grande copa de prata, e ricos moveis de casa. Sua mulher D. Maria Pires de Barros falleceu em Parnahyba com testamento a 26 de Maio de 1751 (16). Veja-se a nota.

E teve sete filhos:

2—1. D. Maria Leite do Rosario................ § 1º
2—2. D. Anna Pires de Barros.................. § 2º
2—3. Bento da Gama de Alvarenga Chassim.... § 3º
2—4. D. Escolastica Leite........................ § 4º
2—5. Bernardo Bicudo Chassim.................. § 5º
2—6. D. Maria Pires de Barros................. § 6º
2—7. Ignacio Xavier Bicudo de Barros.......... § 7º

(16) * Acha-se este testamento no juizo ordinario de Parnahyba, e n'elle se declaram os nomes de seu marido e dos filhos e genros, com os seus cargos. etc., que está escripto nos apontamentos do autor, caderno letra M de Parnahyba.

E tambem se acha no cartorio Ecclesiastico de S. Paulo com as mesmas circumstancias.

NOTA

O capitão Rodrigo Bicudo, achando-se nas minas do Cuiabá quando para ellas passou o general Rodrigo Cesar de Menezes, foi terceiro juiz ordinario mais velho da creação da villa, que foi erigida no 1º de Janeiro de 1727, e foi seu companheiro o tenente-coronel João de Queiroz Mascarenhas Sarmento, como consta de um termo tirado dos livros da secretaria do governo, e registrado no livro 1º dos registros a folhas 21 verso, e do 1º das vereanças a folhas 2 do archivo da camara de Cuiabá, E do mesmo livro de registro consta a folhas 28 e 28 verso servir o mesmo capitão Chassim de ouvidor geral por carta do dito general de 8 de Abril de 1729, muito honrosa, em lugar do desembargador Antonio Alves Lanhas Peixoto, que se escusou por carta do mesmo dia psr motivos de molestia. E o mesmo ouvidor Chassim se ausen-

§ 1.º

2—1. D. Maria Leite do Rosario, casou em Araçariguama com o capitão Fernão Bicudo de Andrade, por procuração por este se achar ausente em Minas Geraes; natural ou morador da Ilha Grande de Angra dos Reis, filho de Melchior de Andrade de Araujo, e de sua mulher Maria Bicudo de Brito; esta falleceu no Rio das Mortes em 1711, e aquelle falleceu na villa de Angra dos Reis, com testamento, a 3 de Abril de 1700 (Cartorio de orphãos de Parnahyba, inventario de Maria Bicudo de Brito n. 523). E em titulo de Bicudos Carneiros, cap... Este capitão Fernão Bicudo de Andrade passou de S. Paulo com sua mulher para as minas de Goiazes, estando estabelecido com lavras mineraes de grande rendimento no arraial da Meia-Ponte, alli falleceu e sua mulher. E teve naturaes de Araçariguama, que foram com seus pais para Goiazes, quatro filhos:

3—1. D. Maria Joanna.
3—2. D. Gertrudes de Andrade.
3—3. Rodrigo Bicudo de Andrade.
3—4. Athanasio Leite de Andrade.

3—1. D. Maria Joanna, casou em villa Bôa de Goiazes em 1749 com Antonio Luiz Lisboa, fiscal da real capitação desde o anno do seu estabelecimento n'aquellas minas; e depois foi intendente da casa da fundicção do arraial de

tou para S. Paulo encarregado de varias ordens do general, como consta da que se acha á folhas 34 verso datada a 2 de Junho de 1727; e em seu lugar foi eleito de barrete o mestre de campo Antão Leme da Silva a 18 de Junho do mesmo anno, como consta do livro 1.º das vereanças a folhas 18 e 18 verso. Foi depois capitão-mór e fundou a igreja de Nossa Senhora da Penha de Araçariguama, que paramentou, e dotou com bastante dinheiro posto a juros, que até o presente é o patrimonio da dita igreja, que serve de matriz d'aquella freguezia.

S. Felix, Chapada, e outros, que foi creada em 1753 por D. Marcos de Noronha, governador e capitão-general de capitania de Goiaz, a quem mandou el-rei D. José que, visto a representação d'aquelles povos, e neccessidade que havia d'aquella casa de fundição, passasse elle governador a erigil-a no arraial de S. Felix, creando todos os officiaes d'ella e até intendente, que queria que fosse homem letrado, visto dever ter os mesmos emolumentos, jurisdicção, privilegios e mais prerogativas, que são concedidas aos mais intendentes pela lei de 3 de Dezembro de 1750, e visto deverem julgar, sentenciar, etc. Porém o general dando conta a Sua Magestade que não havia sargento graduado capaz, e que tinha achado todas as boas qualidades em Antonio Luiz Lisboa, foi Sua Magestade servido approvar a dita nomeação; e ficou este existindo não só no titulo do conde dos Arcos, e depois no titulo do conde de S. Miguel D. Alvaro José Xavier Botelho, mas no titulo do successor d'este, em que falleceu dito Antonio Luiz, que foi em 1765. Depois d'elle succedeu-lhe no lugar de intendente Manoel Gomes de... lavrador que alli existiu mais de 20 annos, e que foi preterido na creação da dita casa de fundição.

E teve:

3 — 2. D. Gertrudes de Andrada, casou em Meia-Ponte com André Corrêa de Toledo, natural e cidadão de Taubaté, filho do capitão João Vaz Cardoso. Em titulo de Toledos.

3 — 3. Rodrigo Bicudo de Andrada, casou na Meia-Ponte com filha de Francisco de Siqueira Gil, natural e cidadão de Taubaté, e de sua mulher D. Anna Ribeiro Leite, a qual foi filha de Gaspar Corrêa Leite. Em titulo de Mirandas. E Francisco de Siqueira Gil, em titulo de Tevericás, cap...

3—4. Athanasio Leite de Andrade, casou na Meia-Ponte com D....., filha de Salvador Jorge Luiz. Em titulo de Buenos de Ribeira, cap... § ... e de sua mulher D..... filha de Antonio Ferraz de Araujo, natural de Parnahyba, em titulo de Ferrazes Araujos, cap... § ...

§ 2º

2—2. D. Anna Pires de Barros Leite, natural da freguezia de Araçariguama, em cuja matriz casou com Francisco Nabo Freire, sargento-mór dos auxiliares da villa de Guaratinguetá, onde teve o seu estabelecimento, e falleceu com testamento a 8 de Janeiro de 1765, natural da cidade de Lagos no Algarve, filho de João Neto Delgado Arouche, e de D. Maria Freire, nascido em Lagos a 20 de Julho de 1642, e casou na mesma cidade a 26 de Janeiro de 1660. Neto pela parte paterna de Domingos Neto, natural da villa de Setubal, capitão e governador da antiga fortaleza do Azevial na barra de Lagos, onde foi morto com sua mulher em uma invasão, que fizeram os mouros em um domingo, estando todos á missa e descuidados (filho de João Alves e Joanna Neto), e de sua mulher Francisca Amado, filha de João Neto Delgado, e de sua mulher Maria Rodrigues, naturaes ambos de Lagos. Neto pela parte materna de Balthasar Nabo (filho de Gaspar Nabo, e de Maria Freire, naturaes de Lagos), e de sua mulher Anna Dias, filha de João Dias Ribeiro, e Leonor Dias, todos naturaes de Lagos. Isto consta do instrumento que se processou na cidade de Lagos por parte de Agostinho Delgado e Arouche, em que depuzeram as pessoas mais distinctas da dita cidade; e se acha nos autos *de genere* de seus filhos na camara episcopal de S. Paulo L. F.

E teve dois filhos:

3—1. Agostinho Delgado e Arouche, natural da freguezia de Araçariguama, nobre cidadão de S. Paulo, casou a 23 de Janeiro de 1746 na igreja de Nossa Senhora do Carmo da mesma cidade com D...

3—2. D. Maria Freire filha do sargento-mór Francisco Nabo Freire), casou com José Sorares, natural da villa de Sorocaba, filho do capitão Domingos Soares Paes, de Curitiba, e de sua mulher Maria Leite da Silva, de Sorocaba

§ 3º

2—3. Bento da Gama de Alvarenga Chassim, natural de Araçariguama, nobre cidadão de S. Paulo, em cujo termo fez o seu estabelecimento com excellente fazenda de cultura e moenda de espremer a canna e estillar aguas-ardentes. Passando á provincia do Rio-Grande de S. Pedro do sul, e achando-se na campanha do Rio Pardo em posto de capitão de soldados milicianos, levado do ardor natural, que herdou dos nobres ascendentes, que no serviço do rei foram sempre soldados aventureiros sem soldo, nem interesse de premios, não duvidou acompanhar para uma facção de credito, mais temeraria que valorosa, aos capitães João de Siqueira Barbosa e Miguel Pedroso Leite, ambos naturaes de S. Paulo, que com o limitado corpo de 200 Paulistas, todos bisonhos, sem menor disciplina militar, atacaram em 1762 uma fortaleza, que por todos os lados tinha artilheria de grosso calibre, e por governador d'ella a D. Antonio Catane, havendo, dentro do presidio varios officiaes de patente com soldados de tropas regulares, além de um corpo de 2.000 indios, destros em atirar flechas e no fogo dos arcabuzes. E foi Bento da Gama um dos soldados que venceu a muralha da dita fortaleza, tendo por companheiros d'esta grande acção a

um mesmo tempo os dois capitães paulistas acima, e o tenente de infantaria Cypriano Cardoso de Barros Leme, natural tambem de S. Paulo, e foi tal a confusão dos do presidio, que o primeiro que fugiu foi o governador D. Antonio Catane, em camisa, para não ser conhecido pela farda, ficando prisioneiros um mestre de campo, o sargento-mór, tres tenentes e dois artilheiros, que ambos eram jesuitas, que, tendo por fardas as roupetas, se fizeram bem conhecidos. Ficaram senhores da artilharia grossa e miuda, grande numero de espingardas, catanas, dardos, etc., grande numero de barris de polvora, e tudo que estava dentro da fortaleza, e se deu este despojo aos 200 soldados paulistas, de que pouco se aproveitaram, porque toda a ambição de interesse se apoderou dos soldados dragões. Desenfestada a campanha, recolheram-se os nossos para a praça do Rio Pardo com 21.000 vacas, e 16,000 cavallos ; e devendo este despojo ser repartido pelos 200 Paulistas, não se praticou assim, porém sempre tiveram a honra do real serviço n'esta grande acção.— Bento da Gama recolheu-se a salvamento á sua casa, onde existe. Está casado com D. Escholastica de Camargo, natural de S. Paulo, filha de José de Camargo e Siqueira, o qual falleceu com testamento a 19 de Setembro de 1716, e de sua mulher Domingas Franca de Brito, natural de S. Paulo, onde falleceu com testamento a 26 de Junho de 1734, e foi filha de Manuel Franco, e de sua mulher Maria da Rocha Canto (17).

E teve :

(17) Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 1º de inventarios, letra D n. 46 o de Domingas Francisca de Brito. Camara episcopal de S. Paulo autos *de genere* de Antonio Pedroso de Barros.

3—1. O padre Antonio Pedroso de Barros, tem sido vigario de algumas igrejas do bispado de S. Paulo.

3—2. Rodrigo Bicudo Chassim.

3—3. Francisco Pedroso de Barros Leite.

3—4. Felisberto Antonio.

3—5. Manuel Francisco.

3—6. D. Antonia Pires de Barros, casou na Sé de S. Paulo com Valentim Corrêa Leme, natural da villa de Pindamonhaugaba, filha de Matheus Corrêa Leme, e de sua mulher Monica Leite.

3—7. D. Maria Pires de Barros, casou na Sé com Manuel Soares do Valle, natural de Coritiba, e filho de João Soares do Valle, natural de Portugal.

3—8. D. Anna Maria de Camargo.

§ 4.°

2—4. D. Escholastica Leite (filha do capitão Rodrigo Bicudo Chassim, pag. 165). Casou em Araçariguama com Francisco da Rocha Lima, da cidade do Porto, e cidadão de de S. Paulo, filho do capitão-mór Francisco da Rocha Lima, e de sua mulher D. ....

Passaram de casa mudada para a Villa Boa de Goiazes.

3—1. D. Eufrasia Leite.

3—2. D. Joanna.

3—3. D. Maria.

3—4. D. Rosa.

§ 5.°

2—5. Bernardo Bicudo Chassim (filho do capitão Rodrigo Bicudo Chassim, pag. 165), é capitão da infantaria auxiliar da freguezia de Araçariguama. E' homem magnanimo, de grandes forças, e muito veloz na carreira, o que

muito admira, por ser muito gordo, ainda que grosso por igual. Está bem estabelecido na mesma freguezia. Casou com D. Veronica Dias Paes Leite, de Sorocaba, filha do capitão Domingos Soares Paes, e de sua mulher Maria Leite da Silva, de quem fallámos n'este cap., § 2°, n. 3—2. E tem

3—1. Rodrigo Pedroso Leite.

3—2. Domingos.

3—3. José.

3—4. Ignacio.

3—5. Hieronimo.

3—6. Salvador.

3—7. D. Gertrudes Bicudo. Casou em Araçariguama com José de Siqueira de Camargo, capitão das ordenanças da freguezia de Juquiri, natural de S. Paulo, filho de João de Elrios Furtado e de sua mulher Maria do Nascimento de Camargo. Em titulo de Camargos, cap... §... D. Gertrudes Bicudo falleceu em Araçariguama no primeiro parto.

3—8. D. Anna.

§ 6°

2—6. D. Maria Pires de Barros. Casou em Araçariguama com Sebastião Soares de Camargo, natural e cidadão de Parnahyba, filho de Francisco Bueno de Camargo. Em titulo de Camargos, cap... §... E tem

3—1. Ignacio Xavier Bueno.

3—2. D. Maria.

3—3. D...

3—4. D...

§ 7° e ultimo

2—7. Ignacio Xavier Bicudo de Barros, casou em Soro-

caba com D. Maria Paes de Araujo, filha do capitão Domingos Soares Paes, do § 5º retro. E teve

3—1. Miguel.

3—2. D. Maria... casou em Araçariguama com Bento Medella, filho do capitão Francisco Soares Medella, natural e nobre cidadão de S. Paulo, e de sua mulher D. Escholastica Leite. Neto pela parte paterna do sargento-mór Roque Soares Medella, natural da villa do Conde, na provincia do Minho, que foi leigo jesuita no collegio de S. Paulo (filho de Luiz Soares de Anvers, e de Benta de Medella da dita villa do Conde) e de sua mulher Anna de Barros, natural da freguezia de Acotia. E pela parte materna neto do coronel Pedro Vaz de Campos, e de sua mulher D. Escholastica Leite de Oliveira. Em titulo de Campos, cap... §... ou de Lemes, liv. 4.

CAPITULO VII

1—7. José Simões, baptizado em Parnahyba a 27 de Março de 1678. Falleceu solteiro de um lobinho que do hombro lhe descia até os peitos, fazendo horrorosa figura.

CAPITULO VIII

1—8. Francisco Bicudo Chassim (filho do tronco), nobre cidadão de S. Paulo, onde casou (e falleceu), com D. Maria Bueno de Oliveira, irmã inteira de Braz de Moura, filhos de João de Moura Camello, de reconhecida nobreza, e cunhado do capitão-mór governador Manoel Bueno da Fonseca. Em titulo de Buenos, cap. 1º § 7.º E teve só duas filhas naturaes de S. Paulo.

2—1. D. Maria Leme de Oliveira.... § 1.º

2—2. D. Anna Bueno de Oliveira... § 2.º

§ 1º

2—1. D. Maria Leme de Oliveira, casou com Francisco Xavier Garcia, natural e nobre cidadão de S. Paulo, filho de Garcia Rodrigues Betim, e de Joanna Corrêa de Siqueira, que falleceu em S. Paulo, e aquelle Betim nas Minas-Geraes. Neto pela parte paterna de João Paes Rodrigues, natural e nobre cidadão de S. Paulo (filho de João Paes, o Velho, um dos nobres povoadores de S. Paulo e maior que foi na sua fazenda do sitio de Santo Amaro, onde depois de muitos annos se erigiu a igreja d'esta capella em freguezia, e de sua mulher Suzana Rodrigues, natural de S. Paulo), e de sua mulher Anna Maria Rodrigues Garcia, natural de S. Paulo, e por ella bisneto de Garcia Rodrigues Velho, nobre cidadão de S. Paulo, potentado em arcos, e abundante em cabedaes; protector da nobre familia dos Pires contra a dos Camargos nas guerras civis, que reinavam entre estas duas oppostas familias; e foi este paulista muito recommendavel com igual respeito e veneração. Falleceu a 13 de Abril de 1671, e de sua mulher Maria Betim, que falleceu em S. Paulo com a idade de 115 annos. Terneto de Garcia Rodrigues Velho, natural da villa de S. Vicente (filho de Garcia Rodrigues e de Isabel Velho, ambos da cidade do Porto, e primeiros e nobres povoadores de S. Vicente, para onde foram com filhas e filhos, e entre os quaes foram dois clerigos de S. Pedro, o padre Gabriel Garcia e o padre Jorge Rodrigues, que acabou vigario collado da matriz da villa de Santos, e vigario geral da capitania de S. Vicente, que ainda florescia em 1591), e de sua mulher Catharina Dias, natural de S. Vicente, que passou para S. Paulo, onde florescia pelos annos de 1629, filha de Domingos Dias, natural da freguezia de S. Miguel da Lourinhã, termo de

Vimieiro, e de sua mulher Antonia de Chaves, que foi para S. Vicente com seu irmão Manoel de Chaves, um dos primeiros e nobres povoadores de S. Vicente, o qual estando potentado e tendo feito muitos serviços a a Deus, ao rei e ao donatario d'aquella capitania, tomou a roupeta de jesuita em 1549 das mãos do padre superior Leonardo Nunes, como melhor se lê todo o referido na *Chronica do Brasil*, liv. 1° fl. 62.—Por Maria Betimk—Terneto de Giraldo Betimk, da cidade de Drusburch, do ducado de Geldres, e de Custodia Dias, filha de Manoel Fernandes Ramos da villa e praça de Moura, e de sua mulher Suzana Dias, que era prima direita do padre Lourenço Dias, vigario collado da matriz de S. Paulo, e foram os fundadores padroeiros da capella de Sant'Anna de Parnahyba,a qual ficou sendo matriz depois de erigida em villa de Parnahyba, e na capella-mór d'ella foram sepultados os ditos fundadores. Esta Suzana Dias foi irmã do capitão-mór Belchior Carneiro, que penetrou o sertão da Parnahyba em 1608 a descobrimento de minas de ouro,ou de prata, que ficaram sem effeito por fallecer no mesmo anno a 29 de Setembro, como consta no cartorio de orphãos de S. Paulo,m. 1° de inventarios da letra B. Sua irmã dita Suzana Dias falleceu em Parnahyba com testamento a 2 de Setembro de 1634, que se acha no cartorio de orphãos de Parnahyba letra S. n. 8. Foi filha de Lopo Dias e de sua primeira mulher Beatriz Dias, a qual foi filha do rei de Piratininga Teveriçá, o qual depois da sagrada fonte se chamou Martim Affonso Teveriçá, cujas moraes virtudes, seu ardente zelo, e amor da religião catholica romana se conhece melhor da expressão que faz d'esse memoravel rei o padre Vasconcellos na *Chronica da companhia do Brasil*. E teve :

3—1. D. Gertrudes....... Casou em S. Paulo com Vi-

cente Luiz, natural da mesma cidade, em cujos pateos tinha estudado grammatica latina; filho de Antonio da Silva Brito natural de.......... e cidadão de S. Paulo, de cuja companhia de ordenanças foi capitão, e de sua mulher Maria de Lima, natural da villa de Santos, irmã inteira de frei Francisco, religioso capucho da provincia do Rio de Janeiro, chamado por antenomasia o Pachequinho, varão de espirito verdadeiramente humilde, vida exemplar e penitente, e de conhecida virtude, e filho do capitão Manoel Pacheco Lima, natural da villa de Ponte de Lima (filho de Domingos Esteves, e de Joanna Pacheco de Amorim), nobre republicano da villa de Santos, onde serviu de procurador da corôa e fazenda, familiar do Santo Officio.

3—2. D. Maria Caetana.
3—3. D. Anna Maria.
3—4. D. Anna Catharina.
3—5. D. Ursula.
3—6. D. Escholastica.
3—7. D. Theresa. Falleceu de bexigas.

§ 1°

2—2 D. Anna Bueno de Oliveira foi casada com José Cesar Moreira, filho de Francisco Cesar Moreira, e de Isabel Maciel, natural de S. Amaro. Neto por parte paterna de Diogo Gonçalves Moreira, e de Catharina de Miranda. Em titulo de Moreiras cap. 8º § 1°. n°. 1. E pela materna neto de João Maciel, e de Clara Domingues do Passo, ambos de S. Paulo e moradores que foram de S. Amaro. E teve dois filhos.

3—1 Francisca
3—2 Francisco de Paula

CAPITULO IX

1—9 D. Anna Leme de Brito,foi casada com José Martins Cesar, natural de S. Paulo, morador que foi de Araçariguama, onde teve uma opulenta fazenda. Foi sargento-mór das tropas melicianas da villa de Parnahyba, de cuja republica teve repetidas vezes as redeas do governo. Falleceu com testamento a 13 de Novembro de 1757(18). Filho de Francisco Cesar de Miranda e de sua mulher Anna Peres Leme,ambos naturaes de S. Paulo.Neto de Francisco Cesar de Miranda Tavares, proprietario do officio de escrivão de orphãos de S.Paulo e de sua mulher Anna Peres Leme (19). Neto de Francisco de Miranda Tavares, natural da cidade de Beja, que falleceu em S. Paulo com testamento a 7 de Junho de 1642, e escrivão proprietario de orphãos de S. Paulo por mercê de D. Alvaro Pires de Castro e Sousa, marquez de Cascaes, e capitão donatario da capitania de S. Vicente e S. Paulo e de sua mulher D. Isabel Paes, com quem casou em S. Paulo a 8 de Janeiro de 1631, filha de Simão Borges Cerqueira, natural de Mezamfrio, moço da camara d'El-rei D. Henrique, e de sua mulher D. Leonor Leme. Em titulo de Lemes, ou de Cerqueiras, cap...

E teve oito filhos naturaes da freguezia deNossa Senhora da Penha de França de Araçariguama.

2—1. João Martins Pedroso...... § 1.° Casou com viuva.
2—2. José Martins Leme........ § 2.° Falleceu solteiro.
2—3. Antonio Pedroso.......... § 3.° } Casaram em Itú e fo-
2—4. Lourenço Leme Cesar...... § 4.° } ram para Cuyabá.

(18) Cart. de notas de Parnahyba, invent. do sargento-mór José Martins Cesar.

(19) Vide que parece-me está errado isto.

2—5. Bento Leme............. § 5.º Casou em Itú com filha de José Mendes, sargento-mór em Meia Ponte, onde o mataram seus escravos: e foi para o Cuyabá.

2—6. D. Maria Leme de Brito.... § 6.º
2—7. D. Joanna Leme de Brito.. § 7.º
2—8. D. Gertrudes Pedroso Leme § 8.º

§ 5º

2—5. Bento Leme, casou em Araçariguama, ou na villa de Itú, com D. Isabel de Mello, natural da dita villa, filha de João de Mello do Rego, capitão-mór da mesma, e provedor dos reaes quintos no registro de Piracicaba, natural da Ilha de S. Miguel da villa da Ribeira-Grande, de distincta e qualificada nobreza, e de sua mulher D. Bernarda de Arruda. Em titulo de Arrudas, titulo 2º cap. 10 § 6º

§ 6º

2—6. D. Maria Leme de Brito, casou com o sargento-mór Antonio de Moraes e Siqueira, natural de Jundiahy, filho de Manoel Rodrigues de Moraes, e de Francisca de Siqueira. Em titulo de Moraes, cap. 2º § 8.º E teve nascidos em Jundiahy sete filhos.

3—1. Ignacio, falleceu menino em Parnahyba.

3—2. Antonio de Moraes Pedroso, nobre cidadão de Jundiahy, sua patria, onde vive abundante e com cabedal de dinheiro amoedado; foi sargento-mór das ordenanças da mesma villa por patente d'el-rei o Sr. D. José I, e no mez de Julho de 1772 tomou posse na camara da dita villa de capitão-mór d'ella; alli casou com D. Leonor Leme da Costa, filha de José Dias Ferreira, natural da freguezia de Matozinhos, que foi capitão-mór de Jundiahy, e de sua mulher D. Maria Leme do Prado, natural de Jundiahy, a qual

foi filha do capitão-mór d'esta villa Antonio da Costa Reis, natural de Lisboa, freguezia de Santa Justa, e de sua mulher D. Paschoa Leme do Prado, natural de Jundiahy, filha de Lucas Fernandes de Mattos, natural de Vianna do Minho, e de sua mulher D.....Leme do Prado, que foi filha de Pedro Leme do Prado, e de sua mulher Maria Gonçalves Preto. Em titulo de Lemes, cap... E teve filho unico herdeiro de sua casa:

4—1. José de Moraes Leme, existe solteiro.

3—3. D. Escholastica de Moraes Leme, casou em Jundiahy com João Gomes dos Santos. Sem geração.

3—4. D. Maria de Moraes Leme, casou a primeira vez com Francisco Leme de Mattos, natural de Jundiahy, filho do capitão-mór d'ella Antonio da Costa Reis. Tem geração. Casou segunda vez dita D. Maria de Moraes com Manoel Leitão Villas Boas. Sem geração.

3—5. D Gertrudes de Moraes Leme Pedroso, casou com José de Siqueira Pinto, natural de Taubaté, filho de Thomé Nunes Paes, e de sua mulher Violante Cardoso, que foi irmã de D. Maria de Siqueira Cardoso, mulher do brigadeiro Alexandre Barreto de Lima, filhos de Domingos Vaz de Siqueira, e de sua mulher Maria de Gusmão. O dito Domingos Vaz de Siqueira foi filho de Gaspar Vaz da Cunha, o *Jaguareté* de alcunha (filho de Christovão da Cunha de Onhate, em titulo de Cunhas Gagos, e de sua mulher Mecia Vaz Cardoso. Em titulo de Vaz Guedes), e de sua mulher Victoria de Siqueira, da nobre familia dos Siqueiras Mendonças, da villa de Santos. Em titulo de Siqueiras Mendonças, cap. .. § ... A dita Maria de Gusmão foi filha de Luiz de Gusmão, natural de S. Sebastião, que casou em S. Paulo a 30 de Julho de 1643 (filho de Agostinho de Gusmão, natural da villa de S. Vicente, e de Suzana Peres, natural de Santos), e de sua mulher Violante Cardoso, que

foi filha de Balthasar Lopes Fragoso, natural de Lisboa, da freguezia dos Martyres, e falleceu em S. Paulo com testamento a 2 de Junho de 1636, e de sua mulher Marianna Cardoso, filha de Pedro Madeira, e de sua primeira mulher Violante Cardoso, ambos naturaes de S. Paulo. E tem geração.

§ 7°

2—7. D. Joanna Leme de Brito, casou com Estevão Forquim Pedroso, natural da Parnahyba, filho de Claudio Forquim da Luz, e de sua mulher Isabel Pedroso, ambos naturaes de S. Paulo. Neto pela parte paterna de Estevão Forquim e de sua mulher Maria da Luz. Em titulo de Forquins: e pela materna de Francisco Pedroso Xavier e de sua mulher Maria Cardoso. Em titulo de Moraes, cap. 3° § 1°. Estevão Forquim Pedroso é irmão do capitão Estanisláo Forquim, pai do padre Antonio Antunes de Campos. E teve :

3—1. José Forquim.

3—2. Anna Forquim.

§ 8°

2—8. D. Gertrudes Pedroso Leme (filha de D. Anna Leme de Brito e do sargento-mór José Martins Cesar), casou com Antonio de Mello do Rego (filho do capitão-mór João de Mello do Rego.) Em titulo de Arrudas, titulo 2° cap. 10 § 3.°

CAMPOS

A familia de Campos da capitania de S. Paulo teve origem em Filippe de Campos, natural da côrte de Lisboa, da freguezia do Loreto (filho de Francisco de Wanderburg, natural de Anvers do Estado de Flandres, e de sua mulher Antonia de Campos, natural de Lisboa, como consta dos autos *de genere* de Filippe de Campos, que foi clerigo, processados em 1671 (Camara episcopal de S. Paulo, autos, letra F. n. 1º do maço 1º). Este Filippe de Campos era pessoa de nobreza, e tendo acabado os estudos de grammatica no collegio de S. Antão o mandaram seus pais para a universidade de Coimbra: tinha feito algumas matriculas, quando por accidentes do tempo e extravagancias de estudantes fez uma morte, cujo successo o fez sahir de Coimbra; e porque ainda na côrte, e casa de seus pais não podia viver seguro, gozando a liberdade de passeiar publico; tomou a resolução de se passar ao Brasil a metter tempo em meio. Veiu para a cidade da Bahia onde então o provincial jesuita era sujeito de seu conhecimento, e com o mesmo passou a S. Paulo attrahido já de amizade que tinha conciliado com religioso natural de S. Paulo o padre Vicente Rodrigues, que o recommendava aos parentes, e muito mais a seus pais, para que o casassem com sua irmã Margarida Bicudo, por ser pessoa de conhecida nobreza e homem estudante e de boa capacidade.

Com effeito chegou a S. Paulo Filippe de Campos, onde foi tratado com agasalho urbano dos paulistas da primeira nobreza, e entre elles o capitão Manoel Pires, para quem vinha recommendação da cidade da Bahia do filho

o padre Vicente Rodrigues. Agradou-se tanto o capitão Manoel Pires do dito Filippe de Campos, que veiu a tomal-o por genro. Casou na matriz de S. Paulo a 9 de Agosto de 1643 com Margarida Bicudo, filha do capitão Manoel Pires, e de sua mulher Maria Bicuda, ambos naturaes de S. Paulo. Em titulo de Bicudos, Cap. 1º § 3º. Foi Filippe de Campos, cidadão de S. Paulo, em cuja republica serviu repetidas vezes os cargos honrosos d'ella,e muito mais sendo adornado de muita civilidade, cortez politica, e boa insrucção, com lição da historia, por cujas prendas se fazia estimado e applaudido geralmente. Falleceu com testamento a 18 de Dezembro de 1681. (Cart. da villa de Parnahyba, Inventarios da letra F, n. 307 o de Filippe de Campos.) E Margarida Bicudo falleceu em Itú a 24 de Fevereiro de 1708. (Cartorio de residuos da ouvidoria de S. Paulo, testamentos, letra M, o de Margarida Bicudo) E teve doze filhos naturaes de S. Paulo uns, e outros de Itú.

Filippe de Campos..........	Cap. 1º
Estanisláo de Campos........	Cap. 2º
Manoel de Campos...........	Cap. 3º
Francisco de Campos........	Cap. 4º
José de Campos Bicudo	Cap. 5º
Bernardo de Campos Bicudo..	Cap. 6º
Nuno de Campos Bicudo......	Cap. 7º
Anna de Campos............	Cap. 8º
Maria de Campos Bicudo.....	Cap. 9º
D. Antonia de Campos......	Cap. 10
Isabel de Campos...........	Cap. 11
Margarida Bicudo...........	Cap. 12

CAPITULO I

1—1. Filippe de Campos, seguiu os estudos de grammatica latina, philosophia, e theologia moral: sahiu bom estu-

dante, e ordenou-se de presbytero em 1671. Foi o primeiro vigario collado pela mesa da Consciencia e Ordens que teve a igreja matriz da villa de Itú por mercê do Sr. rei D. Pedro II, de 20 de Fevereiro de 1694. (Cartorio da Provedoria da fazenda real, liv. de registros n. 5° 1693 até 1701 pag. 14.

CAPITULO II

1—2. Estanisláo de Campos, tomou a roupeta da companhia no noviciado do collegio da Bahia. Seguiu os estudos com tanto aproveitamento que foi um dos maiores barretes que teve a provincia do Brasil : foi lente de artes, e depois de theologia no collegio da Bahia, onde professou o 4° voto. Foi reitor d'este collegio e provincial do Brasil duas vezes : a segunda foi no triennio de 1713. Teve tão grande aceitação, que o seu nome era o mais conhecido em Roma dos seus Revms padres geraes, principalmente do padre proposito geral Miguel Angelo Tamborino, de tal sorte, que quando do Brasil ião remettidas as pautas dos collegios com os nomeados para occuparem as reitorias, infallivelmente havia de ir conta particular do padre Estanisláo de Campos ; e por esta se governava o Revm. geral para remetter as letras aos religiosos que vinham nomeados para reitores, e para provincial do triennio. Teve um respeito e veneração tão grande, não só dentro dos claustros da sua provincia, como das pessoas particulares da primeira nobreza das cidades da Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro, e S. Paulo, que outro algum religioso não chegou a merecer tanto. Já em avançados annos de idade decrepita se aposentou no collegio de S. Paulo, sua patria, para com tranquillidade do espirito se entregar todo á oração com Deus ; e das suas virtudes havia uma grande opinião. Governando a capitania de S. Paulo Rodrigo Cesar

de Menezes em 1722, em que tomou posse, não resolvia negocio algum, por mais arduo que fosse, sem consultar a Estanisláo de Campos, cujos assertos venerava como de oraculo : teve muito particular amizade com este; e quando passou por ordem régia para as minas de Cuyabá, deixando em seu lugar governando a capitania ao coronel Domingos Rodrigues da Fonseca, ficou este advertido a consultar sempre toda e qualquer materia pertencente ao mesmo governo, ao Revm. Estanisláo de Campos, a quem sempre escrevia do Cuyabá nas monções das canôas de cada anno. Tinha tão presentes os tratados de philosophia paripatetica, que estando em idade de mais de 80 annos quando leu o Curso de Artes o Rev. padre mestre Nicoláo Tavares no triennio 1730, que os estudantes filhos de pessoas principaes da cidade o procuravam para lhes explicar a postilla, elle se não negava a este trabalho em todos os dias de classe n'aquella meia hora que corria das 10 e meia em que sahiam os estudantes do pateo até as 11 em que tocavam o silencio ; e era tal a clareza e os exemplos com que se explicava, que o mais insufficiente dos que concorriam á sua doutrina sahia d'esta lição com perfeito conhecimento da questão, em que padecia a falta de percepção. Tinha por costume inalteravel, porque tinha saude, celebrar o santo sacrificio da missa ao romper do dia, na hora das 5, e depois de tomada no seu cubiculo uma pequena refeição que ordinariamente era uma chicara de chocolate, assentava-se no confissionario, até que não houvesse mais penitentes que se quizessem confessar; e as tardes passava, depois de 4 horas em oração, em uma tribuna da capella-mór, em que sempre estava o Santissimo Sacramento no Sacrario. Para tão singular vida ainda foram os annos que durou, muito poucos, chegando á idade de 90. N'esta epoca falleceu mais debilitado das forças, pela austeridade da

vida, que enfraquecido da mesma enfermidade. Conheceu a hora da sua morte, e depois de haver recebido o sagrado Viatico com o sacramento da Extrema-unção, com semblante alegre e sereno, cheio sempre de toda a humildade, que praticou em todo o tempo, ainda quando prelado, agradeceu a assistencia religiosa, que lhe tinham feito, e estavam fazendo : pediu com suave brandura que se recolhessem a descansar, e o deixassem só na companhia do seu santo Crucifixo, que tinha nas mãos, e á cabeceira uma lamina de preciosa pintura que lhe tinha mandado de Roma o seu reverendissimo geral de Nossa Senhora da Encarnação; porém que dando o relogio do mesmo collegio as 5 horas da manhã viessem promptamente, porque esta era a hora ultima da sua vida. Com saudosa repugnancia obedeceram os religiosos, e, como tinham em muita opinião a santidade do reverendo Estanisláo de Campos, se persuadiram que n'aquella noite não acabava a vida, visto que elle segurava que a final hora era a das 5 da manhã. Antes d'este tempo sempre o amor dictava nos reverendos alguma inquietação, e costumavam vir até a porta do cubiculo, e applicando os ouvidos achavam um tal socego, que se persuadiam que estava repousando; e assim passaram a noite toda, até que dando o relogio as 5 horas acudiram todos; e abrindo-se-lhe a porta do cubiculo acharam o servo de Deus de joelhos em cima da cama, com as mãos postas sobre o peito, e n'ellas o santo Crucifixo, e os olhos abertos, mas já defunto, porque n'aquelles poucos minutos tinha expirado e entregue a sua ditosa alma ao Creador. O' que pasmo! E saudosa alegria de lagrimas dos reverendissimos, que para logo passaram aquelle venerando cadaver a um esquife forrado de um panno de velludo preto; e revestido com os paramentos sacerdotaes foi depositado na sachristia, como costume

praticado em todos os collegios. Já os signos tinham feito o primeiro signal quando os officiaes do senado da camara e o Dr. ouvidor geral, e o corpo politico de toda a nobreza e plebe tinha concorrido a beijar-lhe a mão, e o acharam com o semblante alegre, e o corpo todo flexivel conservando a côr natural. Ornaram e cobriram aquelle venerando cadaver com flôres, sendo tão grande o concurso, que para se não estragar a decencia veiu para logo uma guarda de soldados dos que estavam á porta do general, que era o conde de Sarzedas, D. Antonio Luiz de Tavora, que tambem era particular amigo do reverendissimo Estanisláo de Campos. Todos lhe assistiram ao officio de corpo presente até se lhe dar sepultura dentro da capella-mór. Nós lhe assistimos tambem como amante discipulo dos seus santos conselhos, e doutrina de mestre espiritual no Sacramento da Penitencia ; e tambem da sua lição sobre a postilla do padre mestre Nicoláo Tavares, de quem temos referido este trabalho, que com suavidade nos praticou sempre o Rvm. padre-mestre Estanisláo de Campos, cujo nome e amorosa saudade vive sempre, e viverá nos corações de todos os que tiveram a ventura de o conhecer e tratar.

CAPITULO III

1—3. Manoel de Campos Bicudo, cidadão de S. Paulo, de cuja republica teve sempre o primeiro voto, foi pessoa de muita estimação e respeito. Possuiu grandes cabedaes com numerosa escravatura, e muitos indios de sua reducção e administração, casou duas vezes : primeira com D. Luzia Leme de Barros, filha de Antonio Pedroso de Barros e de Maria Pires Monteiro. Em titulo de Pedrosos Barros, cap. 2° § 4° ; segunda vez casou com D. Antonia Paes de Oliveira, sem geração, e ella passou a segundas

nupcias com o grande cabedal que lhe ficou de meiação, com Clemente Carlos de Azevedo Cotrim. Falleceu Manoel de Campos Bicudo em S. Paulo a 16 de Maio de 1722, e se mandou enterrar na capella dos terceiros de S.Francisco, em cuja ordem tinha sido irmão ministro. Nós o conhecêmos, e nos não acordamos de outrem que com elle competisse na corpulencia. Este paulista foi intrepido contra os barbaros gentios dos sertões do Rio-Grande, e Rio Paraguay, que os penetrou vinte e quatro vezes, a saber: tres como soldado e vinte um como capitão-mór da tropa, para as partes da provincia de Paraguay das Indias de Hespanha na America Meridional. Fez a ultima entrada em 1653 (*Duvido d'esta data) pelo sertão da Vaccaria, levando na companhia do seu troço ao sobrinho Gabriel Antunes de Campos, do cap. 8° § 1°. Avizinhou-se á reducção dos indios do Rio de Paraguay acima dos padres jesuitas, e denominada..... conforme ao Dr. D. Francisco Xarque de Andela, liv... cap.... E para socegar os animos dos padres jesuitas, declarados inimigos dos paulistas pelos successos antecedentes com as tropas do capitão-mór Manoel Preto e Frederico de Mello com os padres superiores Simão Mazetta, Antonio Rodrigues e José Cataldino, mandou o capitão-mór Manoel de Campos Bicudo por carta segurar ao superior d'aquella reducção, que elle vinha de paz, e só pretendia penetrar os sertões a conquistar a barbara nação do gentio....... Porém teve por resposta de tão cortez como civil aviso ao terceiro dia um pé de exercito formado de mais de dois mil indios guerreiros com armas de fogo, de arco e flechas, fundas e outros instrumentos bellicos ao seu uso. Marchava diante de todo este corpo como seu mestre de campo general o padre superior da dita reducção (é lastima não sabermos o nome), montado em um famoso cavallo; chegando ao nosso campo adiantou os pas-

sos o capitão-mór Manoel de Campos Bicudo para ter-lhe mão no estribo. A este obsequioso cortejo correspondeu o padre superior com o furor de lhe dar com a estribeira nos narizes, que para logo lançaram sangue, o injuriado Campos sem mais accordo que a resolução que lhe ministrou a offensa, fez pé atraz e tomando a sua arma de fogo fez tiro ao tal mestre de campo jesuita, que ainda estava montado; e quando o corpo cahiu do cavallo em terra, já a alma o tinha deixado. Ao echo d'este tiro se pôz o campo todo em descargas e se travou uma quasi batalha; porém os indios não sustentaram o ardor das nossas repetições, porque, desanimados da cabeça, que lhes infundia o valor, se puzeram em retirada; e os nossos o fizeram a melhorar de sitio, procurando o receptaculo de uma matta espessa vizinha. N'este lance ainda ficaram prisioneiros nove paulistas, sendo por todos o de maior apreço Gabriel Antunes de Campos, sobrinho do dito capitão-mór Manoel de Campos Bicudo. Este, como já dissemos, falleceu em S. Paulo a 16 de Maio de 1722 (Cart. 1° de notas de S. Paulo, maço de inv. let. M, o de Manoel de Campos Bicudo). E teve do seu primeiro matrimonio sete filhos.

2—1. Antonio Pires de Campos... § 1°
2—2. Filippe de campos Bicudo... § 2°
2—3. Pedro Vaz de Campos...... § 3°
2—4. Estanisláo de Campos...... § 4°
2—5. Manoel de Campos......... § 5°
2—6. Margarida de Campos Bicudo. § 6°
2—7. Maria Pires Monteiro....... § 7°

§ 1°

2—1. Antonio Pires de Campos, casou com D. Sebastiana Leite da Silva, filha de Salvador Jorge Velho, e de D. Margarida da Silva. Em titulo de Lemes, cap. 5° § 5°,

n. 3—2. Em sua descendencia n. 4—1. E teve quatro filhos:

3—1. Manoel de Campos Bicudo.
3—2. Antonio Pires de Campos.
3—3. Salvador Jorge Pires.
3—4. D. Luzia Leme.

3—1. Manoel de Campos Bicudo, falleceu solteiro na aldêa do Rio das Pedras da conquista de seu irmão o coronel Antonio Pires de Campos, que segue. Por resolução do conselho ultramarino de 22 de Maio de 1753 mandava El-rei D. José ao conde dos Arcos, governador e capitão-general da capitania de Goyazes, que, visto ter fallecido o coronel Antonio Pires de Campos sem herdeiros, e o ser seu irmão Manoel de Campos Bicudo seu unico herdeiro, e querer continuar nos mesmos serviços a que se offerecêra seu irmão, se ajustasse com elle debaixo das mesmas condições e mercês promettidas ao dito coronel Antonio Pires de Campos, que ja tinha desinfestado os caminhos, etc. Porém ficaram sem se verificarem estas mercês por fallecer antes d'isso e sem herdeiros o dito Manoel de Campos Bicudo.

3—2. Antonio Pires de Campos foi na praça Adonis, e no sertão Marte. Foi açoute do barbaro gentio *Cayapó*, que infestava a estrada toda das minas de Goyazes em comprimento de mais de 200 leguas desde o rio Uruçanga, até Villa Boa. Impedida por estes barbaros a dita estrada com total ruina do commercio e dos direitos reaes, depois de terem conseguido em repetidos assaltos muitas mortes com horror da humanidade, mandou D. Luiz Mascarenhas, governador e capitão-general da capitania de S. Paulo (achando-se em Villa Boa, para onde tinha passado a crear villa o arraial de Sant'Anna) ao Dr. Agostinho Pacheco Telles, superintendente geral das mesmas minas, que pro-

cedesse á devassa dos repetidos insultos e mortes que havia executado a potencia do barbaro gentio *Cayapó*, e obrando-se assim, deu conta com este horroroso processo a El-rei D. João V, cujo real animo com paternal amor dos seus vassallos ordenou que se ajustasse com Antonio Pires de Campos (já se achava em posto de coronel da conquista contra a mesma nação bellicosa dos *Cayapós*), desinfestar a estrada fazendo guerra viva aos inimigos, que por natural fereza sahiam armados de mão commum a matar aos vassallos portuguezes (sem que estes tivessem ido a acommettêl-os em suas aldêas, ou reinos em vez alguma) com a mercê do habito de Christo, com tença effectiva de 50$, e o officio de escrivão da superintendencia geral de minas de Villa Boa, de propriedade para si e seus descendentes. Chegada esta real determinação celebrou-se o ajuste d'estas mercês com o coronel Antonio Pires de Campos, pelo general D. Luiz Mascarenhas, residente ainda em Villa-Boa de Goyazes. Para cumprir com a obrigação do contrato fez assento o coronel Pires no Rio das Pedras do caminho de Goyazes, além do Rio das Velhas, onde aldêou-se o gentio domestico da nação *Bororós*, extrahido dos sertões do Cuyabá em reducção de amigavel paz. (Já hoje está todo este gentio no gremio da igreja, e dos seus filhos e netos se vê a aldêa adornada de muito luxo e bizarrias no sexo feminino). Fez varias entradas contra o inimigo *Cayapó*, destruindo aldêas inteiras, com o que pôz a estrada desinfestada por alguns annos. Como porém esta nação tem muitos reinos e copiosas aldêas em circumferencia de mais de 800 leguas, não passaram muitos annos que não repetissem os seus primeiros insultos, mortes e acommettimentos até chegarem ao Rocio de Villa Boa de Goyazes, onde em 1755 mataram a muitas pessoas, o que deu occasião ao general D. Marcos de Noronha, conde dos

Arcos, para fazer chamar ao coronel Antonio Pires de Campos, que no mesmo ponto, em que lhe chegou o aviso ao seu estabelecimento do Rio das Pedras se pôz em marcha, e chegando a Villa Boa seguiu o trilho da retirada do inimigo,e a poucos dias o teve de encontro com grande mortandade; mas sahiu-lhe caro o triumpho por ser n'esta occasião acommettido de um atrevido indio (na occasião do maior aperto em que se viu mettido entre os barbaros), que lhe introduziu uma flecha pelo peito direito, abaixo do hombro, e não bastou esta infelicidade para que assim mesmo atravessado da flecha lhe não tirasse a vida com o alfange. Recolheu-se d'esta facção com muitos applausos do general D. Marcos de Noronha, e para convalescer da ferida da flecha tomou o regresso para o seu estabelecimento e aldêa do Rio das Pedras, esperando alli o tempo para formar corpo de armas e penetrar o sertão, e destruir quantas aldêas descobrisse do barbaro inimigo. Porém outro foi o destino; porque, estando prompta a escolta dos soldados dragões para a conducta das arrobas de ouro do real quinto até Villa Rica, foi avisado o conde que só devia temer um corpo de conspiração traidora, que se occultava para roubar os quintos d'esta conducta, para cuja segurança devia reforçar o corpo de guarda, pelo que temeroso o conde resolveu mandar convidar para esta facção ao coronel Antonio Pires de Campos, que puxando por um troço da sua maior estimação dos seus soldados *Bororós*, excellentes arcabuzeiros,se veiu incorporar com a conducta dos quintos encarregada ao cabo dos dragões. Com felicidade chegaram ao arraial de Paracatú; mas, como o coronel não estava de todo ainda são da ferida quando pôz em execução esta jornada, augmentando-se-lhe a febre diariamente, veiu a cahir enfermo de todo n'estas minas de Paracatú, onde assistido de todos os medicamentos, nada

aproveitou a suspender-lhe o golpe da morte, que o alcançou nos arraiaes, onde depois de se confortar com os sacramentos, tendo sempre á cabeceira o medico espiritual, deu a alma a Deus; e o seu cadaver foi dado á terra com todas as honras militares, que as soube executar o amor e boa sociedade do capitão de dragões Antonio Pereira de Sá, tão perfeito capitão como distincto pela nobreza do seu sangue. Foi sentida geralmente de todos a morte d'este varão na idade a mais vigorosa, em que se achava. Acabou solteiro, ficando herdeiro de seus grandes serviços e mercês régias seu irmão mais velho Manoel de Campos Bicudo, que veiu a acabar tambem solteiro, como fica referido, sem que no curso de tantos annos se verificasse a menor mercê das promettidas ao coronel Antonio Pires de Campos.

3—3. Salvador Jorge Pires, falleceu solteiro.

3—4. D. Luzia Leme (filha ultima de Antonio Pires de Campos, do § 1º retro), foi casada com Gaspar Leite Cesar de Azevedo, natural da praça de Santos, sem geração. Em titulo de Buenos, cap. 1º § 5º n. 3—6 a n. 4—1, em sua descendencia.

§ 2º

2—2. Filippe de Campos Bicudo, baptizado na Parnahyba a 4 de Abril de 1673 (filho do capitulo 3º), casou com D. Margarida da Silva, filha de Salvador Jorge Velho, e de D. Margarida da Silva. Em titulo de Lemes, cap. 5º § 5º n. 3—2 a n. 4—1, em sua descendencia. (* O autor escreveu n'este numero que este Filippe de Campos fôra o coronel do regimento que se formou na villa de Itú por ordem régia commettida ao conde de Sarzedas, que em pessoa fez expedir uma armada de canôas de guerra contra o gentio *Payaguás*, cujo successo referimos no cap. 5º

§ 3º como pertencente a outro Filippe de Campos Bicudo do dito §.., no que temos alguma duvida.)

E teve tres filhos:

3—1. Francisco Xavier de Campos, falleceu solteiro·

3—2. Ignacio Jorge de Campos, falleceu solteiro.

3—3. Maria de Campos, casou com Francisco Xavier Paes, filho de João Gago Paes, cidadão de S. Paulo, e de sua mulher D. Anna de Proença. Em titulo de Taques Pompêos, cap. 3º § 9º n. 3—7.

E teve filho unico:

4—1. João Gago Paes de Campos, que existe solteiro. Falleceu solteiro.

§ 3º

2—3. Pedro Vaz de Campos, baptizado na Parnahyba a 5 de Novembro de 1674, foi tenente-coronel de Filippe de Campos Bicudo, do cap. 5º § 3º, seu primo co-irmão, por ser potentado em cabedaes e armas, com que podia servir de muito na guerra do gentio *Payaguá*, como se refere no dito § 3.º Foi casado com D. Escholastica de Oliveira Paes, filha de Francisco Paes de Oliveira, e de sua mulher D. Marianna Paes, filha do governador Fernão Dias Paes Leme. Em titulo de Lemes, cap. 5º § 5º n. 3—1, em sua descendencia.

E teve oito filhos:

3—1. Francisco Xavier de Campos, casou duas vezes; primeira em Itú com filha de Josepha Leite, irmã do padre Paulo de Anhaya, e segunda vez casou em Cuyabá com.... filha de José de Oliveira Pedroso, e de sua mulher Josepha Leite. Neta por parte paterna do sargento-mór Antonio de Oliveira Pedroso e de D. Maria de Almeida. Em titulo de Cerqueiras, cap. 5º § 6º n. 3—2, e melhor em titulo de Almeida Castanhos, cap...

3—2. Manoel de Campos Bicudo, casou com D. Maria Fenix de Toledo, filha do capitão-mór D. João de Toledo Piza e Castelhanos. Em titulo de Taques Pompêos, cap. 3º § 10 n. 3—1, em sua descendencia.

3—3. Estanisláo de Campos Paes, casou com D. Luzia do Rego, filha do capitão-mór João de Mello do Rego, e de D. Bernarda de Arruda. Em titulo de Botelhos Arrudas, cap. 2.º § 1.º

3—4. Maximiano de Oliveira Paes, casou no Cuyabá com.... filha de José de Oliveira Pedroso, e de sua mulher Josepha Leite, irmã do padre Paulo de Anhaya Leite; os mesmos do numero retro 3—1.

3—5. Pedro Vaz de Campos, casou com Ursula Bueno da Camara, filha de José do Prado da Camara, e de Rosa Bueno de Camargo. Em titulo de Camargos.

3—6. José Paes de Campos, casou em Itú com Anna do Amaral, filha de José do Amaral Grugel, e de D. Escholastica de Arruda. Em titulo de Botelhos Arrudas, cap. 1º § 10.

3—7. Bernardo José de Campos, casou com Isabel Bueno, filha de Simão Corrêa Moraes, e de sua mulher Anna Pinto, sem geração.

3—8. D. Luzia Leme de Barros, casou com Francisco Soares Medella, cidadão de S. Paulo, filho de Roque Soares Medella, sargento-mór das ordenanças, cidadão de S. Paulo, onde serviu muitas vezes os honrosos cargos da republica, e de juiz ordinario, e falleceu a 29 de Janeiro de 1742, e de sua mulher Anna de Barros, que falleceu em S. Paulo a 7 de Setembro de 1746. O sargento-mór Roque Soares foi natural da villa do Conde, filho de Luiz Soares Anvers, e de sua mulher Benta de Medella. Anna de Barros foi filha de...

§ 4°

2—4. Estanisláo de Campos Bicudo, baptizado na Parnahyba a 10 de Junho de 1677. Falleceu solteiro.

§ 5°

2—5. Manoel de Campos, foi clerigo do habito de S. Pedro.

§ 6°

2—6. D. Margarida de Campos, casou com o sargento-mór de batalha Domingos Jorge da Silva. Em titulo de Lemes, cap. 5° § 5° n. 3—2, com sete filhos que aqui se repetem.

3—1. Salvador Jorge Velho, capitão-mór da villa de Itú, vitalicio por patente régia, e existe casado com D. Genebra Maria Machado e Vasconcellos, filha de Manoel Machado de Oliveira Fagundes, e de sua mulher Anna das Neves Gil. Em titulo de Machados Fagundes, cap....§... E tem sete filhos que são :

4—1. Domingos Jorge Velho, capitão de infanteria auxiliar da villa de Itú.

4—2. Manoel Jorge Velho Machado.

4—3. D. Margarida Maria de Campos, que foi casada com Francisco de Campos Pires, filho de Mathias de Campos, e de Margarida da Silva de Moraes, e deixou dois filhos Salvador e Margarida.

4—4. D. Anna Gertrudes Maria das Neves.

4—5. D. Escholastica Francisca Xavier de Campos, está casada com Gonçalo de Arruda Leite, capitão de infantaria auxiliar de Itú por promoção de D. Luiz Antonio de Sousa Botelho Mourão em 1765, filho de Miguel de Arruda Botelho, e de Maria de Almeida Penteada. Em titulo de Arrudas.

4—6. D. Maria Luzia Leme de Barros.
4—7. D. Maria Paula de Campos.

3—2. José de Campos, casou com D. Maria do Rego, filha de Pedro de Mello e Sousa. Em titulo de Botelhos Arrudas, cap. 2° § 10. Sem geração.

3—3. Domingos Jorge da Silva. Falleceu solteiro

3—4. Paschoal Leite Paes. » »

3—5. Manoel de Campos Bicudo. » »

3—6. Francisco Xavier de Campos. » »

3—7. D. Maria Theresa Isabel Paes, foi contratada para casar com o capitão-mór Fernando Dias Paes, filho primogenito do capitão-mór e guarda-mór geral das minas do ouro Garcia Rodrigues Paes. Em titulo de Lemes, cap. 5° § 5° ; e não teve effeito a consummação do matrimonio, porque mandando a sua procuração contrahente, por ella foi recebido, e vindo em marcha para S. Paulo falleceu antes de ver sua esposa. Esta casou muitos annos depois com Bartholomêo Bueno da Silva, natural da villa de Parnahyba, coronel da cavallaria auxiliar de minas de de villa Boa de Goyazes por patente régia, e senhor donatario em tres vidas sujeitas á lei mental, dos direitos dos rios do caminho de Goyazes, o Atibaya, Jaguary, Grande, das Velhas, e Corumbá, cujos rendimentos excedem cada anno a dois contos de réis ; filho do capitão-mór descobridor e povoador das minas de Goyazes Bartholomêo Bueno da Silva, por alcunha Anhanguêra. Em titulo de Lemes, cap. 2° § 6° n. 3—3. e seg. n. 4—1.

§ 7° ultimo

2—7. Maria Pires Monteiro, falleceu solteira.

CAPITULO IV

1—4. Francisco de Campos, casou na Parnahyba a 14 de Novembro de 1677 com Marianna Cardoso, natural da freguezia de Nazareth, termo da cidade de S. Paulo, filho de Manoel Cardoso de Almeida e Catharina Rodrigues, natural de S. Paulo (Camara episcopal de S. Paulo, *generes* de Filippe de Campos, let. F. n. 10, anno de 1710) Em titulo de Prados, cap. 6° § 3°. 3—4. E teve seis filhos.

2—1	Mathias de Campos...........	§ 1ª
2—2	Filippe de Campos...........	§ 2°
2—3	Francisco de Campos.........	§ 3°
2—4	Estanisláo Cardoso de Campos.	§ 4°
2—5	Anna de Campos............	§ 5°
2—6	Appolonia de Campos........	§ 6°

§ 1°

2—1. Mathias de Campos, casou com Margarida da Silva e Moraes, filha de Balthazar de Lemos e Moraes, e de Isabel Pires de Medeiros, em titulo de Moraes. E teve seis filhos :

3—1. Francisco de Campos Pires, casou duas vezes : primeira com D. Margarida Maria de Campos, filha do capitão-mór Salvador Jorge Velho, do cap. 3° § 6° n· 3—1. E teve dois filhos. Casou segunda vez com D. Maria de Campos, filha de Filippe de Campos Bicudo, do cap. 5° § 3°. E teve do primeiro matrimonio dois filhos :

4—1. Salvador.

4—2. D. Margarida.

3—2. Mathias de Campos, falleceu solteiro.

3—3. Marianna Cardoso de Campos, casou com Amador Bueno de Camargo, filho de Francisco Bueno de Camargo, natural de Parnahyba, e de sua mulher Maria da Silva.

Em titulo de Camargos, cap. 7° § 2° n. 3—2. E teve dois filhos :

4—1. Francisco.

4—2. Bartholomeu.

3—4. Maria Bueno de Campos, casou com João Leite de Almeida, filho de Paschoal Leite Penteado, e de Maria de Almeida. Em titulo de Penteados, cap... § ...

E teve filho unico :

4—». José Joaquim Leite.

3—5. Margarida da Silva Campos, solteira.

3—6. Rita de Campos Bicudo, solteira.

§ 2°

2—2. O padre Filippe de Campos, ordenou-se de presbytero de S. Pedro em 1710, e occupou o peso de pastor de algumas igrejas, e falleceu na villa de Itú.

§ 3°

2—3. O padre Francisco de Campos, ordenou-se de presbytero de S. Pedro em 1716, em que obteve sentença *de genere*, cujos autos existem na camara episcopal de S. Paulo, let. F n. 14 : foi morador da villa de Itú.

§ 4°

2—4 Estanisláo Cardoso de Campos: foi jesuita professo do 4° voto : tendo occupado alguns reitorados se passou para Roma.

§ 5°

2—5 Anna de Campos (*).

§ 6°

2—6. Appolonia de Campos (filha ultima de Francisco de Campos, do cap. 4° pag. 195), casou duas vezes: primeira

(*) Falta no manuscripto. (*Nota da redacção.*)

com Domingos Machado Lima (irmão de Sebastião Machado de Lima) tenente-coronel, natural de Nazareth, e morador em Itú, onde falleceu com testamento a 22 de Agosto de 1726 (Residuos da ouvidoria de S. Paulo, testamentos, let. D, o de Domingos Machado Lima) : filho de Sebastião Machado de Lima, e de sua mulher Catharina Ribeiro, que falleceu em S. Paulo em 1665. (Orphãos de S. Paulo, inventarios, let. C. maço 1º o de Catharina Ribeiro). Casou segunda vez em Itú a 10 de Setembro de 1727 com Diogo de Castilho, filho de Diogo de Castilho, e de sua mulher Agostinha Rodrigues. E teve do primeiro matrimonio filho unico :

3 — » Sebastião Machado de Lima, capitão de infantaria da freguezia de Araritaguaba da ordenança da villa de Itú : está casado com Rita Pinto do Rego, filha de João do Prado da Camara e de Paula Pinto do Rego.

CAPITULO V

1 — 5. José de Campos Bicudo, nasceu na Parnahyba a 26 de Junho de 1657, e falleceu em Itú a 13 de Junho de 1731, testando 12:186$209. Casou duas vezes : primeira, com D. Ignez Monteiro (filha de Bento Pires Ribeiro, e D. Sebastianna Leite da Silva, irmã do governador Fernão Dias Paes). Em titulo de Lemes, cap. 5º § 5º n. 3—9 ; segunda vez casou com D. Maria de Almeida a 5 de Abril de 1704, que era viuva do sargento-mór Antonio d'Oliveira Pedroso (Em titulo de Arrudas, cap. 2º), e filha de Lourenço Corrêa Ribeiro, e de sua mulher D. Maria Pereira. Em titulo de...

Do primeiro matrimonio com D. Ignez Monteiro teve nove filhos e cresceram só dois :

2—1 José de Campos Monteiro... § 1º
2—2 Margarida de Campos...... § 2º

Do segundo matrimonio com D. Maria de Almeida teve filho unico :

2—3 Filippe de Campos Bicudo.. § 3º

§ 1º

2—1. José de Campos Monteiro, casou na villa de Itú a 20 de Abril de 1726 com Archangela Paes de Campos, natural da mesma villa filha de João Paes Rodrigues e de Margarida Bicudo. Neta paterna de João Paes Rodrigues, e de Anna Maria Garcia. Em titulo de Betimk, cap... §... e bisneta de João Paes Rodrigues, e Suzana Rodrigues. E pela materna neta de Anna de Campos, do cap. 8º no § 4º. José de Campos Monteiro foi morador em Itú, onde falleceu em 1766, e republicano que muitas vezes serviu os honrosos cargos da republica. Em 1733 por patente passada a 10 de Agosto do dito anno o creou o conde de Sarzedas capitão de infantaria do regimento de Filippe de Campos Bicudo, seu irmão, para a guerra que se ia fazer ao gentio *Payaguary*, para o que foi José de Campos Monteiro com uma canôa armada em guerra com armas e gente á sua custa (* Isto melhor consta da dita patente, e uma certidão do sargento-mór Antonio de Moraes Navarro, que foi com este posto á dita guerra, passada a favor do capitão José de Campos Monteiro, os quaes papeis se acham avulsos no testamento que fez o autor.) E teve seis filhos.

3—1. Estanisláo de Campos Monteiro, casou com Maria Martins, filha de Antonio Martins de Freitas, e de Maria de Lima Cardoso Falleceu no Cuyabá sem geração

3—2. Antonio de Campos Monteiro, foi casado com Maria Leite, filha de Antonio Bicudo de Barros, e de D. Josepha de Arruda. Em titulo de Taques Pompêos, cap. 3º § 1º n. 3—8. Falleceu em Itú e ahi teve duas filhas.

4—1. Ignacia Maria de Campos.

4—2. Anna de Campos.

3—3. Ignez Monteiro de Campos, foi casada com Francisco Xavier do Rego Cabral, filho de Manoel do Rego Cabral. Em titulo de Botelhos Arrudas, cap. 1º § 5.º (* Este Francisco Xavier do Rego Cabral estando juiz ordinario da villa de Itú em 1771 fez duas petições ao vigario da vara, para o parocho e o coadjutor da dita villa passarem certidão, a respeito dos filhos e netos do capitão José de Campos Monteiro que existiam, e da sua pobreza; os quaes juraram que existiam um unico filho Ignacio de Campos, e alguns netos em grande pobreza, assim tambem uns tres netos de Filippe de Campos Bicudo. Estas certidões se acham avulsas no titulo do autor).

3—4. Ignacio de Campos Pires, falleceu na povoação de Guaytemy.

3—5. José de Campos, falleceu solteiro.

3—6. Ignacio de Campos Monteiro, existe solteiro em Itú.

§ 2º

2—2. D. Margarida de Campos, casou em Itú a 26 de Novembro de 1705, com Antonio Rodrigues Velho, natural de Coritiba, filho de Garcia Rodrigues Velho, natural S. Paulo e morador de Parnaguá, e de Isabel Bicudo, natural de Itú. Neto por parte paterna de Garcia Rodrigues Velho (irmão inteiro de D. Maria Garcia, mulher do governador Fernão Dias Paes. Em titulo de Betimk, cap. 2.º Foi Antonio Rodrigues Velho capitão-mór da villa e minas

de Pitangui onde fez estabelecimento, e foi morador com fabrica grande de mineraes, e alli falleceu em 1766.

E teve nove filhos naturaes de Pitangui.

3—1. Garcia Rodrigues Velho.
3—2. José de Campos Monteiro.
3—3. Antonio Rodrigues Velho.
3—4. D. Gertrudes de Campos.
3—5. Gonçalo Rodrigues Velho.
3—6. D. Isabel Pires Monteiro.
3—7. D. Josepha de Campos Monteiro.
3—8. D. Anna de Campos.
3—9. Ignez de Campos Monteiro.

3—1. Garcia Rodrigues Velho, foi mandado por seus pais para a cidade de S. Paulo, com outro irmão José de Campos a estudar grammatica latina. Estudaram philosophia no curso do reverendo padre mestre Nicoláo Tavares, jesuita, e tomaram o gráo de mestre em artes, e se recolheram para a patria. O dito Garcia Rodrigues, estando habilitado com sentença *de genere*, e patrimonio para o estado clerical, falleceu antes de conseguir este feliz destino.

3—2. José de Campos Monteiro, depois de seguir os estudos em S. Paulo, como fica referido, casou no sertão e bispado da Bahia.

3—3. Antonio Rodrigues Velho, falleceu solteiro.

3—4. D. Gertrudes de Campos, casou na villa de Pitangui, com João Velloso de Carvalho capitão-mór da mesma villa por patente régia, natural de Villa Nova de Famelicão, filho de Thomé Velloso de Carvalho, e de Maria Velloso Rebello. E teve naturaes de Pitangui, dez filhos. (* Casou segunda vez já em annos avançados, com João Pedro de Carvalho, capitão-mór actual de Pitangui, por patente régia).

4—1. Manoel Velloso de Carvalho.
4—2. Fr. José de Santa Maria Velloso.
4—3. D. Paschoa Velloso Rebello.
4—4. Gertrudes de Campos.
4—5. D. Maria Thereza Joaquina.
4—6. D. Antonia Velho de Campos.
4—7. D. Quiteria de Campos.
4—8. D. Izabel Pires de Campos.
4—9. D. Rosa Maria de Campos.

4—1. Manoel Velloso de Carvalho, foi sargento-mór da ordenança de Pitangui, onde casou com D. Anna Maria de Barros, natural da cidade da Bahia, que estava viuva do primeiro marido João da Rocha Gandavo, filha do capitão-mór Francisco de Barros, e de D. Antonia de... pessoa muito distincta.

4—2. Frei José de Santa Maria Velloso, tomou o habito de carmelita calçado no convento da cidade de Evora. Nós o tratámos em 1756, em que nos achámos na côrte de Lisboa, hospedado do liberal e magnanimo coração d'aquelle grande vassallo, e assás conhecido e applaudido o seu nome não só no Brasil, mas em todo o reino de Portugal, o sargento-mór João Fernandes de Oliveira, contratador dos diamantes do Serro do Frio ha muitos annos, e de sua mulher D. Isabel Pires Monteiro, a quem a innata caridade, a excellencia do animo, com o concurso das linhas do sangue em 4º gráo, foi um brioso estimulo para a grandeza com que fomos tratado todo o tempo que tivemos a honra da sua casa depois do dia do formidavel terremoto do 1º de Novembro de 1755, no qual ficaram reduzidas á cinzas as casas da nossa habitação ao pé do cemiterio de S. Francisco da cidade, com todos os moveis e dinheiro com que nos achavamos para seguir requerimentos pedindo o premio a relevantes serviços, até o dia 12 de Março

de 1757, em que sahiu a tropa de que foi commandante para o Rio de Janeiro o capitão de mar e guerra Mendonça, e n'ella viemos embarcado. Esta expressão sirva de um pequeno reconhecimento da nossa gratidão áquelles nobres animos do sargento-mór João Fernandes de Oliveira e de sua consorte a Sra. D. Isabel Pires Monteiro, cujas felicidades augmente o céo para amparo d'aquelles que recebem o beneficio da sua hospitalidade. Falleceu no convento de Evora.

4—3. D. Paschoa Velloso Rebello, casou na matriz de Pitangui, e foi para S. Felix de Carlos Marinho, minas da capitania de Goyazes, com o sargento-mór Lopo Bernardo Rebello, que nas ditas minas tem sempre as redeas do governo da republica com o caracter de juiz ordinario, como pessoa tão distincta e abundante de cabedaes, com fazenda de minas de ouro, em que occupa grande numero de escravos, e na mesma fundou uma excellente capella que tem bem ornada com perfeitas imagens, e paramentos ricos ; filho de Francisco Rebello de Bouro, que foi alferes de infantaria em Pernambuco, e de sua mulher Maria Vieira de Bouro, senhora da casa da Possa em Villa Pouca de Lanhoso. Neto de Francisco Rebello de Bouro, capitão da ordenança no concelho de Vieira, freguezia de S. Payo de Eyravedra, e senhora da casa de Ameã, e de sua mulher Catharina Vieira Martins. Bisneto de Francisco Martins Ribeiro, senhor que foi da mesma casa de Ameã, e pessoa de muito respeito.

E teve tres filhos:

5—1. João Bernardo Vieira Rebello.

5—2. D. Maria Theresa Vieira.

5—3. D. Anna Raymundo de Campos.

4—4. D. Gertrudes de Campos, casou em Pitangui duas vezes : primeira com Pedro Fialho do Rego ; segunda com

Antonio Dias Teixeira das Neves, capitão-mór da mesma villa por patente de Gomes Freire de Andrade, governador e capitão-general, que acabou conde de Bobadella, no Rio de Janeiro, com geral saudade de todo o Brasil.

Do primeiro matrimonio teve dois filhos.

5—1. João Fialho do Rego.

5—2. Antonia.

Do segundo matrimonio teve quatro :

5—3. D. Maria Magdalena da Cruz.

5—4. Antonio Dias.

5—5. José.

5—6. Luiz.

4—5. D. Maria Theresa Joaquina (filha de D. Gertrudes de Campos, e do capitão-mór João Velloso de Carvalho do n. 3—4), casou com João Cordeiro, sargento-mór da villa de Pintangui, natural da villa de Cintra do patriarchado de Lisboa. Falleceu em Pitangui; foi filho de Manoel Cordeiro, natural de Lisboa, que foi capitão de infantaria auxilliar, e occupou o posto de capitão do seu terço em Cintra, e seguiu a guerra no Alemtejo e na Praça de Cascaes ; e de D. Maria Antunes Michaella, natural de Lisboa, de d'onde se passaram para Cintra, e foram senhores da quinta da Sanfanha no termo da mesma villa.

E teve oito filhos naturaes de Pitangui :

5—1. D. Rita Maria de S. José, casou em Pitangui com José Fernandes Valladares.

5—2. João Cordeiro de....... existe em 1784 na sua quinta de Sanfanha em companhia de uma tia, irmã de seu pai, por cuja morte fica elle senhor de tudo.

5—3. Pedro Nolasco Cordeiro de Campos.

5—4. D. Maria, falleceu de tenros annos.

5—5. Antonio Cordeiro de Campos.

5—6. Sebastião José Cordeiro de Campos.

5—7. José Joaquim Cordeiro.

5—8. Manoel Cordeiro de Campos.

4—6. D. Antonia Velho de Campos, casou com Antonio Velho Cabral, natural da ilha de S. Jorge (irmão de José Velho Cabral, presbytero secular, capellão da capella de Santo Amaro do Brumado, da freguezia de Santo Antonio de Santa Barbara em Minas-Geraes, em 1760), e procede da de S. Miguel, ou Santa Maria, da nobre familia dos Velhos Cabraes, que alli tiveram seu principio no seu famoso descobridor Fr. Gonçalo Velho Cabral, commendador do capello de Almural e senhor das villas das Pias, Becelgas e Cardiga, etc., o que tudo temos mostrado em titulo de Lemes, cap. 5° § 5° no brazão de armas alli copiado. E teve tres filhos:

5—1. Vicente de Campos Velho.

5—2. D. Anna de Campos.

5—3. Antonio Velho Cabral.

4—7. D. Quiteria de Campos, falleceu religiosa professa no mosteiro de S. Bento da cidade de Evora pelo rigor da sua penitente vida, e por isso com boa opinião de santidade.

4—8. D. Isabel Pires de Campos, falleceu religiosa no mesmo mosteiro.

4—9. D. Rosa Maria de Campos (filha ultima de D. Gertrudes de Campos, do n. 3—4), existe em 1784, tambem religiosa professa no mesmo mosteiro de S. Bento de Evora). Este venturoso estado conseguiram estas tres irmãs e seu irmão Fr. José o de religioso carmelita na mesma cidade, e uma prima co-irmã, D. Margarida de Campos, filha de D. Anna de Campos do n. 3—8 adiante, tambem o de religiosa do mesmo mosteiro, por terem vindo de sua patria na companhia de sua tia D. Isabel Pires Monteiro que com seu marido o sargento-mór João Fernandes

de Oliveira desembarcou na cidade de Lisboa no dia 24 de Agosto de 1751.

3—5. Gonçalo Pires de Campos, falleceu solteiro.

3—6. D. Isabel Pires Monteiro teve a sorte de ficar com os mesmos appellidos de sua terceira avó a matrona D. Ignez Monteiro, porque lhe herdou em tudo a grandeza do animo, ardor da caridade, liberalidade e affabilidade. Em titulo de Alvarengas, cap. 2°. Existe moradora na côrte de Lisboa, onde fez construir depois do anno de 1757 uma nobre e famosa quinta, com magnifico palacio no sitio de Buenos-Ayres, na qual tem excellente pomar até de fructas do Brasil. O seu nome é bem conhecido não só n'aquella côrte, mas em todo o reino, principalmente na provincia do Minho, por onde transitou quando a sua cordeal devoção, sem attender ao excesso da despeza, passou no anno de 1756 a visitar o corpo do apostolo Santiago á Compostella, dispendendo n'esta romagem copiosa somma de moedas em esmolas a tanta pobreza que encontrou, acompanhada sempre do magnanimo e liberal beneplacito de seu marido o sargento-mór João Fernandes de Oliveira. Nós perdêmos o gosto de lhe fazermos companhia n'esta jornada, porque havia já seis mezes que curtiamos a grande enfermidade de um defluxo hepatico, e nos achavamos na convalescença d'esta molestia quando no mez de Junho teve effeito a dita jornada. Expressarmos o zelo, o amor e a grandeza com que fomos tratados no decurso de toda a enfermidade não acha o nosso reconhecimento palavras pelo temor de não ficarmos diminutos á tanta obrigação. (* O autor se alarga em narrar os periodos da sua enfermidade, medicos que lhe assistiram, e o tratamento que teve, e finalmente o agasalho que achou n'aquella casa desde o 1° de Novembro de 1755 até 12 de Março de 1757, em que embarcou para o Brasil, no

mesmo tempo em que tambem embarcou Alexandre Luiz de Sousa e Menezes, que ia governar a praça de Santos). Casou D. Isabel Pires Monteiro duas vezes, primeira com Luiz de Cerqueira Brandão, cavalleiro professo da ordem de Christo, capitão-mór da villa de Pitangui, pessoa de muito grande respeito, senhor da Carunhanha, e de outras grandes e rendosas fazendas estendidas pelos rios Paraná e S. Francisco, cujos rendimentos passavam de vinte mil cruzados, *deductis expensis*, e facilmente chegaria ao dobro, se a morte não tirasse d'esta vida na flôr dos seus annos ao capitão-mór Luiz de Cerqueira Brandão, que foi no dia... de...de.....Foi filho d'aquelle grande cavalleiro e mestre de campo Athanasio de Cerqueira Brandão, natural de Ponte de Lima, capitão-mór da villa de Pitangui, e senhor da casa da Carunhanha, e de sua mulher D. Catharina de Siqueira e Mendonça, irmã direita do capitão-mór Manoel Affonso Gaya (Vide em titulo de Gayas, n. 1° cap. 4° § 6°), Miguel Gonçalves Figueira, João Gonçalves Figueira e Antonio Gonçalves Figueira, que foram senhores da maior parte das grossas fazendas de gados vaccuns e cavallares do sertão do Rio Verde de S. Francisco, Curraes da Bahia. Casou segunda vez com o sargento-mór João Fernandes de Oliveira. Sem geração. (* Gomes Freire de Andrade, que protegia a João Fernandes, foi empenhado n'este casamento damnoso a D. Caetana Maria Brandão, unica herdeira da casa de seus pais).

* D. Isabel Pires Monteiro existe n'este anno de 1784 em Lisboa em casas alugadas, labutando com renhidas demandas com os herdeiros de seu enteado o desembagador João Fernandes de Oliveira, depois de metter-se de posse dos bens que ficaram no casal por morte de seu marido João Fernandes de Oliveira, dos quaes tinha sido desapossada pela sentença dada contra ella e contra todo o direito a...

de Dezembro de 1772, e foi restituida pela sentença de revista dada por nove ministros a 26 de Junho de 1781, e tomou a posse a...de Setembro de 1783, retardada primeiro com embargos, sobre os quaes se deu a sobre sentença a 22 de Fevereiro de 1783, e depois pela razão de trabalhar-se em pôr fóra de ser juiz das causas e negocios da casa o desembargador dos aggravos José Fernandes Nunes, em cujo lugar finalmente foi nomeado pela rainha o desembargador Constantino Antonio Alves do Valle, tambem da supplicação, e até hoje se vê perseguida D. Isabel Pires por aquelle dito ministro, que teima em não querer despejar umas magnificas casas, pertencentes ao casal, onde assiste ha muitos annos por preço muito commodo, e para onde quer ir habitar dita D. Isabel Pires, que tem ido muitas vezes á presença da rainha, a qual significando-lhe estar o seu real animo disposto a favorecêl-a não tem mandado proceder contra aquelle ministro, por ter este colorado as suas injustiças com dizer se lhe dever muitos contos de mil réis, o que deseja elle que se ponha em provas para a dilação, que deseja.

Tantos trabalhos, que tem padecido D. Isabel Pires Monteiro desde o fallecimento de seu marido João Fernandes de Oliveira (que acabou os seus dias no de 7 de Setembro de 1770) provieram da ambição e do dolo com que este quiz prejudicar aos herdeiros d'ella, posto que o peso da consciencia fez emendar depois o erro. O caso foi que João Fernandes de Oliveira, passado um anno do seu casamento, fez lavrar uma escriptura sem sua mulher ser sabedora, e em cujo nome assignou um clerigo, por ella não saber ler nem escrever. Era uma escriptura dotal, pela qual declarava D. Isabel Pires que entrava para o casal com o preço das fazendas de gados, que segundo a sua avaliação, que era de trinta e quatro contos, ficava elle João Fernan-

des, a quem traspassava o dominio d'ellas, obrigado a dar o dito preço aos herdeiros d'ella no caso de fallecimento sem prole, ou morrendo elle primeiro sahiria ella com aquella quantia, ficando o mais para os herdeiros d'elle dito João Fernandes, etc. Esta escriptura era nulla por direito por ser feita depois de contrahido o matrimonio, e tambem pela lesão enorme, quasi da metade, que havia na tal fantastica venda. Estando porém João Fernandes de Oliveira para dar contas a Deus, e sendo dirigido nos casos de consciencia por um sujeito tão sabio, qual é frei José do Menino Deus, hoje bispo de Vizeu, que teve a consolação de ver os effeitos da sua diligencia e de presenciar todos os signaes de um verdadeiro arrependimento, mandou vir tabellião e fez uma revocação e declaração de que aquella escriptura dotal fôra sem consentimento de sua mulher, etc.

Passado pouco tempo da morte de João Fernandes de Oliveira, veiu do Brasil seu filho o desembargador João Fernandes de Oliveira, que tinha estado administrando o contrato dos diamantes, como socio de seu pai, e em cujo tempo teve o contrato um muito grande lucro. O immenso cabedal que se suppunha possuir o desembargador, e o saber elle distribuir com mão larga, fez com que conseguisse tudo que quiz contra sua madrasta. Esta recebeu do marquez de Pombal incriveis honras: mandou descrever os bens do casal por um escripturario, que se disse chegavam a perto de dois milhões (pois João Fernandes era tido pelo vassallo mais rico de Portugal); mandou por um decreto assistir-lhe com trezentos mil réis por mez emquanto não se justavam, ou faziam as partilhas, o que se faria quando chegasse seu enteado, etc. Porém não só o marquez, mas muito principalmente José de Seabra, amigo de cama e mesa do desembargador, protegeram muito a

este, que pediu ministros á sua satisfação, os quaes deram uma iniqua sentença, fazendo valida a primeira escriptura dotal, e dando de nenhum vigor a annullação, ou declaração posterior, porquanto, segundo uma attestação do marquez de Pombal,elle já estava como pateta por causa da sua molestia quando fez aquella declaração, não obstante attestarem tres medicos e um cirurgião o contrario, e os padres assistentes, e todos os que o viram n'aquelles ultimos dias : e querendo vir com embargos á sentença não foi admittida ; e foi tal a sua consternação que, procurando por toda Lisboa letrado para a sua defesa, que respondesse no limitado tempo que se lhe concedeu, não achava nenhum, porque todos respeitavam a alta protecção da parte contraria, até que houve um, o qual, movido mais de piedade, do que de interesse, fez a defesa que se pretendia.

Desempossada de tudo, e sem esperanças de remedio, porque a julgaram por paga d'aquella porção com que entrou para o casal, pelos dotes que tinha feito a seus netos, e pelos profusos gastos que tinha feito durante o matrimonio, sahiu unicamente com algum fato do seu uso para a casa do seu neto Luiz de Sousa ; e passados alguns mezes, estando ella na quinta da Sapataria do mesmo neto, em Setembro de 1773, foi conduzida por um ministro por ordem régia, até a recolher no convento de Via-longa, ... leguas distante de Lisboa,a cuja abbadessa foi muito recommendado o não deixar-se fallar com pessoas de fóra a D. Isabel Pires, a quem se mandava assistir com uma pequena mezada, que em pouco tempo se suspendeu.

Alli soffreu miserias, porque os seus a não podiam soccorrer francamente, até a morte de el-rei D. José, que foi a 24 de Fevereiro de 1777, em cujo tempo sahiu do convento. Recorreu á rainha, que, admirada de tão grande

injustiça, mandou o desembargo do paço conceder a revista de nove ministros, cuja ultima sentença foi a.. de Fevereiro de 1783. O desembargador João Fernandes já tinha fallecido a 21 de Dezembro de 1779; mas este com os seus procuradores puzeram todas as cousas tanto a seu geito, como quem preveniam o que havia de acontecer para o futuro, que, pensando D. Isabel que ia tomar posse de tudo que se descreveu no inventario, ou descripção dos bens, achou-se com menos da quarta parte dos bens, e esses com bem embaraços, para o que concorreu muito o desembargador José Fernandes Nunes, que tem uma grande ascendencia sobre o espirito do filho bastardo e herdeiro do desembargador João Fernandes de Oliveira. E até que se conclua o inventario, se próvem que aquelles bens de que o herdeiro está de posse (que rendem muitos mil cruzados) são do casal, e finalmente se façam partilhas, e se ajustem as contas dos rendimentos, e das dividas, que elles cobraram, que foram muitas, passaráõ muitos annos. E se não se entregar essa grande somma, que se acha no erario na arca do contrato, talvez não cheguem os bens de João Fernandes, que existem, pela muita dissipação que tem havido, e isto principalmente se o cura da Lapa e os mais interessados conseguirem a confirmação do codicillo que fez o desembargador João Fernandes, pelos grandes legados de dinheiros que n'elle faz. * D. Isabel Pires falleceu de apoplexia a 12 de Novembro de 1788,

Do matrimonio de D. Isabel Pires Monteiro com o capitão-mór Luiz de Cerqueira Brandão nasceu filha unica:

4— D. Caetana Maria Brandão, baptizou-se na capella de Nossa Senhora da Penha da villa de Pitangui a 13 de Janeiro de 1726. Livro de baptismos fl. 44v. Esta senhora como unica herdeira da casa de seus pais, foi pretendida

de muitos, que a pediam para esposa ; porém entre tantos teve lugar na eleição de seu pai Alexandre Luiz de Sousa e Menezes, em quem além das qualidades do sangue e do espirito, e figura insinuante, concorriam as circumstancias de ser pessoa por quem tanto se interessava Gomes Freire de Andrade, governador e capitão-general do Rio de Janeiro e Minas, o qual de proposito tinha passado a Pitangui a ajustar aquelle casamento, appellidando ao pretendente seu parente, e manifestando ser primo direito de Alexandre Metello de Sousa Menezes, cujo nome se fez tão recommendavel no imperio da China pela embaixada que o levou a ella, e na côrte de Lisboa, onde existia conselheiro ultramarino até o anno de 1766, em que falleceu, e de quem era o mesmo Gomes Freire particular amigo ; e se celebrou o casamento na villa de Pitangui a 4 de Fevereiro de 1742. E' Alexandre Luiz de Sousa e Menezes natural de Marialva, na provincia da Beira, filho de Luiz de Sousa e Menezes, que foi capitão-mór da dita villa de Marialva, e de sua mulher D........

Passou Alexandre Luiz ao Brasil na frota de 1740 em praça de tenente de dragões das Minas-Geraes da companhia do capitão Domingos da Luz, que fallecendo, ficou o tenente provido na mesma companhia ; e com este posto passou ao reino de casa mudada, por acompanhar a sua sogra D. Isabel Pires, a cujo marido, o sargento-mór João Fernandes d'Oliveira, vendeu fiado todas as bellissimas fazendas de gados, que lhe tinham cabido pela legitima de sua mulher, depois da morte de seu sogro; e tem mostrado a experiencia o erro que houve n'aquella venda, por muitas razões, e pela lesão quasi enorme que n'ella houve, pois foi pelo preço de...valendo ao menos mais um terço. Em Lisboa obteve patente de coronel sem corpo e passou na frota de 1757 para governador da praça de Santos, com

todo o governo militar das comarcas de S.Paulo e Parnaguá, por patente do Sr. rei D. José I de 9 de Janeiro de 1757, e na camara da villa de Santos tomou posse na tarde do dia 29 de Junho do mesmo anno de 57.(El-rei D. João V pela resolução de 1748 extinguiu de S. Paulo o caracter de capitão-general,quando creou os novos governadores da capitania do Matto-Grosso, e dos Goyazes, sujeitando a antiga capitania de S. Paulo ao Rio de Janeiro.)

Para logo visitou o coronel governador Alexandre Luiz de Sousa e Menezes as fortalezas,e fez n'ellas prover o necessario de que as achou faltas; e na da Barra Grande,chamada de S.Amaro, achou que não podia a sua artilheria impedir desembarque a qualquer inimigo por uma eminencia levantada da praia chamada do Goes, que lhe servia de padrasto ; e para evitar este futuro contingente fez levantar,e construir na dita eminencia um reducto triangular capaz de cavalgar algumas peças de artilheria.Foi continuando o seu governo com boa aceitação, e bom agasalhado dos soldados e officiaes d'aquelle presidio, até que por ordem do capitão-general do Rio de Janeiro,o Exm. conde de Bobadella, passou a S. Paulo a formar quatro companhias de 50 soldados paulistas cada uma,para a guarnição do Rio Pardo na comarca do Rio-Grande de S.Pedro do Sul;e sem oppressão dos moradores conseguiu esta recruta, que a fez embarcar no porto de Santos a demandar o de Santa Catharina. Foram capitães das companhias : Simão de Toledo e Almeida,da primeira e mais qualificada nobreza de S.Paulo; João de Siqueira Barbosa, tambem de conhecida nobreza ; Miguel Pedroso Leite e André Pereira da Silva, que já era capitão da ordenança da freguezia de S. Amaro. Segunda vez voltou a S. Paulo,sahindo de Santos com accelerada resolução, e no mesmo ponto em que lhe chegaram as ordens para com a necessaria cautela,vigilancia e segredo vir

pôr em cerco aos padres jesuitas d'este collegio, para cujo fim entrou na hora das 10 da noite, sem transpirar a sua vinda ; e quando os padres sentiram os echos dos soldados pagos e da ordenança, já estava formado o cordão que cingia toda a cerca do dito collegio, e n'esta noite, como nas seguintes, sempre em pessoa rondava o mesmo governador todos os postos. Era a estação da maior força das aguas, que tinham posto a estrada de Santos impraticavel; de sorte que,anoitecendo antes que chegasse, porque a conducta dos padres era grande,ao porto do Cubatão, o coronel governador tomou este caminho a pé com o detrimento que qualquer deve considerar,descendo uma serra, que do cume até as fraldas tem uma legua de declive, toda de pedraria aspera, com lodos a que vulgarmente chamam caldeirões. Terceira vez subiu a S. Paulo por ordem do conde da Cunha, vice-rei do estado, com residencia no Rio de Janeiro, a formar quatro companhias de paulistas para o presidio do Rio Pardo ; e supposto que os animos não estavam muito dispostos pelo conhecimento do primeiro engano que se praticou em materias de soldo com os soldados e officiaes da primeira recruta,venceu o coronel governador estes temores, segurando a certeza infallivel do soldo que haviam de perceber. Ao tempo de se achar prompto este corpo para embarcar, chegou em fins de Julho de 1765 D. Luiz Antonio de Sousa Botelho Mourão para governador e capitão-general da antiga capitania de S. Paulo.Estava ainda n'esta cidade o coronel governador, onde esperando as ordens, recebeu a que Sua Magestade lhe mandou por carta firmada do seu real punho de 17 de Janeiro de 1765, em que o havia por desobrigado da homenagem que nas suas reaes mãos fizéra pelo governo da praça de Santos, tanto que D. Luiz tomasse posse do seu governo, a quem era servido Sua Magestade que

elle désse todas as noticias que lhe fossem necessarias. Logo baixou para a villa de Santos a avistar-se com o novo governador o qual, ou porque tivesse com effeito precisão de existir mais tempo n'aquella villa, ou porque achasse que valeria a posse tomada na camara d'aquella villa, supposto que Sua Magestade mandava que a tomasse na capital, que era a de S. Paulo, entrou logo a exercitar o seu governo na villa de Santos a 5 de Setembro de 1765, e para perceber os seus soldos mandou dar baixa nos do coronel governador, que todavia não se quiz dar por desobrigado da homenagem, até se não verificar a posse na camara de S. Paulo que foi a 7 de Abril de 1766, a que se deu nome de ratificação. E d'aqui se suscitou a duvida se se deviam os soldos ao dito coronel ou não, o qual instruido com documentos a respeito da injustiça, que suppunha se lhe tinha feito, embarcou para o Rio de Janeiro em fins do anno de 1766 e d'alli para a Bahia, d'onde passou a Lisboa com aquella grande despeza que o havia de obrigar uma viagem por escalas. (* Alexandre Luiz não cuidou no requerimento de seus soldos quando chegou; e se cuida n'elles n'este anno da 1784, em que é difficil o mandar-se pagar pela razão de não se dever no erario ao morgado de Matheus, como n'aquelle tempo, em que se lhe havia de abater o que injustamente levou.) Em todo o tempo do seu governo, que passou de oito annos, não teve mais lucro, que o limitado soldo de tres mil cruzados, taxados aos governadores da praça de Santos, e com os mesmos, sem a menor ajuda de custo, fez sempre as passagens para S. Paulo, e residencia n'esta cidade por tres vezes, dilatando-se em cada uma d'ellas muitos mezes; e sempre praticou dar mesa ao capitão de infantaria e officiaes que o acompanhavam. Observou a limpeza de mãos em tal grão, que esta vir-

tude não occultára a paixão mais allucinada. Foi muito affavel com os subditos por innata bondade, e tratava a todo o corpo do presidio com amor de pai, sem jámais alterar-se para romper com palavras menos prudentes : virtudes estas que o fizeram muito amado, e o farão ainda hoje appetecido.

(* O coronel Alexandre Luiz...

3—7. D. Josepha de Campos (filha do capitão-mór Antonio Rodrigues Velho, do § 2°), casou com Antonio Ferreira da Silva, por cujo fallecimento casou com....

E teve do primeiro matrimonio tres filhos :

4—1. O Dr. Manoel Ferreira da Silva.

4—2. O padre Antonio Ferreira da Silva, presbytero secular.

4—3. João de Campos, que falleceu no noviciado do convento de......

3—8. D. Anna de Campos Monteiro (filha do § 2°retro), casou duas vezes: primeira com Ignacio de Oliveira, natural da cidade da Bahia (de uma candura, e genio excellente) ; segunda com José Gonçalves de Siqueira, filho do capitão-mór Manoel Affonso Gaya (irmão de Miguel Gonçalves de Siqueira, Antonio Gonçalves, D. Catharina de Mendonça, mulher do mestre de campo Athanasio de Cerqueira Brandão, etc.) E d'este segundo matrimonio houveram dois filhos cujos nomes vão em titulo de Gayas n. 2° cap. 4° § 2° n. 3—1.

Os filhos do primeiro matrimonio foram tres:

4—1. Antonio de Oliveira Campos.

4—2. Ignacio de Oliveira Campos.

4—3. D. Margarida de Campos. Freira no mosteiro de S. Bento, de Evora.

3—9. D. Ignez de Campos Monteiro (filha ultima do capitão-mór Antonio Rodrigues Velho), casou com Cae-

tano Cardoso de Almeida, coronel do sertão do Rio de S. Francisco, filho do mestre de campo Januario Cardoso de Almeida e de sua mulher D............. sua prima co-irmã (irmã do capitão-mór Luiz Cerqueira Brandão), o qual Januario Cardoso era senhor do arraial e igreja chamada de Januario Cardoso no Rio de S. Francisco, para cuja sustentação tem a dita igreja seguro e rendoso patrimonio em varias fazendas de gados, que são da administração do filho primogenito da descendencia do fundador, e primeiro padroeiro dito mestre de campo. Em titulo de Gayas, n. 9 cap. 4° § 8° n. 3—1. A construcção d'esta obra é de excellente architectura, formadas as paredes de tijolo e cal, com altura proporcionada ao corpo da igreja e sua capella-mór: é toda circulada de nobres tribunas, com altares collateraes, adornados de ricos paramentos, e banquetas com castiçaes de prata feitos á moderna, e da mesma fórma as lampadas. Esta obra serve de admiração aos viandantes, que seguem aquella estrada com o commercio, que gyra actualmente de numerosos comboios de escravos e fazendas suas (vem tudo da cidade da Bahia não só para a capitania de Minas-Geraes, mas tambem para a dos Goyazes), e a causa do reparo consiste pela distancia em que se acha estabelecido este arraial, que sem um grosso dispendio se não podia conseguir semelhante obra. E' tão grande o arraial de Januario Cardoso, que bem merecia o caracter de villa, porque o interesse do negocio faz conservar n'elle muitas casas de lojas de fazendas seccas e outras de viveres, além de muitos officiaes de artes fabris, o que tudo fórma maior augmento para a vista e para a communicação. Foi o mestre de campo Januario Cardoso verdadeiro imitador do espirito, ardor e zelo do seu defunto pai, o governador e conquistador dos barbaros indios, habita-

dores que foram d'aquelle vasto sertão, Mathias Cardoso de Almeida, natural de S. Paulo, em titulo de Prados, cap. 6º § 3º, que ensaiando-se dos annos da juventude para o serviço do rei e da patria, soube conseguir um nome, que o deixou estabelecido para a posteridade.

Estando muito recommendado pelo principe regente o Sr. D. Pedro II o descobrimento das esmeraldas, tão appetecidas, como já mais descobertas(1), e em cujo sertão havia fallecido Marcos de Azeredo, deixando um roteiro da jornada que seguira, figura da serra, e altura dos gráos d'este sitio no inculto sertão e reino dos barbaros gentios *Mappaxós*, entrou na pretenção d'esta difficultosa empreza (por se não achar já pessoa alguma das que tinham acompanhado ao dito Marcos de Azeredo, que no mesmo sertão perdeu a vida com todos os do seu troço, e alguns, que escapando se recolheram á villa da Victoria da capitania do Espirito-Santo, de onde tinha sahido o dito Azeredo, eram tambem fallecidos) Affonso Furtado de Castro do Rio e Mendonça, governador geral do Estado do Brasil, pelos annos de 1671, em que chegou á Bahia, convidar a S. Paulo ao afamado Fernão Dias Paes, que ambicioso do real serviço se não escusou da conquista, como temos escripto em titulo de Lemes, cap. 5º § 5º n. 3—1. Mandou-lhe patente de governador da dita conquista, e da gente que levasse e a elle se unisse no mesmo sertão, datada na Bahia a 30 de Outubro de 1672. Era n'este triennio capitão-mór governador da capitania de S. Vicente e S. Paulo Agostinho de Figueiredo, a quem o governador geral havia dado commissão com todos os seus poderes para fazer providenciar tudo quanto para esta desejada expedição entendesse necessario por evitar maio-

(1) Vide esta relação em titulo de Prados, cap. 6º §....

res demoras, supposta a grande distancia que ha da Bahia a S. Paulo por mar, e com a contingencia de ventos contrarios.

Reconhecendo o governador Fernão Dias Paes os grandes merecimentos de Mathias Cardoso de Almeida, que já n'este tempo tinha dado acreditadas mostras de valor e disciplina militar contra os barbaros gentios do sertão do Rio de S. Francisco o convidou para seu capitão-mór, e seu futuro successor no pretendido descobrimento e conquista; assim representou o mesmo governador a Agostinho de Figueiredo, que mandou para logo passar patente de capitão-mór ao capitão Mathias Cardoso de Almeida em 13 de Março de 1673 (Archivo da camara de S. Paulo, liv. de reg. n: 4° tit. 1664 pag. 99). N'ella se vê o contexto seguinte: «Levar por seu adjunto ao capitão Mathias Cardoso de Almeida por ter grande experiencia d'aquelle sertão, e gentios d'elle, onde havia feito jornadas de importancia, nas quaes procedêra com muito valor e boa disposição na conquista do gentio que tinha domado, ficando com elle poderoso para ter de encontro a outro qualquer que queira impedir a dita jornada, etc.» O effeito d'este descobrimento fica referido em titulo de Lemes, cap. 5° § 5° n. 3—1: tratando-se do governador Fernão Dias Paes, que, recolhendo-se para a patria tão avançado em annos como cheio de contentamento de haver conseguido o destino a que fôra enviado, falleceu no mesmo sertão pelos annos de 1681, quando já Cardoso se achava em S. Paulo em 1679.

Pouco descanso teve este, porque chegando a S. Paulo D. Rodrigo de Castel-Blanco em 1680, feito administrador geral das minas por patente do principe regente o Sr. D. Pedro II (com a mercê do officio de provedor e administrador geral das ditas minas de propriedade com

40$ por mez, desde o dia que sahisse da Bahia para S. Paulo, além do soldo de 600$ por anno e um padrão de 700$ de juro herdade), datada em Lisboa a 29 de Novembro de 1677 ; foi preciso ao dito Castel-Blanco, para pôr em effeito a jornada do sertão do Sabarabuçû(hoje Sabará) valer-se de Mathias Cardoso de Almeida ; e porque o tenente-general Jorge Soares de Macedo, que do reino vinha acompanhando a Castel-Blanco por ordem régia, n'este mesmo tempo tinha passado com um soccorro de gente de guerra de S. Paulo para a Ilha de Santa Catharina a incorporar-se com o governador D. Manoel Lobo, que se achava construindo a fortaleza da povoação da nova Colonia do Sacramento, do que viéra já da côrte encarregado em 1678,e se achava na Colonia em 1680,para onde tinha embarcado em Dezembro de 1679, elegeu Castel-Blanco a Mathias Cardoso de Almeida, a quem passou patente de tenente-general, datada em S. Paulo a 28 de Janeiro de 1681. E d'esta patente consta que dito Cardoso só tomára para si a honra do real serviço, indo com este posto para a jornada do sertão de Sabarabuçû, sem soldo algum, e á sua custa levando para ella sessenta negros seus para o trabalho. No arraial de S. Pedro, e matos de Paráûpéba, se achou o tenente-general Mathias Cardoso de Almeida, com D. Rodrigo de Castel-Blanco, já em 26 de Junho de 1681, quando Garcia Rodrigues Paes deu ao manifesto as pedras de esmeraldas, que o defunto seu pai o governador Fernão Dias Paes havia descoberto e extrahido da serra d'ellas no reino dos *Mappaxós*, no mesmo sitio, por onde andára Marcos de Azeredo, requerendo ao dito governador e administrador geral Castel-Blanco que as ditas pedras, que pezavam 128 oitavas, fossem remettidas a Sua Alteza. De tudo se lavrou termo, em que assignou Garcia Rodrigues Paes, com o gover-

nador e administrador, e o tenente-general Mathias Cardoso de Almeida, e do mesmo arraial de S. Pedro escreveu D. Rodrigo de Castel-Blanco aos officiaes da camara de S. Paulo pelo ajudante das ordens Francisco João da Cunha, com data de 18 de Julho do mesmo anno de 1681 (2), remettendo em um saquinho de chamalote as esmeraldas para serem enviadas á cidade do Rio de Janeiro ao syndicante João da Rocha Pitta, ausente ao governador da mesma cidade o mestre de campo Pedro Gomes.

Porém como D. Rodrigo de Castel-Blanco era um castelhano patáratão, que tinha passado a Portugal procurando o real serviço d'esta monarchia, inculcando-se um grande pratico no conhecimento dos metaes, e pedrarias finas, e mereceu os despachos de que temos feito menção; sahindo já do reino para a Bahia a descobrimento de minas no sertão de Tabayana, onde chegou em 1678 com as mercês de fôro de fidalgo, e habitos das tres ordens militares, para poder em nome de S. Alteza conferir aos paulistas e mais pessoas, que nos taes descobrimentos o acompanhassem, por alvará datado em Lisboa a 29 de Novembro do anno de 1677, e resolução de 12 de Maio em consulta do conselho ultramarino de 3 do dito mez do dito anno de 77, e nada conseguiu no sertão da Bahia, succedeu-lhe o mesmo no sertão de Sabarabuçû (estava esta gloria destinada, sem a menor despeza da real fazenda para os paulistas Carlos Pedroso da Silveira e Bartholomêo de Siqueira, que em 1695 apresentaram as primeiras mostras de ouro ao governador Sebastião de Castro e Caldas, que se achava com o governo do Rio de Janeiro por morte de An-

(2) Archivo da Camara de S. Paulo, liv. de reg., tit. 1675 pag. 71 v. e pag. 139.

tonio Paes de Sande em o dito anno, como temos referido este descobrimento em titulo de Toledos, cap. 2° § 1°, tratando de Carlos Pedroso da Silveira), porque recolhido actualmente ao seu quartel (bem lhe podemos chamar quartel da saude), d'elle jámais fez a menor sahida a penetrar o sertão com o grande corpo de gente da sua conducta, querendo por este modo aproveitar-se do soldo que percebia cada anno de 600$.

Reconhecendo o tenente-general Mathias Cardoso de Almeida a inutilidade de D. Rodrigo, e a importantissima despeza que tinha feito o real erario, não só com soldos vencidos, ajudas de custo, mantimentos na Bahia, transportes, armas, polvora e bala, mantimentos em S. Paulo, conducção de cem indios a salario certo por mez, tudo á custa da fazenda real, e com um mineiro, de quem se acompanhava, chamado João Alves Coutinho, que vencia por mez 20$ desde que sahira da Bahia, deu conta a Sua Alteza, que informado de toda a verdade mandou logo recolher ao reino ao dito D. Rodrigo de Castel-Blanco, por ordem datada em 23 de Dezembro de 1682, como melhor temos referido em titulo de Lemes, cap. 5° § 5° n. 3—1.

Grande, sem duvida, foi o ardor e zelo que teve do real serviço Mathias Cardoso de Almeida; por isso, vendo em S. Paulo que já D. Rodrigo vacillava sobre a entrada para o sertão de Sabarabuçú, tomando por escusa achar-se sem mineiro, pois João Alves Coutinho, a quem Sua Alteza tinha mandado dar para esta jornada, dizia que se achava cheio de achaques, velho e sem dentes para entrar para um sertão inculto sem sustento para seus annos, e a estas frivolas escusas acudiu Mathias Cardoso de Almeida, dizendo : Que elle acompanhava ao governador administrador geral D. Rodrigo, com sua pessoa, negros de seu serviço

e homens brancos á sua custa, só por fazer serviço a Sua Alteza, como já tinha feito na jornada do governador Fernão Dias Paes,sem em nenhuma d'estas diligencias fazer dispendio algum a Sua Alteza, assim de espingardas, polvora, chumbo,como do mais que se leva para semelhantes diligencias ; e para que de uma vez se acabasse com o desengano d'estas minas, requeria e representava a elles officiaes da camara, que em todos os casos fosse o mineiro João Alves Coutinho, e que lhe assistiria com todo o necessario sustento para sua pessoa ; e que havia redes, e indios para o carregarem ás costas por todo o sertão,etc : que tudo se vê assim no livro das vereanças da camara de S. Paulo, titulo 1675, pag. 127.

Emquanto ao reino foi a conta,que se deu a Sua Alteza, e o dito senhor fez expedir a ordem de 23 de Dezembro de 1682, que temos referido, ao paulista Manoel de Borba Gatto, tomando-se de razões com D. Rodrigo, a quem accusava o engano, que fizéra á Sua Alteza, mais zeloso do serviço do principe, do que catholico,o matou em Novembro do mesmo anno de 1682, no sitio do Sumidouro.

Depois d'esta grande jornada,recolhido Mathias Cardoso de Almeida para S. Paulo, sua patria, foram tão grandes as hostilidades do bravo gentio do sertão do Rio Grande, districto de Pernambuco, que El-rei D. Pedro mandou levantar um terço de paulistas, sendo d'elle mestre de campo Mathias Cardoso de Almeida ; assim se executou, e se formou o dito terço em S. Paulo, no anno de 1689, com o qual marchou a castigar o inimigo, penetrando com suas armas todo o sertão,e companhia do dito Rio Grande, onde conquistado o barbaro poder á força de repetidos encontros, passou o dito mestre de campo o rio Jaguariba, onde o gentio era muito formidavel em numero, e fazia repetidas hostilidades com grave damno dos moradores

do Ceará; e supposto que o terço recebeu a ferida de varios soldados mortos, foi tal a resolução do ataque, que o gentio experimentou um grande estrago. Em guerra effectiva se occuparam as armas paulistanas debaixo do commando do seu mestre de campo Mathias Cardoso de Almeida, muitos annos; porque no de 1693 ainda durava a guerra, e em 25 de Abril de 1694 se retirou o mestre de campo tendo conseguido na campanha do Rio Grande obrigar ao inimigo gentio até entrar de paz.

Foi este sertão o theatro do valor de Mathias Cardoso de Almeida, cujas acções fizeram echo nos reaes ouvidos do Sr. D. Pedro, que lhe conferiu patente de governador da mesma guerra, para executar a seu arbitrio, sem subordinação ás ordens que n'esta materia davam os capitães generaes de Pernambuco, ou os geraes do Estado.

No Rio de S. Francisco fundou e estabeleceu copiosas e rendosas fazendas de gados vaccuns e cavallares, com as quaes segurou abundante patrimonio a seus herdeiros. Foi natural da cidade de S. Paulo, filho de Mathias Cardoso, natural da Ilha Terceira, que falleceu no sertão no anno de 1656, e de sua mulher Isabel Furtado, natural de S. Paulo da nobre familia dos Prados, que falleceu em S. Paulo, a 17 de Abril de 1683. Em titulo de Prados, cap. 6º § 3º n. 3—3. Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 3º de inventarios letra M, maço 2º letra I n. 31.

Do matrimonio de D. Ignez de Campos Monteiro com o coronel Caetano Cardoso de Almeida, do numero 3—9, retro, houve filhos, dos quaes temos noticia certa de quatro :

4—1. Caetano Cardoso de Almeida.

4—2. Francisco Cardoso de Almeida.

4—3. D. Maria Sancha de Campos.

4—4. José Thomaz.

§ 3º e ultimo

2—3. Filippe de Campos Bicudo (filho do segundo matrimonio de José de Campos Bicudo com D. Maria de Almeida do cap. 5°pag. 200), casou na villa de Itú aos 12 de Março de 1728 com Isabel de Quadros, filha de Miguel de Arruda Sá, e de Maria de Almeida. Em titulo de Botelhos Arrudas, cap.... § .... No anno de 1733 achando-se o conde de Sarzedas, governador e capitão-general de S. Paulo na villa de Itú, por ordem de Sua Magestade de 5 de Março de 1732, e resolução do mesmo senhor do 1° do dito mez tomada em consulta do conselho ultramarino, formou na dita villa um regimento para servir na guerra e conquista dos *Payagoás*; e para coronel d'elle foi escolhido Filippe de Campos Bicudo, como pessoa em quem concorriam todas as boas qualidades conducentes ao grande empenho que havia para o bom exito d'esta empreza, para a qual tambem foi promovido a sargento-mór do dito regimento Antonio de Moraes Navarro, e para capitão de uma das companhias de infantaria José de Campos Monteiro, d'este cap. § 1°, a quem se passou patente em Itú a 10 de Agosto de 1733 ; e foi o cabo d'esta guerra Gabriel Antunes Maciel, e commandante de todo o exercito Manoel Rodrigues de Carvalho, tenente de mestre de campo general do governo da capitania de S. Paulo. Em pessoa foi a Itú, como ja dissemos, o general conde de Sarzedas até fazer expedir as canôas e gente de guerra, No 1° de Agosto de 1734 sahiu do porto geral de Cuyabá, onde se achava parte da armada, o sargento-mór Antonio de Moraes Navarro, e no districto de Carandá se incorporou com o tenente de mestre de campo general Manoel Rodrigues de Carvalho, commandante da armada, a qual já formada completamente com todos os officiaes, e sol-

dados d'ella, seguiram viagem até o rio Paraguay, com todas as canôas de guerra, sem descobrirem vestigios do inimigo, até que foi este descoberto, e fugiu com acceleração, deixando mais de sessenta canôas, que foram entregues ao fogo por ordem do commandante Carvalho. Escolhido sitio defensavel para acampar o corpo da bagagem, formar paioes para recolher e guardar os mantimentos, e deixando ficar as tres barcas, que se mandaram construir na villa real de Cuyabá com artilheria e pedreiros, e com cento e cincoenta soldados armados, e por cabo d'este acampamento o coronel Innocencio Martins de Almeida, sahiu a tropa e corpo militar a demandar os alojamentos do inimigo *Payagoá*, rio abaixo de Paraguay, seguindo-os pelo dito rio, onde sendo alcançados lhes tomaram as suas canôas de guerra e espias, cujos prisioneiros serviram de guia para darmos nos seus alojamentos, os quaes foram totalmente destruidos e arrasados, ficando prisioneiros mais de duzentos dos inimigos, resgatando-se do poder dos mesmos mais de vinte e tantas pessoas, que alli se achavam em prisão, e se lhe tomaram todas as canôas que nos seus portos se acharam. Triumphantes as nossas armas d'esta canalha barbara, que tantas mortes e roubos tinham commettido contra os que iam e vinham do Cuyabá, e que agora ficavam destruidos, se recolheu o troço militar ao lugar do acampamento, onde tinha ficado o corpo de reserva dos cento e cincoenta soldados com a bagagem, seguiu a armada viagem para o Cuyabá, onde foi recebida com as demonstrações de alegria d'aquelles moradores (*Tudo isto consta de uma attestação jurada), e tambem assignada pelo conde de Sarzedas, e o tenente de mestre de campo general), que passou o sargento-mór Antonio de Moraes Navarro a favor do capitão José de Campos Monteiro, que era do seu

regimento, a qual existe avulsa dentro do titulo que fez o autor) E teve oito filhos :

3—1. D. Rita de Campos, mulher de Antonio Pompêo, filho de José Pompêo Paes e de Francisca de Arruda.

3—2. José de Campos.

3—3. Miguel de Campos, jesuita, que foi para as Italias.

3—4. Estanisláo de Campos, casado com Antonia de Arruda, filha de Antonio Bicudo de Barros e de Josepha de Arruda.

3—5. Antonio de Campos, falleceu em Itú, onde foi casado com D. Rosa de Almeida, filha de Francisco de Almeida Lara Taques e de sua mulher..... Arruda, com trez filhos.

3—6. D. Maria de Campos, casada com Francisco de Campos, filho de Mathias de Campos e de sua mulher Margarida da Silva.

3—7. Ignacio de Campos.

3—8. Filippe de Campos.

CAPITULO VI

1—6. Bernardo de Campos Bicudo, casou duas vezes : primeira em Itú a 18 de Abril de 1689 com Benta Dias, natural de Itú, filha do capitão Balthasar de Godoy Bicudo e de Ignez Dias de Alvarenga. Falleceu o dito capitão Balthasar de Godoy na villa de Parnahyba a 8 de Novembro de 1718; natural da cidade de S. Paulo e filho de Nuno Bicudo de Mendonça, e de Antonia Preto (Cart. de orphãos de Parnahyba, Inv. l. B n. 506, o do capitão Balthasar de Godoy Bicudo) ; sua mulher Ignez Dias de Alvarenga, natural da Parnahyba, alli falleceu a 19 de Agosto, de 1733 , filha de Pedro Corrêa de Alva-

renga, e de sua mulher Benta Dias de Proença Varella. Esta Ignez Dias foi a fundadora do altar de Nossa Senhora da Conceição na igreja do mosteiro de S. Bento na dita villa de Parnahyba, para cujo patrimonio deixou da sua terça 400$000 em dinheiro para se pôrem a juros, e dos redditos fazer-se annualmente a festa da Senhora ; e para mais segurança deixou tambem 200$000 em dinheiro, e um escravo por nome Adão, ao dito mosteiro (Orphãos de Parnahyba, inventario, letra I n. 576, o de Ignez Dias de Alvarenga). Benta Dias de Proença foi filha de Balthasar Fernandes. Em titulo de Fernandes Povoadores, cap. 1° § 4.° Em titulo de Godoys, cap. 2° § 1° n. 3—1.

Segunda vez casou dito Bernardo de Campos Bicudo, na villa de Pindamonhangaba, com D. Francisca Romeira da Silva, filha de João Corrêa Magalhães, da nobre casa e morgado de Sifans, na comarca de Lamego, a qual depois foi mulher de Martim Affonso de Mello. Em titulo de Bicudos, cap. 1° § 1° n. 3—2 (em sua descendencia). Foi morador e capitão em Pitangui. E

Do primeiro matrimonio teve dois filhos.

2—1. Balthazar de Godoy Bicudo, presbytero secular.............................. § 1°. (3)
2—2. Filippe de Campos, falleceu sem geração § 2.°

Do segundo matrimonio teve oito filhos.

2—3. João Romeiro de Campos, falleceu solteiro § 3.°
2—4. Bento da Silva Campos, falleceu solteiro.... § 4.°
2—5. José de Campos da Silva, casou. Sem geração § 5.°
2—6. D. Margarida de Campos .... § 6.°
2—7. D. Francisca Romeiro da Silva .... § 7.°
2—8. D. Josepha Romeiro de Campos .... § 8.°
2—9. D. Maria Romeiro de Campos .... § 9.°
2—10. Escholastica Maria, que falleceu solteira .. § 10.

(3) Cam. Episc. de S. Paulo, maç. 1° da let. B, anno de 1718.

§ 6º

2—6. D. Margarida de Campos, casou com João Ribeiro de Vasconcellos, e tiveram cinco filhos:

3—1. André.
3—2. Simão.
3—3. Victorino.
3—4. Maria.
3—5. Quiteria.

§ 7º

2—7. D Francisca Romeiro da Silva, casou com Manoel Ferreira do Valle, capitão da ordenança de Pitangui, natural de Requião, arcebispado de Braga. E tiveram quatro filhos:

3—1. Maria.
3—2. Ignez.
3—3. Francisca.
3—4. Margarida.

§ 8º

2—8. D. Josepha Romeiro de Campos, casou com Manoel de Castro Ferreira na matriz de Pitangui, irmão dos Veigas, o capitão Domingos Ferreira da Veiga Castro, professo da ordem de Christo, naturaes da freguezia de S. Vicente de Penço, termo da cidade de Braga, os quaes Veigas foram bem conhecidos na côrte de Lisboa pelos seus cabedaes.

E teve naturaes de Pitangui tres filhos:

3—1. O padre João Romeiro da Silva, foi jesuita, e falleceu em Lisboa, em casa de seu tio, feito presbytero secular.

3—2. D. Catharina de Castro Ferreira.

3—3. D. Joanna Rosaura de Castro Ferreira.

Estas duas senhoras passaram de Pitangui na companhia de seus pais para Lisboa,e entraram religiosas no convento de Santa Clara da villa de Santarem,onde professaram. E no mesmo convento existe em habitos seculares, depois do fallecimento de seu marido, D. Josepha Romeiro de Campos, que tem a consolação de ver a sepultura do seu esposo, cujos ossos descansam dentro da capella-mór da mesma igreja, além do grande respeito e veneração com que é tratada de toda aquella religiosa communidade.

§ 9°

2—9. D. Maria Romeiro de Campos, casada com Lopo Bernardo Rebello, sem geração.

§ 10

2—10. Escholastica Maria, que falleceu solteira.

CAPITULO VII

1—7. Nuno de Campos Bicudo, natural de Itú, casou n'esta villa no 1° de Fevereiro de 1693 (liv. 1° de casamentos fl. 20) com Maria Pires da Silva, natural de S. João da Atibaya, filha de Antonio Pedroso de Barros, e de sua mulher Maria Leite de Proença, naturaes ambos de S. Paulo. Em titulo de Pedrosos de Barros, cap. 2° § 2° n. 3—1, ou em titulo de Taques, cap. 3° § 8° n. 3—1. E teve nascidos em Itú.

2—1. Angelo Pires de Campos .... § 1°
2—2. Filippe de Campos Leite .... § 2°
2—3. Bernardo de Campos Bicudo...... § 3°
2—4. Nuno de Campos Bicudo........ § 4°
2—5. João Pires de Campos............ § 5°

§§ 1° e 2°

2—1. Angelo Pires de Campos, falleceu solteiro.

2—2. Filippe de Campos Leite, casou com D. Jacintha de Sampaio, filha do capitão-mór Manoel de Sampaio Pacheco e de D. Veronica Dias Leite. Em titulo de Botelhos Arrudas, cap. 1° § 4° n. 3—6. E teve tres filhos:

3—1. Antonio Pires.

3—2. Manoel Leite.

3—3. D. Maria Leite, mulher de Antonio do Amaral Grugel, filha de José do Amaral Grugel e de D. Escholastica de Arruda. Em titulo de Botelhos Arrudas, n. 1° cap. 4° § 2—10.

§ 3°

2—3. Bernardo de Campos Bicudo, casou com Maria Leite, filha de Francisco Gonçalves Leite, irmão do capitão Francisco Leite, da villa de Pindamonhangaba.

§ 4°

2—4. Nuno de Campos Bicudo, casou com Anna de Arruda, filha de Francisco de Arruda, e de Anna de Proença. Em titulo de Botelhos Arrudas, n. 2° cap. 1° § 2—11, com sua descendencia.

§ 5°

2—5. João Pires de Campos, levado só do indesculpavel appetite, e infeliz destino da sua sorte, esquecido das obrigações do seu nobre sangue, se desposou com uma mameluca, causando um geral luto de sentimento aos seus pa-

rentes,que, lamentando a injuria,lhe não poderam atalhar o damno.

§ 6º

2—6. D. Isabel de Campos, falleceu em Itú a 10 de Agosto de 1722, e o seu testamento existe no residuo da ouvidoria letra I. Foi casada com Pedro Corrêa de Godoy, filho de Balthasar de Godoy Bicudo,e de Ignez Dias de Alvarenga, dos quaes já se tratou no cap. 6º retro. E teve cinco filhos :

3—1. Nuno de Campos, falleceu solteiro.

3—2....... foi casada no Cuyabá com Antonio do Prado, natural de Santa Maria de S. Vicente onde foi capitão das ordenanças. Sem geração.

3—3.....casou no Cuyabá com João Coelho da Fonseca natural de S. Vicente, filho do capitão José de Araujo Guimarães. Em titulo de Pedrosos Barros, cap. 6º § 1.º Em Barros n. 3—2.

3—4. João, e 3—5 Maria, falleceram meninos.

§ 7º

2—7. Rosa de Campos, casou com João Baptista Machado (filho de Manoel Machado Lima), que falleceu no Cuyabá, e ignoramos se deixou filhos.

§ 8º

2—8. Anna de Campos (filha ultima de Nuno de Campos),foi baptizada em S. Paulo a 4 de Agosto de 1653. Casou com José de Sá e Arruda, filho de José de Sá Arruda e de D. Maria de Araujo. Em titulo de Botelhos Arrudas, tit. 2º cap. 7º § 2—2. E teve duas filhas naturaes de Itú :

3—1. Anna de Campos, mulher de José do Amaral

Grugel, filho de José do Amaral Grugel, e D. Escholastica de Arruda Leite, dos quaes temos ja feito menção. Em titulo de Arrudas, cap. 1º § 4º n. 2—10.

3—2. N.

CAPITULO VIII

1—8. Anna de Campos, falleceu em Itú com testamento a 24 de Agosto de 1713. Casou com Antonio Antunes Maciel (que segunda vez casou em Itú a 29 de Outubro de 1713), que falleceu em Itú com testamento a 15 de Outubro de 1725 (Resid. da ouvidoria de S. Paulo, letra A, testamentos de Anna de Campos e Antonio Antunes Maciel) filho de Gabriel Antunes Maciel, e de Messia Cardoso, (Camara episcopal de S. Paulo, *generes* I, maço 1, nº 41 de João Antunes Maciel). Em titulo de Carvoeiros, cap. 1º 8º n. 3—4. E teve oito filhos naturaes de Parnahyba :

§ 1º

2—1. Gabriel Antunes Maciel. Acompanhou a seu tio Manoel de Campos Bicudo quando este por capitão-mór de uma tropa penetrou o sertão de Caãrapaguaçû acima da cidade da Assumpção do Paraguay; em cuja cadêa ficou preso Gabriel Antunes e mais oito paulistas, curtindo o rigor dos ferros nove annos. Este successo fica referido

no cap. 3º, e vide isto na *Historia do Paraguay*, em francez no anno de 1639 tomo 2º fl. 392. Casou Gabriel Antunes Maciel com Isabel Ribeira, natural de S. Paulo, filha do capitão Estevão Ortiz de Camargo, e de sua mulher Maria Cardoso, que falleceu a 18 de Julho de 1737 ; e elle falleceu a 27 de Março de 1731 (Orphãos de S. Paulo, maço 1º de inventarios, let. M. n. 42, e let. E, maço 1º n. 18), o qual Estevão Ortiz foi cidadão que sempre occupou os cargos da republica com bom tratamento, veneração e respeito, e foi morador no sitio de Nossa Senhora do O, onde possuiu os bens de fortuna com grande numero de gados vaccuns e cavallares. Em titulo de Camargos, cap. 8º § 2.º Maria Cardoso foi filha de Francisco Xavier Pedroso e de Maria Cardoso. Em titulo de Moraes, cap. 3º § 1º n. 3—5.

§ 2º

2—2. João Antunes Maciel, presbytero secular, habilitado em 1710, mas casou-se.

§ 3º

2—3. José Antunes Maciel, casou com Maria Soares, filha de Paschoal Delgado Lobo, e de Isabel Cubas Ferreira, que foi filha do sargento-mór Antonio Soares Ferreira natural de S. Paulo, e o dito Paschoal Delgado foi filho de João de Anhaya de Almeida capitão-mór da villa de Itú, e de Isabel Delgado. Em titulo de Anhayas, cap...§...

E teve uma filha, que foi Rita de Campos, mulher de Francisco João Botelho, filho de Luiz Soares Botelho; existem moradores no Cuyabá.

§ 4º

2—4. Margarida Antunes Bicudo, baptizada em Parnahyba a 20 de Novembro de 1676, casou em Itú a 11 de Setembro de 1695, com João Paes Rodrigues, natural de S. Paulo, filho de João Paes Rodrigues, natural de S. Paulo, e de Maria Rodrigues. E teve nove filhos :

3—1. João Paes Rodrigues.

3—2. Antonio Antunes Maciel, casou no Cuyabá com.......filha de Antonio Pedroso Borralho, e neto de João Borralho e de Maria Leme de Alvarenga, a qual falleceu em Itú a 19 de Dezembro de 1722, com testamento, que está na ouvidoria geral, lct. I.

3—3. Garcia Rodrigues Paes, casou com D. Gertrudes de Arruda, filha do mestre de campo Antonio de Almeida Falcão, e de sua mulher D. Gertrudes de Arruda. Em titulo de Arrudas, cap. 2º § 3º n. 2—4.

3—4. Anna de Campos, casou com Luiz Soares Paes. Sem geração.

3—5. Archangela Paes de Campos, casou com José de Campos Monteiro, do cap. 5º § 1º

3—6. Maria Paes, casou com Pedro Dias Ferraz. Em titulo de Botelhos, cap. 1º § 4º n. 2. E teve dez filhos :

4—1. Manoel Dias Ferraz, casou com Maria Dias, filha de Francisco Gonçalves, natural de Vianna do Minho, e de sua mulher Maria Dias de Barros.

4—2. João Ferraz de Campos, casou com Rosa Maria Leite, filha de Francisco Gonçalves, e de Maria Dias de Barros, os mesmos supra.

4—3. Francisco Xavier Ferraz, casou com D. Maria Bicudo, filha de José de Arruda Sá, e de D. Escholastica Bicudo.

4—4. Antonio Ferraz.

4—5. Ignacio

4—6. Maria Leite, foi casada com Filippe do Rego Castanho, e teve unico filho chamado Manoel do Rego.

4—7. Antonia de Arruda, casou com Francisco Paes, filho de Francisco de Godoy Moreira e de D. Barbara Paes.

4—8........casada com Claudio de Godoy, filho dos supra.

4—9. Anna de Campos,casou com José de Sampaio Castanho, filho de André de Sampaio Botelho,e de D. Ignacia de Goes.

4—10. Margarida Bicudo.

3—7. Gertrudes Bicudo (filha de Margarida Antunes Bicudo do § 4· retro),casou com Pedro Dias Bicudo, filho de João Bicudo,e de Margarida Bicudo. E teve tres filhos :

4—1. Anna de Campos.

4—2. Manoel Dias Bicudo, casou com Faustina Aranha, filha de Xisto de Quadros e de Francisca de Godoy.

4—3. Maria Bicudo, casou com Antonio Pacheco da Silva, sargento-mór da ordenança da villa de Itú, filho de Manoel Pacheco Gatto, e de sua mulher.......

3—8. Josepha Paes de Campos, casou com João B cudo de Campos, filho de João Bicudo, e de Margarida Bicudo. E teve quatro filhos, que foram :

4—1. Antonio Paes.

4—2. Miguel Paes.

4—3. Margarida Bicudo.

4—4. Francisco Bicudo de Campos,existe no Cuyabá.

3—9. Rosa de Campos.

§ 5º

2—5. Rosa de Campos (filha de Anna de Campos, e Antonio Antunes Maciel, do cap. 8º, casou em Itú a 7 de Fevereiro de 1701 com Antonio Garcia Borbo natural de

Santo Amaro, filho de Jorge Velho, e de sua mulher Maria de Borba, naturaes de S. Paulo.

E teve cinco filhos:

3—1. Anna de Campos, casou com Jozé de Barros, filho de Pedro Vaz de Barros e de D. Maria Leite de Mesquita, Em titulo de Mesquitas, cap. 12. E teve dois filhos, que falleceram no Cuyabá.

3—2. Maria de Borba, casou com José Corrêa Penteado, filho de.........

E teve quatro filhos: José Correia Paes, e as mais femeas.

3—3. Custodia Paes, casou com Timotheo de Goes, filho de Lourenço Castanho de Araujo e de Anna de Arruda. Em titulo de Botelhos, cap. 1° § 1° n. 2—4.

3—4. Josepha de Borba, casou com José Pompêo Castanho, filho de Lourenço Castanho, e Anna de Arruda supra.

3—5. Maria Garcia, casada com Bento de Barros natural de Araçariguama, filho de José de Barros Bicudo, e D. Ignacia de Goes. Em titulo de Taques Pompêos, cap. 3° § 1° n. 3—8.

§ 6°

2—6. Messia Cardoso de Campos (filha de Anna de Campos, do cap. 8°), casou com Lourenço Cardoso de Negreiros, filho unico de Estevão Cardoso de Negreiros, natural da freguezia da Acuthia, que falleceu em Itú a 11 de Abril de 1719 (Ouvidoria de S. Paulo, maço de testamentos do residuo letra E), e de sua mulher Magdalena de Miranda, natural de S. Paulo. Neto por parte paterna de Lourenço Cardoso de Negreiros, natural da cidade de Lisboa, freguezia do Loreto, morador que foi na rua da Rosa das Partilhas, e de sua mulher D. Antonia Borges de Cerqueira, natural de S. Paulo, em cuja matriz casaram a 25 de Agosto de 1629.

Em titulo de Cerqueiras, cap. 5º § 4.º E em titulo de Mirandas, cap. 8º § unico. E teve dois filhos naturaes de Itú:

3—1. Estevão Cardoso de Negreiros.

3—2. Antonio Cardoso de Campos.

3—1. Estevão Cardoso de Negreiros, tem occupado todos os cargos da republica da villa de Itú. Tem sido muitas vezes juiz ordinario, e por triennio juiz de orphãos, e sempre com grande aceitação nas correições dos corregedores. Casou com Maria de Almeida. Em titulo de Botelhos Arrudas, cap. 3º § 6º n. 2—2.

3—2. Antonio Cardoso de Campos, passou para as minas de Goyazes, onde fez estabelecimento no arraial de Crixas de lavras mineraes, em que occupa numerosa escravatura. Tem excellente docilidade, muita honra e verdade. Vive com estimação, e igual respeito, muito attendido dos ministros que passam em correição, e não menos dos governadores generaes d'aquella capitania. Repetidas vezes tem tido sobre si o pesado jugo da republica, porque, como nos arraiaes de Crixas e do Pillar, que um do outro dista dez leguas, ou talvez mais, não ha conselho, servem os juizes ordinarios com jurisdicção para todas as providencias do bem publico.

2—7. Luiz Soares Ferreira, foi filho de Antonio Soares Ferreira, sargento-mór com 600$ de soldo, conquistador dos *Tupinambás* no sertão da Bahia; recebeu honrosissima carta de Sr. Pedro II, com promessa de dois habitos de Christo.

3—1. Miguel Paes de Campos (que é o que me dá estas noticias em Cocaes com idade de 67 annos, rijo e cheio ainda de vivacidade, que nasceu a 21 de Setembro de 1718 em Itú: passou-se para Cuyabá em 1737, onde casou em Maio de 1755 com sua prima irmã (para o que alcançou dispensa de Roma, procurando a seu tio Pedro

Dias Paes Leme, em cuja companhia esteve á espera d'ella muitos annos no Rio de Janeiro), D. Antonia de Arruda de Campos (que ainda existe com a mesma idade do marido com avanço de dois mezes mais) filha de João Antunes Maciel, capitão na guerra dos *Payaguares*, de que era chefe seu primo irmão o coronel Filippe de Campos, o qual João Antunes foi estudante, e é o do § 2° d'este cap. 8º, filho de Anna de Campos, e irmão por consequencia de Maria Antunes, mãi de Miguel Paes de Campos d'este numero. Foi capitão da leva das esmeraldas por patente de Gomes Freire de Andrade, quando a ella foi mandado Ignacio Dias Velho, irmão mais moço do guarda-mór general Pedro Dias Paes. No Cuyabá sempre teve estimação, e foi republicano; vive de minerar no seu sitio de Campo Verde do Ribeirão de Santo Antonio e tem tres filhos: D. Quiteria Paes de Arruda, D. Maria Garcia de Sá e Fernando Dias Paes Leme, todos solteiros. Miguel Paes, falleceu no seu sitio a.............................
E' capitão do dito arraial de Crixas, e juntamente guarda-mór da repartição das terras e aguas mineraes do mesmo arraial. Foi casado em a matriz da Villa-Boa de Goyazes com D. Quiteria Leite da Silva, natural da villa de Parnahyba, filha de João Leite da Silva Ortiz, descobridor e conquistador das minas dos Goyazes, e seu primeiro guarda-mór geral. Em titulo de Lemes, cap. 5º § 5º no n. 3—6 ao n. 4—3, e d'elle ao n. 5—3 de João Leite da Silva Ortiz, com sua descendencia.

§ 7º

2—7. Maria Antunes (filha de Anna de Campos pag. 242), foi casada em Itú aos 5 de Novembro de 1707 com Antonio Soares Paes, filho de Luiz Soares Ferreira e de

D. Catharina Dias Paes, irmã do guarda-mór geral Garcia Rodrigues Paes. Em titulo de Lemes, cap. 5º § 5º n. 3. E teve cinco filhos naturaes de Itú :

3—1. Miguel Paes de Campos, casou no Cuyabá com sua prima-irmã D. Antonia de Arruda de Campos, filha de João Antunes Maciel.

3—2. Antonio Soares Ferreira, morador em Goyazes, solteiro.

3—3. Hieronimo Soares, idem.

3—4. Catharina Dias Paes, casou em Villa-Boa com Manoel Lopes, natural da ilha de S. Miguel.

3—5. Margarida Soares, casou duas vezes : primeira com Paschoal Leite: deixou geração : segunda com José de Sousa, natural da Conceição dos Guarulhos, morador no sitio das Anhumas, caminho de Jundiahy para a villa de Mogy-Mirim, estrada para Goyazes.

CAPITULO IX

1—9. Maria Bicudo de Campos, foi baptizada na Parnahyba aos 3 de Dezembro de 1664, e alli casou aos 6 de Maio de 1677 com Francisco Cardoso, natural da cidade de S Paulo, filho de Manoel Cardoso de Almeida, terceiro padroeiro da igreja de Nossa Senhora da Luz, e de sua mulher Catharina Rodrigues. Em titulo de Carvoeiros, cap. 1º § 5º n. 3—3. E teve nove filhos, naturaes de Parnahyba.

2—1. Filippe Cardoso de Campos....... § 1º
2—2. Francisco Cardoso de Campos..... § 2º
2—3. Desiderio Cardoso............... § 3º
2—4. Angelo Cardoso.................. § 4º
2—5. Estanisláo Cardoso de Campos..... § 5º

§ 1º

2—1. Filippe Cardoso de Campos, viveu muito abastado em minas de Goyazes nas suas lavras mineraes no sitio do Ferreiro. Foi prodigo vendo-se em prosperidades da fortuna; e como não attendeu aos futuros contingentes pela variedade dos tempos acabou pobre, procurando com resignação catholica (depois de viuvo, e sem filhos para educar) servir a Nossa Senhora da Luz como legitimo neto do terceiro protector Manoel Cardoso de Almeida, tomando o habito de hermitão. Empossado dos moveis da capella da Senhora da Luz, entrou em obras, cercando aquelle sitio com muros, e fez casas para os romeiros, com uma horta, para a qual introduziu uma levada de agua para a regar, conduzida do Anhangabahy, que banha o declivio da cidade de S. Paulo abaixo da cerca do convento dos religiosos de S. Francisco. Levantou o frontispicio da capella, e fez outras muitas obras, filhas do seu cordial affecto, zelo e acertos. Foi casado com Maria Bueno, filha do capitão João Pedroso Xavier, que falleceu a 14 de Agosto de 1707, e se lhe acabou a geração. (Orphãos de Parnahyba, Inv. n. 442, let. I.)

§ 2°

2—2. Francisco Cardoso de Campos, casou na villa de Itú aos 17 de Junho de 1715, com Joanna de Almeida, natural da dita villa, filha do capitão Jordão Homem Albernaz, e de Joanna de Almeida, da nobre familia dos Anhayas, e da de Jordão Homem Albernaz, que em 1645 governava a

villa de Ubatuba na marinha do Norte, como capitão-mór da dita villa, que ainda então era povoação. Em titulo de Anhayas. E teve filho unico Francisco Cardoso de Campos, que casou com.....filha de Raymundo de Godoy.

§ 3º e 4º

2—3. Desiderio Cardoso, ainda vive morador da villa de Jacarehy.

2—4. Angelo Cardoso de Campos, casou em Itú a 11 de Julho de 1723 com Apolonia Cabral de Tavora, filha de João Cabral e de sua mulher Maria Bicudo. Sem geração.

§ 5º

2—5. Estanisláo Cardoso de Campos, casou com Anna de Moraes, natural de Santo Amaro, filha de Balthasar de Borba Gatto, e de sua mulher Leonor de Lemos de Moraes. Em titulo de Moraes, cap. 2º § 3º n. 3—1 a n. 4—7. E teve uma filha que está casada com Ignacio da Rocha Pimentel, filho do capitão Bartholomêo da Rocha, e de Ursula Franca. Em titulo de Buenos, cap. 1º § 2º n. 3—8 a n. 4—1.

§ 6º

2—6. Maria de Campos, nasceu na Parnahyba, em cuja matriz foi baptizada a 15 de Fevereiro de 1678. Casou duas vezes : primeira na matriz de S. Paulo a 11 de Junho de 1696 com Pedro Ortiz de Camargo, que, sendo paulista potentado pelo dominio que tinha de numero grande de arcos do gentio do sertão, já catholico, seguiu o partido da alteração, que houve em S. Paulo no anno de 1698, em que obrou varias insolencias com a vara de juiz ordinario que empunhava no dito anno. N'elle

acabou a vida, e o matou o tenente-general Gaspar de Godoy Colaço. No conceito de Arthur de Sá e Menezes foi caracterisado por homem regulo, sendo que este general soube fazer grande estimação dos paulistas benemeritos como se vê das vinte e cinco cartas, que o Sr. rei D. Pedro II escreveu no anno de 1699 aos vinte e cinco paulistas, dos quaes havia dado particular informação ao mesmo senhor(4) dito Arthur de Sá,e tambem lh'a deu sobre a alteração,que havia causado no povo de S. Paulo, e villas da capitania o augmento da moeda, e da morte do regulo Pedro de Camargo ; como tudo se vê melhor da resposta que teve em carta firmada do real punho, e datada em Lisboa a 22 de Outubro do anno de 1698, que se acha registrada no livro de registros das cartas do Rio de Janeiro tit. 1673 a fl. 196, na secretaria do conselho ultramarino. Com a morte de Pedro Ortiz de Camargo não houve successão. Em titulo de Camargos, cap. 1º § 9.º Segunda vez casou Maria de Campos com o capitão-mór Thomé de Lara e Almeida. Em titulo de Taques Pompêos, cap. 3º § 4º com sua descendencia, no segundo matrimonio do dito capitão-mór.

§ 7º

2—7. Anna de Campos, casou em Itú a 20 de Agosto de 1708 com Valerio de Siqueira Caldeira, filho de João de Siqueira Caldeira, e de sua mulher Maria Ribeiro naturaes de Nazareth. E teve um filho chamado João de Siqueira Caldeira, que falleceu solteiro.

§ 8º

2—8. Catharina de Campos, casou em Itú a 20 de Ja-

(4) Secret. do conselho ultramarino, liv. de reg. das cart. do Rio de Janeiro, tit. 1673 fl. 198 e seg.

neiro de 1705 com o capitão-mór Jacintho Barbosa Lopes, provedor dos reaes quintos nas minas do Cuyabá, natural de S. Paulo, irmão direito de Fr. Urbano Barbosa, religioso capucho, e de Catharina Barbosa, mulher de João Vidal de Siqueira, filhos de Francisco Barbosa Rebello, natural de Vianna (viuvo de Catharina Moniz da villa de S.Vicente),e de sua segunda mulher Francisca da Silva,natural de S. Paulo, onde falleceu com testamento a 21 de Maio de 1691 (Orphãos de S. Paulo, maço segundo de inv. let. F). Netos por parte paterna de Thomé Rebello Carneiro e de sua mulher Catharina Barbosa, naturaes de Vianna, como consta do testamento com que falleceu em S. Paulo Francisco Barbosa Rebello a 31 de Julho de 1685. E pela parte materna netos de Gonçalo Lopes, natural da villa de Sardoura do conselho dePaiva,freguezia de Santa Marinha, e de sua mulher Catharina da Silva, natural de S. Paulo, em cuja matriz havia casado a 3 de Junho de 1640, filho de Pedro Lopes, e de sua mulher Joanna da Costa; e bisnetos de Cosme da Silva, e de sua mulher Joanna Gonçalves, que foi irmã de Maria da Silva, mulher de Luiz Hyánes. Em titulo de Camargos, cap. 1º § 2º Este Paulista Jacintho Barbosa Lopes, estando com o pesado officio de provedor dos reaes quintos das minas do Cuyabá pelos annos de 1728, determinou Rodrigo Cesar de Menezes, governador e capitão-general de S. Paulo (então se achava nas ditas minas, para onde tinha passado por ordem régia) que o ouro dos quintos que eram oito arrobas, introduzido em cunhetes de madeira grossa, chapeados de ferro, na fórma que se costuma para virem embarcados em canôa até o porto de Araritaguaba, se entregasse na cidade de S. Paulo ao provedor da casa da real fundição de ouro, que então era um Sebastião Fernandes do Rego, natural do reino de Portugal. A este se determinou que os taes

cunhetes se não abrissem, e que do mesmo modo em que sahiram do Cuyabá se remettessem para o Rio de Janeiro para irem a El-rei na náo do comboi da frota.

§ 9º e ultimo

2—9. Maria de Campos, filha de Maria de Campos, e Francisco Cardoso, do cap. 9º), casou em Itú a 18 de Agosto de 1726 com Gaspar de Godoy Moreira, natural de S. Paulo, filho de Ignacio Moreira, e de sua mulher Catharina de Onhate. Em titulo de Hortas, cap...

CAPITULO X

1—10. D. Antonia de Campos, nasceu em Parnahyba a 29 de Março de 1660 e falleceu em Itú com testamento a 22 de Agosto de 1728. Casou com o sargento-mór João Falcão de Sousa, natural da ilha de S. Miguel, de nobreza conhecida, irmão de Ignacio de Sousa Falcão, o Morgado. Foi primo direito dos tres irmãos Arrudas, que casaram em S. Paulo na casa de Quadros. Em titulo de Botelhos Arrudas, cap. 1º 2º e 3.º E teve filha unica.

§ unico

2—1. D. Barbara de Sousa e Menezes, natural da villa de Itú, casou com Manoel de Sampaio Pacheco, natural da ilha de S. Miguel da villa da Ribeira Grande, e capitão-mór que foi da villa de Itú, onde falleceu em 1762, filho do capitão Manoel Pacheco Botelho, e de D. Maria de Arruda, ambos da villa da Ribeira Grande. Neto pela parte paterna de Sebastião Botelho da Fonseca, natural de Calhetas, e de Catharina de Viveyro, tambem de

Calhetas. E pela materna neto do capitão Nicoláo da Costa de Arruda, irmão dos tres Arrudas referidos no capitulo supra, e de sua mulher Ignez Tavares, da ilha de S. Miguel. E teve dois filhos :

3—1. Francisco Pacheco de Menezes.
3—2. D. Maria Pacheco de Menezes.

3—1. Francisco Pacheco de Menezes, casou tres vezes : primeira com D. . . . filha do tenente-coronel Antonio Borralho Pedroso, nas minas do Cuyabá, sem geração; segunda vez em ditas minas com D. . . . Flores Bonilha, sobrinha direita do capitão Salvador Martins Bonilha. Em titulo de Bonilhas, sem geração ; terceira vez casou no Mato Grosso na Villa Bella com D. Maria de Oliveira, natural de Itú, filha de. . . . . .

3—2. D. Maria Pacheco de Menezes, falleceu em Itú em 1766 : foi casada com Antonio Ferraz de Arruda, nobre cidadão de Itú, onde actualmente tem as redeas do governo civil d'aquella republica e tem sido por duas vezes juiz de orphãos triennal com acreditada utilidade dos pupillos desamparados. Existe em 1767, bem afazendado no seu engenho de assucares, e capella de. . . . . . . com nove filhos naturaes de Itú. Em titulo de Botelhos Arrudas, cap. 1º § 4º n. 2 –2, com sua descendencia.

CAPITULO XI

1—11. Isabel de Campos, nasceu e baptizou-se em Parnahyba a 11 de Dezembro de 1661, e foi casada com Pedro Dias Leite, filho de Manoel Ferraz de Araujo, cidadão da cidade do Porto. Em titulo de Lemes, cap. 5º § 5º n. 3 – 8. E teve quatro filhos naturaes de Itú :

2—1. Theodosio Ferraz......... § 1º falleceu solteiro.
2—2. Manoel Ferraz de Campos.. § 2º
2—3. José Ferraz.............. § 3º
2—4. Margarida Bicudo de Campos § 4º

§ 2º

2—2. Manoel Ferraz de Campos, casou com Anna Ribeiro, filha de José Corrêa Penteado. Em titulo de Penteados, cap. 6º § 6.º E teve quatro filhos :

3—1. Maria de Campos, casou com seu parente Manoel Corrêa de Barros. Em titulo de Penteados, cap. 6º § 6.º E teve nove filhos :

4—1. José Manoel de Campos, casou na Acuthia com Paulina, filha do capitão Pedro da Rocha Machado. Em titulo de Camargos.

4—2. João Corrêa de Campos, casou na Acuthia com Helena Machado, filha do capitão Pedro da Rocha, supra.

4—3. Anna de Campos, casou em Penha de França com Manoel João de Athaide, natural de Parnahyba, filho de Manoel João de Athaide.

4—4. Agostinha Rodrigues de Barros, casou em S. Roque com Joaquim de Araujo Paes, filho de João Martins da Fonseca. Em titulo de Arrudas ou Lemes, L 5.º

4—5. Estanisláo de Campos, solteiro em 1773.

4—6. João Antonio, solteiro.

4—7. Maria Ferraz, casou na Penha com Bento de Camargo Paes, filho de Matheus Lopes de Camargo.

4—8. Francisco.

4—9. Salvador.

§ 3º

2—3. José Ferraz, foi jesuita na provincia da Bahia, onde tomou a roupeta. Este homem foi de marca maior

na subtileza com que penetrou a sagrada theologia. As suas letras o elevaram tanto, que cahiu no desacordo de se constituir soberbo e ingrato ao doce leite com que se creára na companhia; porque, faltando-se-lhe com a cadeira de theologia na Bahia, para logo entrou a abandonar aquella rectidão de justiça distributiva com que esta religião costuma praticar os seus preceitos com os subditos, publicando que com elle se tinha alterado esta virtude, porquanto as cadeiras se devem conferir aos mais benemeritos em letras, e não em antiguidade de estudos. Intentou largar a roupeta; mas os jesuitas, conhecendo que em José Ferraz se ia creando o maior barrete da provincia do Brasil, lhe faziam repetidas rogativas com admiraveis e prudentes advertencias, lembrando-lhe a virtude da santa humildade, a honra da religião pelo seu illustre patriarcha, o desagrado dos seus nobres pais, a gloria da patria; e ultimamente que o defeito, que lavrava o primeiro descuido com a falta da cadeira n'aquella occasião, se emendaria com o mesmo contentamento com que todos lhe aspiravam o credito das suas letras. Emquanto se foi contendo pelas admoestações dos reverendos amigos chegaram as noticias a Roma, e não duvidou o reverendissimo padre geral honrar a José Ferraz com carta cheia de paternal benignidade, mandando se lhe conferisse a cadeira de prima no collegio da Bahia. Não bastou esta ternura e obsequio sem exemplo, para abrandar o genio aspero, ou desconfiado do padre José Ferraz, que, preoccupado da sua teima e allucinação, largou a roupeta, e, como já era presbytero, veiu para S. Paulo em habito de clerigo de S. Pedro. Não tardou muito o castigo, porque de repente ensurdeceu, de sórte que, ainda que aos ouvidos lhe disparassem uma peça de artilheria não ouviria este grande echo. Viveu

pobre, e acabou na miseria ; porque até por fim da carreira da triste vida cahiu no vicio de se embriagar com aguardente. Jaz sepultado na villa de Itú sem mais campa, que a saudade do seu nome, não pelo que foi, mas pelo que deixou de ser. Foi bem instruido na historia sacra e profana, á que se applicou por allivio da sua surdez. Nas humanidades foi eminente ; e na poesia latina transcendeu a todos os do seu tempo,e ainda até hoje sem igual. Davam-lhe o assumpto, e no mesmo ponto pegando na penna entregava para logo um epigramma de um até dois disticos, que serviam igualmente para o applauso, como para a estimação. Emfim do padre José Ferraz (o infeliz n'esta vida) todo o encarecimento será minuto louvor ao seu grande e elevado engenho.

§ 4°

2—4. Margarida Bicudo Leite de Campos, casou em Itú a 12 de Janeiro de 1761, com João Bicudo, natural da Parnahyba (irmão do capitão-mór da Parnahyba José Bicudo de Brito), filho de Manoel Bicudo de Brito, e de sua mulher Thomasia de Almeida. Em titulo de Alvarengas, cap. 3° § 1° n. 3 — 2 a 4 — 2. E teve dois filhos :

3—1. Pedro Dias Bicudo.
3—2. João Bicudo de Campos.

3—1. Pedro Dias Bicudo, casou duas vezes : primeira com . . . filha de João Paes Rodrigues,sua prima segunda; segunda vez casou com. . . . filha de José Pompêo de Almeida, filha do capitão-mór Thomé de Lara. Em titulo de Taques,cap. 3° § 3° n. 3—.

Do primeiro matrimonio teve :

4—1. Manoel Dias.

4—2. . . . . . mulher do sargento-mór Antonio Pacheco da Silva. Em titulo de Borbas Gattos.

4—3. Anna de Campos,falleceu solteira.

Do segundo matrimonio :

4 4. Maria.

4—5. Theresa : falleceu solteira.

4—6. Isabel de Sampaio, solteira.

3—2. João Bicudo de Campos, casou em Itú com Josepha Paes de Campos, filha de João Paes Rodrigues, e de Margarida Antunes Bicudo, do cap. 8º § 2º n. 3—8, e alli com quatro filhos.

CAPITULO XII (5)

1—12. Maria Bicudo de Campos, casou duas vezes, primeira com Mauricio Machado Barreto, natural de S. Paulo, na villa de Itú,aos 29 de Janeiro de 1688, filho de Manoel Machado e de sua mulher Cecilia Ribeiro, como consta no livro 1º dos casamentos da matriz de Itú. E segunda vez casou com Lourenço Corrêa Ribeiro. E teve :

Do primeiro matrimonio :

2—1. O padre Filippe Machado de Campos, habilitou-se em S. Paulo ; foi vigario da vara e igreja em Itú.

2—2. Cecilia Ribeiro de Campos, casou com Antonio Corrêa da Silva, natural de Itú, a 13 de Junho de 1706 (liv. 2º dos casamentos de Itú), filho de Antonio Corrêa da Silva, e de sua mulher Margarida Bernarda.

2—3. Maria de Campos, casou primeira vez com Salvador de Espinha Silva, natural do Rio de Janeiro e foram para o Cuyabá. Deixou geração.

(5) *Este capitulo parece que o autor o fez em duvida pelas emendas, e variedade do nome do capitulo, e porque no principio do titulo diz que falleceu solteira e aqui porém casada com descendencia.

§ 4º

Do segundo matrimonio (* Em duvida):

2—4. Lourenço Corrêa Ribeiro, casou com Rosa de Arruda. Em titulo de Arrudas, cap.... E teve:

3—1. Frei Salvador, capucho.

3—2. Lourenço Corrêa Ribeiro, casou em Sorocaba. Sem geração.

3—3. Anna Ribeiro de Araujo, casou com João Pires de Arruda, filha do capitão Pedro Taques Pires. Em titulo de Taques, cap. 3º §.

3—4. Maria de Arruda, casou com Francisco Mendes de Almeida, natural de Acuthia, filho de Luiz Mendes de Almeida. Deixou geração.

2—5. Pedro Corrêa de Campos.
2—6. José Corrêa de Campos. } falleceram solteiros.

(*Continúa*)

MEMORIA SOBRE A CAPITANIA DO CEARÁ

(Cópia d'um documento existente no Archivo Publico)

SENHOR.— Foi Vossa Alteza Real servido ordenar, por provisão régia da mesa do desembargo do paço com data de 24 do mez preterito do corrente anno, que eu informe com o meu parecer o negocio da creação dos lugares de juizes de fóra da comarca do Ceará, conteúdo nos papeis inclusos, na fórma da resposta do procurador da corôa.

Em virtude pois d'esta régia determinação, sou justamente obrigado a levar á prezença de Vossa Alteza Real os meus sentimentos, sobre os pontos memorisados na minha primeira informação de 23 de Setembro de 1811, tanto a respeito da extensão do termo, que se deve dar ao juiz de fóra da villa da Fortaleza, capital da mesma, como dos juizes de fóra, que na dita informação lembrei, para as villas do Icó e Sobral.

Para satisfazer ao primeiro objecto, devo reportar-me em tudo áquella informação, que amplificarei, como se me ordena, protestando a Vossa Alteza Real, que o termo da Fortaleza só por si não é sufficiente para a necessaria subsistencia do juiz de fóra d'aquella villa, e que em razão d'isso me não parece excessivo o que lhe arbitrei nas proximas encravadas villas dos indios, de Arronches, Messejana e Soure, assim como nas confinantes do Aquiraz e Montemór o Novo, sendo certo que a primeira villa dista da capital para léste uma legua, tendo duas de extensão em quadro; que a segunda fica para a mesma parte, em distancia de tres, e uma dita de termo; que a terceira, distante tres leguas para oeste, só tem uma em quadro; que a quarta dista seis da capital para léste; que a quinta fica na distancia de trinta para o sul; e ultima-

mente, que a população d'estas villas em geral bota a 22,903 pessoas de ambos os sexos e qualidades.

Emquanto ao segundo objecto da referida informação, sobre a urgente necessidade, que tenha a capitania de mais juizes de fóra, depois que formalisei o mappa topographico da mesma, que offereci a Vossa Alteza Real, e que o defunto conde das Galvêas fez que se copiasse no real archivo militar, achei ser muito mais conveniente que, em vez dos dois lembrados, se creassem quatro nos pontos principaes á beira mar, e nos correspondentes para o sertão na sua extrema, a saber: Os dois primeiros pontos de léste a oeste, na villa do Aracaty, cujo termo divide a capitania no rio Mossoró da capitania do Rio-Grande do Norte; e na villa da Granja, que a separa tambem no Presidio da Amarração da villa de S. João da Parnahyba da capitania do Piauhy; e os outros dois pontos para a mesma parte da extremidade do sertão, na villa do Crato e na de S. João do Principe, que a dividem das capitanias da Parahyba, Pernambuco e Piauhy.

No primeiro ponto da villa do Aracaty deverá o novo juiz de fóra estender a sua autoridade e jurisdicção até o termo da villa de S. Bernardo, dez leguas ao sul, cujas villas contam uma população de 16,120 pessoas. No segundo da villa da Granja, até Villa Viçosa Real, em distancia de quatorze leguas ao sul, e a villa do Sobral em trinta a léste, que encerram em todo o seu termo 27,387 habitantes. No terceiro da villa do Crato e Caririz, até ao Icó, distante trinta e seis leguas para o norte, que contém 29,433 almas. E no quarto da villa de S. João do Principe, até Campomaior, que lhe fica ao norte em distancia de quarenta e quatro leguas, e até Villa Nova d'El-Rei, a sessenta e seis ditas para oeste, povoadas com 16,698 habitantes. Distam as villas dos dois primeiros pontos da capital, trinta, qua-

renta, oitenta, noventa e nove e sessenta leguas; e as dos segundos cento e dezeseis, oitenta, cento e quatro, sessenta e setenta e cinco, conforme o calculo dos viajantes.

O ponto médio da linha á beira-mar entre o Aracaty e Granja deve considerar-se na villa da Fortaleza, a qual se estende pelo centro nas mencionadas villas dos indios e Aquiraz, até a villa de Montemór o Novo, em distancia de trinta leguas para o sul; e n'essa mesma direcção, distante outras trinta, fica a villa de Campo-maior dita, que fórma quasi o ponto central de toda a capitania, aonde convém muito seja a residencia do ouvidor, não sendo na capital, para commodamente fazer as suas correições em quasi iguaes distancias, do centro para a circumferencia, e evitar-se assim os graves prejuizos, que os povos costumam experimentar com a grande longitude em que fica a sua residencia no Aracaty.

Só n'estes quatro pontos estabelecidos na circumferencia de mais de quinhentas leguas acho a proposito, e muito importante a creação dos novos juizes de fóra, assim como no centro a residencia do ouvidor; porque, dando as justiças mutuamente as mãos, e da mesma sorte a tropa, seriam inviolavelmente observadas as leis, as autoridades conservariam todas o seu devido decoro e respeito, os delinquentes não ficariam impunes, os facinorosos que a infestam a desampararariam, desvaneciam-se as intrigas; até os povos, com mais socego e tranquillidade, animariam a sua abandonada agricultura e o seu amortecido commercio. Finalmente multiplicar-se-iam as villas á imitação das parochias, como é indispensavel em tão vasta capitania, para a civilisação dos seus habitantes, aonde não convém estejam dispersos sem educação, nem religião; e do mesmo modo devem ser, digo, não devem estar apinhoados em um tão pequeno numero de villas,

aonde se forjam, de ordinario, as maiores cabalas, e escandalosos monopolios de refinado egoismo dos ambiciosos, que só desejam para si os empregos e as riquezas, e pisar os indigentes: Póde ser que a justa pretenção dos moradores de S. Vicente das Lavras da Mangabeira servisse de exemplo para prova d'esta verdade, porém remetto-me ao silencio n'esta parte, por não pertencer ao objecto d'esta minha informação.

Ultimamente, Senhor, com a *Memoria* appensa de uma tão interessante capitania, que tenho a honra de offerecer com esta a Vossa Alteza Real, espero eu fazer mais claro e perceptivel o meu parecer sobre os referidos objectos; assim elle desempenhe como desejo o que Vossa Alteza Real me ordena e satisfaça completamente á resposta de um tão recto como sabio ministro.

O Ente Supremo guarde por dilatados e felizes annos a preciosa vida de Vossa Alteza Real, para bem do Estado e da nação.

Cidade do Rio de Janeiro, em 18 de Abril de 1814.—*Luiz Barba Alardo de Menezes.*

MEMORIA SOBRE A CAPITANIA INDEPENDENTE DO CEARÁ GRANDE

A capitania do Ceará Grande conta a sua antiguidade logo depois do descobrimento do Brasil por Pedro Alvares Cabral, em 24 de Abril de 1500. Foi primeiramente sujeita ao Estado do Maranhão, e depois a Pernambuco pela capitulação dos hollandezes firmada no Recife a 26 de Janeiro de 1654; porém obteve a sua independencia no tempo do governo de meu predecessor, o chefe de esquadra Bernardo Manoel de Vasconcellos, por carta régia de 17 de Janeiro de 1799. Póde-se seguramente affirmar-se que, até esse

tempo era desconhecida e considerada como árida e esteril, e por isso não teve nunca donatario, de cuja falsa opinião não tirou pequeno partido a praça de Pernambuco, que ainda d'ella tira avultadissimas sommas, não só com prejuizo dos seus habitantes, mas até da real fazenda, como tenho por vezes mostrado.

Tem esta capitania de longitude 4 gr. e 30 m. e de latitude 6 gr. e 30 m., de maneira que fórma o seu terreno uma superficie de 9,500 leguas portuguezas, por um calculo approximado. Tem poucos rios navegaveis, mas infinitas ribeiras, immensas serras de prodigiosa producção de todos os generos, especialmente de algodões, excellentes aguas, saborosos fructos; e os seus ares talvez sejam os melhores d'este continente, como se comprova do grande numero de pessoas que tem de avançada idade.

De 1803 em diante a sua agricultura tem ido no maior augmento, e muito mais ainda o seu commercio, em razão do seu local, por terem os seus portos a vantagem sobre os outros do Brasil de serem as viagens para a Europa, e d'ahi para os ditos, muito mais abreviadas, por soprarem os ventos constantemente de nordeste para lés sueste, e de se não encontrarem durante ella, baixos, e ser de facil reconhecimento, pelas grandes montanhas, que mui de longe se avistam em toda a extensão de cento e quarenta leguas, pouco mais ou menos, de léste a oeste, principiando da barra do rio Mossoró, que a divide da capitania do Rio Grande do Norte, até a Amarração, que a separa da villa de S. João da Parnahyba, da capitania do Piauhy.

Sendo as noticias, que pude alcançar dos livros das sesmarias, que se conservam na secretaria do governo, tem tido esta capitania, desde o anno de 1663 até 1789, trinta capitães-móres governadores; e desde esse tempo, digo, de 1799, conta quatro governadores independentes, até

19 de Março de 1812, em que entreguei o governo ao meu successor Manoel Ignacio de Sampaio, que actualmente a governa. Tem uma junta da real fazenda, creada por carta régia de 24 de Janeiro de 1799; um ouvidor geral da camara; um juiz de fóra na capital creado por alvará de 4 de Junho de 1810, para servir ao mesmo tempo de procurador da corôa, juiz d'alfandega e auditor da tropa; duas casas de inspecção de algodão, na villa do Aracaty, e na da Fortaleza, quando uma só bastava, como se pratica nas mais capitanias; um hospital real militar; nove regimentos milicianos, a saber, tres de infantaria e seis de cavallaria; duas companhias de tropa paga de infantaria e artilharia, que guarnecem a capital; vinte e quatro freguezias e dezeseis villas, de que vou dar uma succinta idéa, sobre a sua extensão, distancia e população, para fazer muito mais intelligivel a minha antecedente informação.

VILLA DA FORTALEZA DE NOSSA SENHORA D'ASSUMPÇÃO

Esta villa é a capital da capitania, aonde reside o governo: está em 3 gr. 41 m. de latitude austral, e em 30 gr. e 31 m. de longitude occidental do observatorio da marinha de Lisboa, segundo as observações que se fizeram, quando em 1810 mandei tirar a sonda da sua famosa enseada, que enviei para a secretaria de Estado dos negocios estrangeiros, e da guerra, e que se conserva no real archivo militar d'esta côrte. A sua situação fica á beira-mar um pouco elevada, e distante uma legua da ponta de Mocuripe, seu antigo ancoradouro: os hollandezes ainda residiram muitos annos na povoação da Barra do Rio Ceará, que fica para o poente, em distancia de tres leguas e meia, aonde se conservam ainda vestigios das suas fortificações: porém depois os seus moradores, vendo per-

dida a sua barra, e que o seu local não era o mais sadio, passaram para a dita villa aonde já havia uma insignificante fortaleza, que por provisão de 24 de Setembro de 1745 se mandou fazer melhor.

Reputa-se ter o seu districto de comprimento sul para o norte da costa do mar 30 leguas, desde a barra do rio Pacoty, até á barra do rio Mondahú ; e de largura 36 leguas de léste a oeste desde a dita costa, até o sertão da serra da Tatajuba, com as povoações seguintes : Sinpé ; Santa Cruz da Uruburetama, S. Francisco do Canindé, com uma sumptuosa capella, e Parázinho, que julgo ser o melhor porto da capitania, mas ainda muito atrazado ; Sant'Anna na ribeira do Curú, Cauhipe, Tacuára, Pitagori, Maranguape, Jerarahu, Aratanha ; estas são as suas serras mais notaveis, e que produzem preciosos generos. A sua matriz tem por invocação S. José de Ribamar, é grande, mas ainda imperfeita, por não estar acabada. A casa da junta da real fazenda, contadoria e real erario ficam por cima da cadêa e calabouço, com tanta impropriedade, risco e incommodo dos officiaes das ditas, que deu justo motivo aos clavicularios requerem-me a mudança. Tem uma excellente casa de governo, e outra igual onde os camaristas fazem as suas respectivas sessões : outra optima da inspecção do algodão : um bom quartel de infantaria, dentro do qual se acha a capella de Nossa Senhora da Assumpção, e com bastante perigo o hospital militar. Tem oito companhias de ordenanças, quatro de milicias e duas de tropa de linha, que é obrigada a guarnecer tambem os fortes de Mocuripe. O numero dos seus moradores excede de tres mil ; e a renda do seu concelho, segundo uma certidão do escrivão da camara, João José da Costa, não passa de 154$360 réis. Por provisão de 11 de Março de 1725 se determinou a creação d'esta villa.

VILLA DE SOURE

Esta villa chamavam os indios da nação *Algodão*, seus fundadores, Caucaya, que significa, bem queimado está o mato ; foi a primeira que estabeleceram no Ceará, quando evacuaram a ilha de Itamaracá, de que os nossos se fizeram senhores com a tomada de Pernambuco, a quem ella pertence. Foi erecta em villa em 1759, fica a oeste do rio Ceará, em distancia de legua e meia da sua barra, e tem de extensão uma legua em quadro. Os jesuitas ahi tinham, em uma linda praça, a sua igreja matriz da invocação de Nossa Senhora dos Prazeres, que ainda se conserva com muita decencia, e apesar de terem desertado muitos dos seus moradores, pelas grandes violencias dos directores, ainda tem tres companhias de ordenanças de indios, pouco industriosos, e muito pobres.

VILLA DE ARRONCHES

Os sobreditos indios tambem foram os descobridores da lagôa d'esta villa, a que pozeram o nome de Parangaba, que quer dizer, agua que se parece com Cunham bonita, e assim se nomeava até 1759 da sua creação. Tem duas leguas de extensão em quadro, e as serras de Maranguape e Jararahu para se refrigerarem. Estes indios são mais industriosos e cultivadores ; na grande praça tem uma soffrivel casa de camara, e a igreja matriz do Senhor Bom Jesus, que os jesuitas mandaram fazer com seu pequeno auspicio. D. Filippe Algodão, chefe d'esta nação do seu appelido, foi muito respeitado no seu tempo, e commandava cinco companhias de ordenanças, que são as que ficam mais proximas para acudir a qualquer rebate na capital, da qual fica distante para léste uma legua, e de Soure tres para oeste.

VILLA DE MESSEJANA

Esta villa, denominada pelos indios Parápáopinna, que significa, lagôa grande redonda com páos lisos em roda, foi creada em 15 de Outubro de 1759 ; fica a léste d'Arronches em tres leguas de distancia e outras tantas da Fortaleza : tem de extensão, uma legua em quadro ; e ao poente em distancia de tres á serra do Juá, e a duas do Camará, aonde os indios costumam plantar a sua mandioca, algodão e legumes. Na sua grande praça fica a casa da camara, que é muito boa, e o hospicio que tinham os jesuitas, ainda muito soffrivel, junto á igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição, de tres naves, e muito bem conservada. O seu director tem debaixo do seu commando, oito companhias, cujos indios não deixam de ser curiosos na cultura das terras. As rendas dos concelhos d'estas tres villas são de pouca entidade ; e os seus antigos habitantes das nações *Camarão* e *Algodão* foram muito perseguidos pelos *Tapuias* que habitavam o sertão denominado : Panaticuarêma, Genipapo , Peiga, Payacú, Jaguaribára e Trembanbé.

VILLA DO AQUIRAZ

E' a mais antiga da capitania, e por isso, assim como por ser a residencia de alguns governadores e ouvidores, foi considerada cabeça da comarca : o seu termo pega do porto de José Alves, beira do rio Jaguaribe a oeste, com vinte e nove leguas de longitude, até o riacho da Tamatanduba ; e de latitude com dezeseis leguas de norte a sul, pegando do porto do Iguape até a ribeira do Pirangi ; fica distante da villa da Fortaleza para léste seis leguas, e está situada em uma pequena collina de agradavel vista e sadios ares, em cujo cume se vê uma grande praça, aonde

está collocada a igreja matriz de S. José de Ribamar, que mandou fazer com muita grandeza e asseio o seu parocho actual o Rev. padre José Pereira de Castro, vigario geral foraneo da capitania ; e a dos extinctos jesuitas, de muito boa architectura, junto da qual tinham o seu collegio, de que ainda restam vestigios. A léste, em distancia de sete eguas, fica a povoação do Cascavel, donde em 1660 o grande padre Antonio Vieira tinha estabelecido nove, ou dez missões de diversas nações até Canindé, quasi vinte leguas para oeste; cuja povoação além de comprehender mais de 463 moradores, e ser mui commerciante e mimosa, se faz por isso certamente digna de ser creada villa. A' outras sete leguas de distancia para o sul está a povoação dos indios *Payacús* de Montemór o Velho, que não deixam de ser industriosos pelas excellentes esteiras que fazem. Tem tres companhias milicianas e seis de ordenanças ; e uma excellente e forte cadêa principiada, que depois de concluida não só é a melhor, mas a mais segura da capitania. A renda do seu concelho pouco póde exceder de 133$755 réis segundo me informei.

VILLA DE MONTEMÓR O NOVO

Esta villa, que ainda hoje muitos denominam de Baturité, seu antigo nome, fica vinte e nove leguas ao sul da capital. Tem trinta leguas de norte a sul, e dezeseis de nascente a poente. As suas povoações estão situadas na serra do Labyrintho, Acarápe, riacho do Pitiu, Genipapeiro, rio Xoró, Marés, Serra do Vicente, dita da Pindoba, riachão da Lagoa Nova, e riacho do Cangati ; porém nem por isso a sua população é grande, e quasi toda ella se compõe de indios ; a sua matriz é da invocação de Nossa Senhora da Palma ; e as suas serras sobreditas produzem

preciosos generos, madeiras, muitos vegetaes de estimação e ricos mineraes. Tem duas companhias de ordenanças a cavallo tão sómente, o que prova ainda a sua decadencia.

VILLA DE SANTA CRUZ DO ARACATI

Esta povoação foi creada villa em 10 de Fevereiro de 1748, sendo governador interino Pedro de Menezes Magalhães, e ouvidor Manoel José de Faria; conservou o seu primeiro nome indio de Aracati, que significa, pedra branca comprida para cima, que ainda se divisa no meio do rio Jaguaribe, na passagem das pedras, onde foi o seu primeiro estabelecimento, assim como a primeira povoação que os hollandezes procuraram na costa do Ceará. Porém pelos tempos os seus moradores se mudaram para o lugar onde ella actualmente existe, que fica situada na margem do grande rio Jaguaribe da parte de léste da sua embocadura, distante da barra tres leguas para o norte, e trinta da villa da Fortaleza; em cujo lugar elles tinham as suas officinas das carnes seccas, tão decantadas ainda hoje com o titulo de carne do Ceará, por serem todavia as melhores d'este continente; e porque a villa fica situada em uma grande vargem, está consequentemente muito exposta a continuas inundações, que, além de causarem gravissimo prejuizo aos seus moradores, lhes podem vir a ser funestas algum dia, se se não acautelarem; visto que a agua chega a uma grande altura dentro da villa, que, arruinando casas, obriga os moradores a precipitada fuga, de que fui testemunha em 1812. O seu districto pouco mais poderá exceder de vinte e duas leguas de longitude, até o rio Mossoró á leste, que a divide da capitania do Rio Grande do Norte, e pouco mais de dez, de norte a sul, até a povoação de Ca-

tinga de Goes, que a separa da villa de S. Bernardo. Conta as povoações seguintes: Beirada, Canôa Quebrada, Barra da Canavieira, Poço das Pedras, Jequí, Catinga de Goes, Mata Fresca, Córgo do Coronel, Lagôa do Mato, Retiro Pequeno, Retiro Grande, Ponta Grossa, Enseada Redonda, Picos, Barreiras, Mulamba, Cajuás, Caissára, Arêas, Tiban, Morro Grande Vermelho, e a barra do rio Mossoró, que é a extrema. A sua matriz, da invocação de Nossa Senhora do Rosario, é um excellente templo, aonde se fazem, com muita dignidade, todas as funcções da nossa religião, e o mesmo se pratica nas capellas do Senhor Jesus do Bomfim, de Nossa Senhora dos Prazeres, e do Rosario, que todas vi decentemente ornadas. A casa da camara é sem duvida a melhor de toda a capitania, e a mais assciada e mobiliada. A da inspecção do algodão é mui superior á da capital; e a do Assougue é magnifica, como ainda não encontrei nenhuma. Tambem são dignas de attenção as casas dos principaes negociantes, por serem á moderna; e como ficam todas na rua principal, de grande extensão e largura, fazem uma perspectiva muito agradavel: estes negociantes, em não pequeno numero, não só são os mais ricos da capitania, mas até os mais polidos, e bem educados. Os generos do seu commercio são algodões, couros seccos, e vaqueta, que lhes vem do Icó e Caririz, e que exportam para Pernambuco. Tem mais de dois mil moradores, tres companhias do regimento de infantaria miliciana das marinhas do Ceará e Jaguaribe, e oito ditas de ordenanças. A renda do seu concelho não deve ser pequena, pelas excellentes obras que tem mandado fazer. E' summamente abundante de sal o seu districto, e de optima qualidade; o dos Canoés, na estrada da Fortaleza, não se aproveita, mas o do Mossoró e da Beirada é frequentemente conduzido em sumacas para Pernambuco.

VILLA DE S. BERNARDO DO GOVERNADOR

Esta povoação, denominada das Russas, está situada junto ao rio Jaguaribe para o sul, em distancia de dez leguas da villa do Aracatí e quarenta da Fortaleza. Foi creada villa no tempo do governo do meu predecessor, o chefe de esquadra Bernardo Manoel de Vasconcellos, em Agosto de 1801. O seu termo tem de longitude vinte e oito leguas, até á extrema do Icó ; com as povoações do Taboleiro da Areia e S. João, além de muitos sitios, summamente povoados, o que não é a dita villa, por não excederem de duzentos os seus moradores. Tem no seu districto o regimento de cavallaria miliciana das Vargens de Jaguaribe e Quexeremobim, composto de treze companhias ; e tem dez ditas de ordenanças, com a sua igreja matriz da invocação de Nossa Senhora do Rosario.

VILLA DO ICÓ

Na margem de léste do rio Jaguaribe, em distancia de quarenta leguas da villa de S. Bernardo para o sul, e oitenta ditas para léste da capital, fica situada a villa do Icó, a qual é reputada como a mais antiga do sertão, e a mais commerciante. Tem o seu termo de norte á sul, desde o riacho da Junqueira, até o riacho da Caissára, quarenta leguas ; e de léste a oeste, desde o riacho junto á S. Matheus, até ás Trincheiras, perto da povoação do Umary, vinte leguas. Confina pelo norte com o termo da villa de S. Bernardo, pelo sul com o Crato e pela parte de léste com o termo da villa de Sousa, da capitania da Parahyba, com o da villa de Portalegre, do Rio Grande ; e pela parte de oeste com o da villa de S. João do Principe. No seu termo conta as povoações seguintes : S. Vicente das Lavras na ribeira do Rio Salgado, distante dez leguas,

com 57 fogos e 239 habitantes em 1808, digna, a meu ver, e de muitas pessoas imparciaes que abominam a intriga, de ser erigida em villa — Santa Anna da Telha na ribeira do Quixeló, matriz do Frade na ribeira do Riacho do Sangue, distante vinte e duas leguas. E a matriz de S. Matheus dezoito ditas. A sua matriz, de Nossa Senhora da Expectação, é uma das mais ricas da capitania ; e era tão grande o termo da sua freguezia, que d'ella se separaram as actuaes matrizes de Missão Velha, S. Matheus, Arneiroz, Crato, Riacho do Sangue, e ultimamente a de S. Vicente das Lavras. Tem doze companhias de ordenanças, um regimento de infantaria miliciano dos homens pardos, composto de treze companhias, e outro de cavallaria de treze. As rendas do seu concelho excedem de 355$075 réis ; e o seu commercio de algodão, couros, rapadura, e sabão, é summamente activo pelos negociantes que tem de grandes fundos; portanto póde seguramente affirmar-se que, por ser muito ameno e mimoso de aguas o seu districto, é a situação mais rica e agradavel da capitania.

VILLA DO CRATO

Antigamente chamava-se a esta povoação Careriz Novos, como ainda hoje muitas vezes se intitula todo o seu districto, aonde habitavam os indios da nação *Calabáca* : está situada na margem do rio Salgado, distante trinta e seis leguas da villa do Icó para o sul, e cento e dezeseis da capital para léste. Tem mais de trinta leguas de comprido, e algumas grandes povoações, como são a de Missão Velha, Jardim e Milagres. As suas preciosas nascentes de aguas a fazem muito procurada dos povos nas occasiões da secca, motivo por que vai sendo muito povoada e commerciante. Confina com o rio de S. Francisco na parte que pertence

a Pernambuco, e por essa razão merece uma vigilante policia, e toda a energia em que se desenvolva os dois preciosos ramos de agricultura e commercio, de que é assaz susceptivel pela sua mimosa situação : Nossa Senhora da Penha, é orago da sua matriz. Tem um regimento de cavallaria miliciana, composto de dez companhias, e outras tantas de ordenanças. O rendimento do seu concelho é ainda tenue, mas, conferindo-se-lhe alguma sesmaria, e o mesmo a outros igualmente pobres, fica remediado este inconveniente.

VILLA DE S. JOÃO DO PRINCIPE

Tem esta a mesma antiguidade da creação da villa de S. Bernardo, denominava-se Inhamum, por ser habitada pelos indios da nação *Jucá*. Fica para oeste do Crato cincoenta leguas, e cento e quatro para o sul da villa da Fortaleza : conta quarenta e quatro leguas de longitude de nascente á poente, e trinta e cinco ditas de latitude de norte a sul. Tem as povoações Cruz, Arneiroz, aonde está a matriz com a invocação de Nossa Senhora da Paz, Cocosi, Flôres, Maria Pereira, onde se acha o rio Sebastião, que divide o termo, ficando pertencendo da parte do sul ao Crato, e do norte á villa de S. João do Principe. O seu terreno é algum tanto aspero, mas mui susceptivel de cultura, e abundante de gados. A villa por moderna pouco excederá de 300 moradores, mas a sua população é grande pela extensão do seu districto ; o qual deve merecer o maior cuidado de policia, por ter sido sempre o coito dos facinorosos da capitania do Piauhy, que á viva força, de dia, sem temor das justiças, nem dos moradores da villa, têm tirado, por algumas vezes, os presos da cadêa ; as antigas rixas das familias dos Montes, e Feitosas, e as ul-

timas, que estes praticaram no tempo do meu antecessor João Carlos Augusto de Oeynhausen, é prova bastante.

VILLA-NOVA DE EL-REI

Esta villa tambem é conhecida pela denominação de Campo-Grande, está situada no cume da serra dos Cocos, em uma vistosa planicie, distante da villa de S. João do Principe sessenta e seis leguas para oeste, e setenta e cinco da villa da Fortaleza para o norte. Tem de longitude trinta leguas do riacho chamado Macacos, limites da freguezia do Sobral, até a vargem dos Bois, limites da freguezia de Marvão da capitania do Piauhy; e de latitude tem trinta e sete leguas, desde a fazenda da Conceição, limites da villa de Campo-maior, até a passagem do rio Irassú, raias da freguezia de Villa Viçosa Real. No seu districto conta as povoações, de S. Gonçalo, Ponta da Serra, Macambira, Macacos, S. José, Salão, Taponga, Canabrava, Tronco, S. Francisco, Ipú e Morcêgo. O orago da sua matriz é S. Gonçalo. Tem duas companhias de ordenanças, e dez ditas do regimento de cavallaria meliciana denominado da Serra dos Cocos. E' muito abundante de gados e farinhas ; mas as rendas do seu concelho são insignificantes.

VILLA DE CAMPO-MAIOR DE QUEXEREMOBIM

Fica esta villa sessenta leguas ao sul da capital, e trinta de Montemór o Novo. Tem trinta e oito leguas de longitude, pegando do nascente para o poente, e trinta e cinco de latitude de norte a sul. As suas povoações são : Queixadá, Barra do Sitiá, e Boa-Viagem. E as suas serras, são denominadas Santa Rita, Estevão, Braga, Boavista, Barbalho, Santa Maria e S. José, que produzem todos os generos e

preciosas madeiras. O seu commercio é quasi todo de gados, que se criam soberbamente pelos seus maravilhosos pastos. A sua situação é quasi central na capitania, e por esse motivo é mui conveniente cuidar-se no seu augmento, e aproveitarem-se as suas riquezas. Tem cinco companhias de ordenanças, e algumas do regimento de cavallaria miliciana das Vargens de Jaguaribe. A sua matriz tem por orago Santo Antonio.

VILLA VIÇOSA REAL

Fica esta villa vinte e quatro leguas distante de Villa Nova de El-Rei para o norte, e noventa e nove da villa da Fortaleza para léste. Tem vinte e cinco leguas de comprido e doze de largo, e está situada na serra de Ibiapaba. A sua população é quasi toda de indios, que lhe deram aquelle nome, que na sua origem era Ibetuipava, que quer dizer, acabou-se a serra, porque a dita villa fica quasi na sua extremidade; estes indios eram da nação *Trambanbé*, e usavam por moeda os nimbós, que eram uns novellos de fio de algodão, que a companhia de Pernambuco lhes prohibiu, e que elles me requereram para tornarem a usar. Na distancia de doze leguas para o sul tem a povoação dos indios de S. Pedro de Baepina, que considero os mais industriosos. O orago da sua matriz é Nossa Senhora d'Assumpção. Tem cinco companhias de ordenanças a cavallo, e a sua população seria extraordinaria, se não fossem as continuas deserções, não só dos seus directores, como pelos brancos, com continuas violencias.

VILLA DA GRANJA

Está situada esta villa junto á barra do Camocim da parte d'oeste do dito rio; fica ao norte de Villa Viçosa

Real, em distancia de quatorze leguas, e da villa da Fortaleza, que lhe fica a léste, noventa ditas. Tem de longitude de léste a oeste trinta e duas leguas, pegando do sitio das Caraúbas, e confinando com o pé da serra Tubarão do termo de Villa Viçosa; e de latitude de norte a sul tem trinta leguas principiando da barra do Camocim, até o sitio do Taipús, que confina com o Sobral. No seu districto se comprehendem as pequenas povoações de Santo Antonio de Ibuassú, Santo Antonio do Olho d'Agua, Nossa Senhora do Livramento; Jericócuara, Morêas, Taipú, Camaropim do Baixo, Eruaú, e a Amarração, que é aonde acaba o seu termo, que confina com o do Piauhy na villa de S. João da Parnahyba; é orago da sua matriz S. José: tem quatro companhias de ordenanças, e tres do regimento de infantaria de milicias do Acaracú. O seu porto é soffrivel.

VILLA DO SOBRAL

Esta villa acha-se da parte d'oeste do rio Acaracú, em distancia de vinte leguas da barra da sua embocadura. Fica a léste da Granja, em distancia de trinta leguas, e da villa da Fortaleza para a mesma parte sessenta ditas. A sua costa estende-se a trinta leguas, desde a barra do Acaracú até a de Thomé Dias, em distancia de sete leguas, pega com o termo da Granja; de doze com Villa-Nova d'El-Rei; de trinta com a villa de Campo-maior; e dezesete com o termo da Fortaleza: a sua população é consideravel nas povoações denominadas Barra do Acaracú, Beruoca, Santa Quiteria, Nossa Senhora da Lapa junto á Serra Grande, S. Bento do Aracati-assú, S. José da Serra da Uruburetama, Itapage e Almofala. E' a segunda villa mais antiga do sertão, e tambem muito interessante em consequencia

das suas ricas serras, que produzem precioso algodão. A sua lã poderá vir a ser ainda algum dia um importante ramo do commercio; eu mandei para esta côrte ao conde de Linhares uma amostra, que causou bastante admiração, e igualmente os inglezes a fizeram, igualando-a á de Bigonha; porém não pude continuar as minhas tentativas, que iam sendo felizes, em consequencia do meu despacho para Matto-Grosso. Nossa Senhora da Conceição é o orago da sua matriz, tem dez companhias de ordenanças, e outras tantas do regimento de cavallaria miliciana, assim como alguma do regimento de infantaria do Acaracú e Camocim. Os seus ares são admiraveis, e do mesmo modo as suas aguas e fructos, por cuja razão se póde affirmar, que é em todo o sentido uma das mais singulares da capitania.

Com os subsequentes mappas de n. 1 até 11 concluirei esta insignificante *Memoria*, para mostrar que o Ceará é digno de ser incluido na classe das capitanias da primeira ordem.

Cidade do Rio de Janeiro, em 18 de Abril de 1814.— *Luiz Barba Alardo de Menezes.*

N. 1

MAPPA DAS DISTANCIAS DE TODAS AS VILLAS DA CAPITANIA DO CEARÁ-GRANDE

	Aquiraz	*Aracati*	*Arronches*	*S. Bernardo do Governador*	*Campo-Maior*	*Crato*	*Fortaleza*	*Granja*	*Icó*	*S. João do Principe*	*Messejana*	*Monte-Mor o Novo*	*Villa Nova d'ElRei*	*Sobral*	*Soure*
Aracati	24														
Arronches	6	30													
S. Bernardo do Governador	34	10	40												
Campo-Maior	67	45	60	35											
Crato	110	86	116	76	79										
Fortaleza	6	30	1	40	60	116									
Granja	96	120	90	130	80	154	90								
Icó	74	50	80	40	43	36	80	123							
S. João do Principe	111	89	104	79	44	50	104	104	50						
Messejana	4	27	2	37	57	113	3	93	77	101					
Monte-Mor o Novo	23	40	29	50	30	126	29	119	91	92	26				
Villa Nova d'ElRei	81	105	75	91	56	116	75	38	99	66	78	102			
Sobral	66	90	60	100	50	129	60	30	93	81	63	89	15		
Soure	9	33	3	43	63	119	3	87	83	107	6	32	72	57	
Villa Viçosa Real	105	129	99	115	80	140	99	14	123	90	102	126	84	39	96

N. B. Este itinerario o formo pelo calculo que fazem os praticos da capitania, e o inclui no mappa geral da mesma, que tive a honra de offerecer a S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor, em 1813. — *Barba.*

MAPPA DA IMPORTANCIA DO GADO DE INVENTO ARREMATADO POR DIVERSAS FREGUEZIAS NO TRIENNIO DE 1806 A 1809, PELOS PREÇOS SEGUINTES

TRIENNIOS				
Passado		Presente		
Freguezias	*Importe*	*Arrematantes*	*Importe*	*Accrescimo*
Fortaleza	35$000	José de Agrela Jardim	36$000	1$000
Aquiraz	35$000	Manoel Pereira de Sousa	36$000	1$000
Aracati	20$000	José Antonio de Sousa Galvão	21$000	1$000
S. Bernardo	30$000	Manoel da Cunha Pereira	31$000	1$000
Riacho do Sangue	35$000	Antonio Bezerra Menezes	36$000	1$000
Icó	25$000	José Alexandre Corrêa Arnaud	26$000	1$000
Crato,	60$000	Antonio de Sá Serrão	61$000	1$000
Campo-Maior	24$000	Manoel da Cunha Pereira	25$000	1$000
S. Matheus	50$000	José Alexandre Corrêa Arnaud	51$000	1$000
Arneiroz	40$000	João de Araujo Chaves	41$000	1$000
Curú-ai-ú	75$000	José Gonçalves de Medeiros	76$000	1$000
Serra dos Cocos	50$000	Manoel Ferreira da Costa	51$000	1$000
Sobral	70$000	Ignacio Gomes Parente	71$000	1$000
Amontada	40$000	José de Agrela Jardim	41$000	1$000
Total	589$000		603$000	14$000

N. B. Este mappa é copiado do original que se me apresentou na junta da Real Fazenda na occasião da sobredita arrematação. — *Barba.*

N. 3

MAPPA DOS HABITANTES DA CAPITANIA DO CEARÁ-GRANDE, EM 1808.

Villas	*Brancos*		*Indios*		*Pretos*		*Mulatos*		*Total*
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	
Fortaleza	1,954	1,772	85	89	645	434	2,350	2,295	9,624
Aquiraz	2,140	1,648	255	283	1,585	1,354	1,122	1,140	9,527
Aracati..........	1,140	1,231	43	36	867	962	529	525	5,333
S. Bernardo........	2,696	2,591	25	18	1,140	1,136	1,504	1,677	10,787
Comarca Crato: Icó	3,515	3,503	106	114	1,659	1,558	3,596	3,647	17,698
Comarca Crato: Crato	1,223	2,471	76	102	1,952	1,533	2,080	2,298	11,735
Comarca Crato: Campo-Maior...	825	1,043	55	65	952	763	1,411	1,401	6,515
Comarca Crato: S. J. do Principe	1,823	1,712	50	67	714	658	1,107	1,429	7,560
Sobral...........	1,883	1,753	190	207	1,015	992	4,202	4,387	14,629
Granja	999	884	42	37	665	507	996	794	4,924
Villa Nova d'El-Rei.	1,459	1,555	192	189	819	543	1,606	1,260	7,623
Villas de indios: Arronches	33	42	437	430	60	63	134	216	1,415
Villas de indios: Messejana......	23	28	607	578	38	46	96	154	1,570
Villas de indios: Soure..........	14	19	260	286	25	30	54	79	767
Villas de indios: Montemór o novo	437	368	56	70	81	74	876	783	2,745
Villas de indios: Villa Viçosa Real	684	753	2,442	2,224	139	109	821	762	7,934
Pov. de ditos: Mon. mór o velho	»	»	132	134	12	17	8	8	311
Pov. de ditos: Almofala.......	164	149	100	102	92	56	198	150	1,011
Pov. de ditos: S. P. de Ibipiana	498	425	1,059	1,140	85	64	476	423	4,170
Sommas......	21,510	21,947	6,181	6,128	12,545	10,899	23,166	23,428	125,878

N. B. Este mappa foi extrahido dos que costumam annualmente dar ao governo os vigarios e capitães-móres, porém eu tenho que toda a população em geral excede de 150,000 almas. — *Barba.*

MAPPA DA IMPORTANCIA DOS CONTRATOS DOS DIZIMOS REAES ARREMATADOS POR DIVERSAS FREGUEZIAS NOS DIFFERENTES TRIENNIOS COMO ABAIXO SE DECLARA

Freguezias	*TRIENNIOS*					
	1800 a 1803	1803 a 1806	1806 a 1809	1809 a 1812		
				Arrematantes	9:335$000	*Accrescimo* 5$000
Fortaleza (com 3 villas de indios)	7:900$000	7:000$000	9:330$000	José de Agrela Jardim.......	5:400$000	100$000
Aquiraz	4:250$000	4;400$000	5:300$000	Manoel Pereira de Sousa......	5:050$000	50$000
Aracati.....................	5:100$000	4:975$000	5:000$000	José A. de Sousa Galvão......	11:000$000	$
Russas	11:125$000	10:500$000	13:100$000	Manoel da Cunha Pereira.....	7:300$000	75$000
Riacho do Sangue.............	5:500$000	5:500$000	7:225$000	Antonio Bezerra Menezes.....	12:100$000	100$000
Icó.........................	9:100$000	7:600$000	12:000$000	José Alexandre Corrêa Arnaud	9:980$000	2:710$000
Cariris Novos................	7:000$000	4:000$000	7:270$000	Antonio de Sá Serrão........	6:390$000	2:750$000
Crato.......................	$	3:500$000	3:740$000	Dito.......................	9:100$000	100$000
Quexeramobim	4:100$000	5:000$000	9:000$000	Manoel da Cunha Pereira.....	4:471$000	$
S. Matheus dos Inhamûs........	4:400$000	4:120$000	7:000$000	José Alexandre Corrêa Arnaud	7:300$000	100$000
Arneiroz....................	4:600$000	4:650$000	7:200$000	João de Araujo Chaves.......	5:801$000	$
Curu-ai-ú,...................	7:000$000	6:900$000	6:950$000	José Gonçalves de Medeiros..	1:680$000	10$000
Villa Viçosa Real (brancos e indios)	$	210$000	1:670$000	Francisco Carvalho Motta....	6:050$000	50$000
Serra dos Cocos	5 670$000	5:780$000	6:000$000	Manoel Ferreira da Costa....	14:055$000	5$000
Sobral (contados os tres ramos).	12:000$000	4:050$000	14:050$000	Ignacio Gomes Parente......	$	$
Aracú-abaixo.................	$	4:030$000	$	Dito.......................	$	$
Iaibaras.....................	$	4:030$000	$	Dito......«................	4:665$000	15$000
Amontada	4:200$000	5:350$000	4:650$000	José de Agrela Jardim.......	$	10$000
Monte-Mór.,...................	$	200$000	215$000	Manoel Pereira de Sousa.....	235$000	20$000
	91;945$000	92:095$000	119:700$000		119:912$000	212$000

N. B Esta cópia é tirada do mappa original que se me apresentou em junta na occasião da sobredita arrematação.

Estas arrematações costumam fazer-se na casa da junta da Real Fazenda nos competentes triennios, nos tres dias successivos de 15, 16 e 17 de Agosto. — *Barba.*

N. 5

MAPPA DAS FREGUEZIAS DA CAPITANIA DO CEARÁ-GRANDE

Nº.	*Denominações das ditas*	*A que villas pertencem*	*Capellas filiaes*	*Habitantes*
1	S. José de Riba-mar.......	Villa da Fortaleza.........	2	9,624
2	Nossa Senhora dos Prazeres	Villa de Soure...........	....	816
3	Senhor B. Jesus dos Afflictos	Dita de Arronches........	1	1,415
4	Nossa Senhora da Conceição	Dita de Messejana.........	....	1,570
5	S. José de Riba-mar.......	Dita do Aquiraz..........	1	9,358
6	Nossa Senhora da Palma...	Dita de Monte-mór o novo..	1	2,519
7	Nossa Senhora do Rosario..	Dita de Aracaty...........	2	5,254
8	Nossa Senhora do Rosario..	Dita de S. Bernardo.......	1	10,787
9	Nossa Senhora da Expectação	Dita do Icó...............	5	17,478
10	Nossa Senhora da Penha...	Dita do Crato	....	3,160
11	S. Matheus...............	Dita de S. João do Principe.	2	8,368
12	S. Gonçalo...............	Dita Villa Nova d'El-Rei...	....	7,242
13	Santo Antonio............	Dita de Campo Maior......	3	6,395
14	Nossa Senhora d'Assumpção	Dita Villa Viçosa Real......	1	7,934
15	S. José..................	Dita da Granja...........	3	4,845
16	Nossa Senhora da Conceição	Dita Sobral...............	5	10,159
17	Nossa Senhora da Paz.....	Arneiroz.................	3	4,889
18	Nossa Senhora da Conceição	Amontada pertence ao Sobral	1	4,073
19	Nossa Senhora da Conceição	Almofala.................	1	809
20	Nossa Senhora da Conceição	Riacho do Sangue p. ao Icó	3	3,848
21	S. José..................	Missão Velha p. ao Crato...	4	8,471
22	Nossa Senhora da Conceição	M. Mór Velho p. ao Aquiraz	....	311
23	S. Vicente das Lavras......	Lavras da Mangarª p. ao Icó	....	
24	Nossa Senhora dos Milagres.	Pertence á villa do Crato...	....	

N. B. N'estes mappas, que costumam dar os vigarios, não ha maior exacção, e muit menos agora depois das divisões das parochias, em que diminuem muito o numero dos fregue zes; este mesmo inconveniente se acha nos mappas dos capitães-móres, pela combinaçã que fazem entre si.—*Barba.*

N. 6

MAPPA DA FORÇA MILITAR DA TROPA, MILICIAS E ORDENANÇAS DA CAPITANIA DO CEARÁ-GRANDE

Tropa de linha	*Denominações dos regimentos, etc.*	*Companhias*	*Onde guarnecem*	*Total*
Infantaria	Da guarnição da Fortaleza	1	A villa da Fortaleza	308
Artilharia	Da dita	1	A dita	
Regimentos de infantaria. Milicianos	Marinhas do Ceará e Jaguaribe	10	Aracati até Mondaú	2,403
	Homens pardos da Ribeira do Icó	10	Icó	
	Marinhas do Acara-iú e Camossim	10	Sobral e Granja	
Ditos de cavallaria miliciana	Das vargens do Jaguaribe e Quexeramobim	13	S. Bernardo do Governador	3,213
	Da Ribeira do Icó	13	Icó	
	Do Crato	10	Crato	
	Da Ribeira do Inhamús	14	S. João do Principe	
	Sobral	10	Sobral	
	Da Serra dos Cocos	10	Villa Nova d'El-Rei	
Corpo das ordenanças	Das villas dos brancos	88	Excluindo Monte-mor Novo e Villa Viçosa	14,321
	Das dos indios	48	Incluindo as ditas	
	De cav°. Brancos	7	Monte-mor Novo e Villa Viçosa Real	
Total		245		20,245

N. B. A companhia de artilharia igualou-se á de infantaria no tempo do meu governo, pela minha proposta de 1810. Os regimentos milicianos sobreditos foram mandados crear pelo decreto de 7 de Agosto de 1796, e segundo o plano do 1° de Agosto do dito anno, que o acompanhava, sendo capitão-mór governador Luiz da Motta Féo e Torres. — *Barba.*

N. 7

RELAÇÃO DAS EMBARCAÇÕES QUE ENTRARAM NO PORTO DA VILLA DA FORTALEZA DA CAPITANIA DO CEARÁ-GRANDE, E DOS DIREITOS QUE PAGARAM NA ALFANDEGA

	Nomes das embarcações	*Em que mez e anno aportaram*	*De que nação eram*	*De que parte vieram*	*Direitos da alfandega*	*Total*
No governo do meu antecessor João Carlos Augusto	A polaca *Felicidade*...	13 de Dez. de 1803	Portugueza	Lisboa	373$125	2:385$577
	O navio *Dous Amigos*..	Janeiro de 1805	Dita	Porto	1:113$246	
	O mesmo navio..... .	Janeiro de 1806	Dita	Dito	156$736	
	O mesmo...........	Fevereiro de 1807	Dita	Dito	338$036	
	A galera *Piedade*.....	Junho de 1807	Dita	Lisboa	474$434	
No tempo do meu governo	A galera *Laura*.... ..	Julho de 1809	Americana	Boston	142$668	9:650$267
	A polaca *Airosa*......	Agosto de 1809	Portugueza	Londres	942$700	
	Paquete do Ceará.....	Setembro de 1809	Dita	Dito	1:607$785	
	Navio *Dous Amigos*....	Novembro de 1809	Dita	Dito	614$641	
	Escuna *Ligeira*.......	Janeiro de 1810	Dita	Lisboa	169$900	
	Escuna *Flôr de Maio*..	Março de 1810	Ingleza	Poresmut	851$477	
	Escuna *Paquete*......	Agosto de 1810	Americana	Boston	26$016	
	Galera *Alardo de Menezes*..............	Agosto de 1810	Portugueza	Londres	4:095$080	
	Bergantim *Sofia e Berthse*..............	Maio de 1811	Ingleza	Londres	1:200$000	
	Excedêram os direitos da alfandega no meu governo ao dos meus antecessores.					7:064$690

N. B. Foi extrahido este mappa da certidão que passou em 10 de Maio de 1811 o escrivão deputado da junta da Real Fazenda, que servia de administrador da arrecadação dos reaes direitos da alfandega provincial da dita villa, Marcos Antonio Bricio, a qual remetti no sobredito anno com a minha informação ao conselho da Fazenda d'esta côrte. — *Barba.*

N. 8

MAPPA DO ALGODÃO EM RAMA EXPORTADO DAS INSPECÇÕES DA CAPITANIA DO CEARÁ-GRANDE EM 1810

Da inspecção da villa da Fortaleza

1810	*Sumacas*	*Para onde foram*	*Saccas*	*Arrob.*	*Lib.*	*Imposto*	*Direitos*
Fevereiro 5.	*Triumpho do Mar*....	Pernamb.	65	286	6	45$790	$
Dito 7......	*Galeao*..............	Dito.....	213	664	17	106$326	$
Março 23...	Brigue *Gavião*........	Londres.	625	2,651	18	424$250	1:666$458
Dito dito....	Escuna *Ligeira*.......	Liverpool	217	1,005	....	160$800	383$713
Julho 30....	Dita *Flôr de Maio*....	Dito....	28	113	10	18$130	49$820
Setembro 24	Gal. *Alardo de Menezes*	Londres.	1,346	5.456	14	859$735	2:344$773
Outubro 6..	*Atlante*...............	Pernamb.	45	222	22	35$630	$
Dito 17.....	*S. Romão*............	Dito.....	221	787	16	126$000	$
Dezembro 13	*Triumpho*............	Dito.....	31	167	8	26$760	$
	9		3,385	11,271	12	1:803$421	3:944$764
Da inspecção da villa do Aracati							
No dito anno	Em 16 sumacas	Pernamb.	2,079	9,249	30	1:479$990	$
Da inspecção da villa do Sobral							
No dito anno	Em 4 sumacas...... ..	Pernamb.	1,474	5,581	»	895$850	$
Da inspecção interina da villa da Granja							
No dito anno	Em 2 sumacas........	Pernamb.	78	278	14	44$550	$
Total	em 31.....................		7,016	26,380	12	4:223$811	3:944$764

N. B. A galera *Alardo de Menezes* levava outros effeitos do paiz, porém no canal de Inglaterra foi tomada por dois corsarios francezes de Dieppe a 29 de Novembro de 1810. Esta galera se segurou na Bahia por 68:600$, e só teve de prejuizo 2:000$ por culpa de dois carregadores que não quizeram o seguro. Por este mappa se póde fazer idéa do grande prejuizo que experimenta a capitania em não receber os direitos das embarcações que sahem por este continente, e a Fazenda Real, succedendo qualquer naufragio ou tomada das ditas.— *Barba.*

N. 9

MAPPA DOS PORTOS DE MAR DA CAPITANIA DO CEARÁ-GRANDE PRINCIPIANDO DE LESTE PARA OESTE

Denominação dos ditos	*A que villas pertencem*	*Em que distancia ficam*	*Quaes são os mais frequentados*
Barra do Mossoró.........	Villa do Aracati	22 leguas á L.	Muito em razão de suas salinas.
Porto do Retiro Grande....	Idem.........	7 ditas......	Igualmente o é.
Dito de Canôa Quebrada...	Idem.........	3 ditas.....	Pouco.
Barra de Jaguaribe........	Idem.........	3 ditas.....	Bastante.
Dita do Pirangi...	Aquiraz.......	22 ditas....	Pouco.
Dita do Xoró.............	Idem.........	7 ditas.....	O mesmo.
Porto do Iguape..........	Idem.........	2 ditas.....	O mesmo.
Dito do Tacuti............	Idem.........	2 ditas.....	O mesmo.
Barra do Coió............	Fortaleza	3 ditas.....	O mesmo.
Mucuripe................	Idem.........	1 dita......	Bastante frequentado.
Prainha.................	Idem.........	Junto á villa.	O mesmo.
Barra da Villa Velha do Ceará	Idem.........	3 1/2........	Pouco.
Dita do Cauipe...........	Idem.........	7 leguas....	O mesmo.
Dita do Ciupé............	Idem.........	14 ditas....	O mesmo.
Porto do Parazinho........	Idem.........	16 ditas....	Excellente.
Barra do Curú...........	Idem.........	28 ditas....	Pouco.
Dita do Trairi............	Idem.........	30 ditas....	O mesmo.
Mondahú................	Idem.........	40 ditas....	O mesmo.
Barra do Aracati-Assú.....	Sobral........	26 ditas....	O mesmo.
Dita do Aracati-Meri	Idem.........	24 ditas....	O mesmo
Dita do Acaracù..........	Idem..	20 ditas....	Bastante.
Barra do Camocim........	Granja........	3 ditas.....	Soffrivel.
Dita do Tapuia...........	Idem.........	4 ditas.....	Pouco.
Dita da Timonia..........	Idem.........	19 ditas....	O mesmo.
Dita do Camarupim.......	Idem.........	19 ditas....	O mesmo.
Porto do Itaqui..........	Idem.........	24 ditas....	O mesmo.

N. B. Em todos estes portos se costumam pôr presidios, que são uma especie de atalaias para observação de toda a costa, de maior ou menor numero de homens, segundo as circumstancias, os quaes têm por obrigação dar parte de qualquer novidade, etc.— *Barba*,

N. 10

MAPPA DOS OFFICIOS DA CAPITANIA DO CEARÁ-GRANDE E PREÇOS POR QUE FORAM ARREMATADOS EM 1808

Villas	*Officios*	*Novos direitos*	*De terça parte*	*De donativos*	*Totalidade*
Ouvidoria geral da correição......	1° Escrivão da Correição	16$000	51$000	93$000	160$000
	2° Do da dita........	16$000	51$000	93$000	160$000
	Meirinho geral.......	3$400	16$400	18$400	36$200
	Escrivão do dito......	2$200	5$400	5$400	13$000
Provedoria dos ausentes..........	Thesoureiro	$	$	93$333	93$333
	Escrivão do dito......	$	$	30$000	30$000
Villa da Fortaleza..	Tabellião e annexos...	4$000	7$000	7$000	18$000
	Alcaide	1$400	$700	$700	2$800
	Escrivão do dito......	1$000	$300	$300	1$600
Villa de Aquiraz....	Tabellião e annexos...	2$000	2$000	2$000	6$000
	Alcaide	1$000	$300	$300	1$600
	Escrivão do dito.......	1$000	$300	$300	1$600
Villa do Aracati....	Tabellião	4$500	10$500	10$500	25$500
	Escrivão da camara...	4$000	10$000	10$000	24$000
	Alcaide..............	1$500	$300	$300	2$100
	Escrivão do dito......	1$500	$300	$300	2$100
	Carcereiro...........	1$000	$300	$300	1$600
Villa de S. Bernardo	Tabellião e annexos...	2$500	4$000	4$000	10$500
	Alcaide	1$000	$300	$300	1$600
	Escrivão do dito......	1$000	$300	$300	1$600
Villa de Campomaior	Tabellião	4$000	4$000	4$000	12$000
	Escrivão da camara....	1$500	1$500	1$500	4$500
	Alcaide..............	1$000	$300	$300	1$600
	Escrivão do dito......	1$000	$300	$300	1$600
Villa do Sobral.....	Tabellião	3$400	5$000	5$000	13$400
	Escrivão da camara...	6$000	26$000	26$000	58$000
	Alcaide..............	1$200	$400	$400	2$000
	Escrivão do dito......	1$200	$400	$400	2$000
	Carcereiro...........	1$000	$300	$300	1$600
Villa da Granja....	Tabellião............	2$000	6$500	6$500	15$000
	Escrivão da camara...	3$200	3$400	3$400	10$000
	Alcaide	1$000	$300	$300	1$600
	Escrivão do dito......	1$000	$300	$300	1$600
Villa Nova d'El-Rei.	Tabellião	2$000	3$000	3$000	8$000
	Alcaide..............	$300	$	$300	$600
	Escrivão do dito......	$300	$	$300	$600
Villa de S. João do Principe........	Tabellião	1$500	3$000	3$000	7$500
	Escrivão.............	4$500	4$000	5$000	13$500
Villa de Monte-mór..	Tabellião e annexos...	1$500	$	$	1$500
Villa Viçosa Real.....	Tabellião e annexos...	3$000	$	$	3$000
Villa do Crato......	Tabellião	6$000	17$000	17$000	40$000
	Escrivão da camara....	6$000	12$000	12$000	30$000
	Alcaide	1$000	$300	$300	1$600
	Escrivão do dito.......	1$000	$300	$300	1$600
	Carcereiro	1$000	$500	$500	2$000
Villa do Icó.......	Tabellião	5$500	8$000	8$000	21$500
	Escrivão da camara...	4$500	6$500	6$500	17$500
	Alcaide..............	1$000	$300	$300	1$600
	Escrivão do dito......	1$000	$300	$300	1$600
	Meirinho do campo....	1$600	$300	$300	2$200

Barba.

N. 11

TABELLA DOS CAPITÃES-MORES GOVERNADORES DA CAPITANIA DO CEARÁ-GRANDE E DOS SEUS GOVERNADORES INDEPENDENTES

	Nomes	*Graduações, etc.*	*Em que tempo serviram*
Capitães-móres Governadores	Diogo Coelho de Albuquerque		1663
	Sebastião de Sá		1679
	Bento Macedo de Faria		1682
	Thomaz Cabral de Olival		1689
	Fernão Carrilho	Capitão de infantaria de linha de Pernanbuco	1694
	Pedro Lelou		1695
	João de Freitas da Cunha	Interino	1696
	Antonio Pinto Pereira		1698
	Francisco Gil Ribeiro	Interino. Cavalleiro da de Xpt. capitão de infantaria	1699
	Jorge de Barros Leite	Fidalgo da Casa Real	1704
	João da Motta	Capitão de infantaria do regimento do Recife de Pernambuco	1705
	Gabriel da Silva do Lago		1706
	Miguel Carlos		1710
	Francisco Duarte de Vasconcellos	Fidalgo da Casa Real, commendador da Ordem de Christo, de S. Thiago	1711
	Placido de Azevedo Falcão		1714
	Manoel da Fonseca Jayme		1716
	Salvador Alves da Silva	Cavalleiro da Ord. de Christo	1718
	Manoel Francez		1721
	João Baptista Furtado	Idem	1728
	Leonel de Abreu Lima	Idem	1731
	Domingos Simões Jordão	Idem	1735
	D. Francisco Ximenes d'Aragão		1741
	João de Teive Barreto de Menezes	Fidalgo da Casa Real	1743
	Francisco da Costa		1746
	Pedro de Menezes Magalhães	Interino, sargento-mór de infantaria do Recife de Pernambuco	1748
	Luiz Quaresma Dourado		1751
	João Balthazar de Quevedo Homem de Magalhães	Fidalgo da Casa de Sua Magestade	1759
	Antonio José Victoriano Borges da Fonseca	Interino, cavalleiro na de Xpt. tenente-coronel de infantaria do Recife	1763
	João Baptista de Azevedo Coutinho de Montaury	Fidalgo da Casa Real, tenente coronel de infantaria da primeira plana da côrte	1782
	Luiz da Motta Feo e Torres	Cavalleiro na de Xpt. Fidalgo da Casa Real, capitão de Infant. da primeira plana	1789
Governadores independentes	Bernardo Manoel de Vasconcellos	Cavalleiro na de Xpt. Fidalgo da Casa Real, Chefe de esquadra	1799
	João Carlos Augusto d'Oeynhausen	Fidalgo da Casa Real, capitão de primeira plana, actual governador de Matogrosso	1803
	Luiz Barba Alardo de Menezes	Fidalgo da Casa Real, cavalleiro na de Xpt. nomeado governador de Matogrosso	1808
	Manoel Ignacio de S. Payo	Fidalgo da Casa Real, coronel de engenheiros	1812

Berredo nos seus *Annaes historicos do Estado do Maranhão* refere os seguintes capitães-móres governadores do Ceará, que não inclui na tabella antecedente, por não achar d'elles noticia na secretaria do governo.

Pedro Coelho de Sousa, morador na Parahyba, e cavalheiro natural das ilhas dos Açores, nomeado pelo governador do Estado do Brasil Pedro Botelho em 1603. A elle se deve tudo o que se conquistou do Ceará até a serra de Ibiapaba, onde venceu o maior dos pontetados *Tapuias* da mesma, denominado Mel Redondo, e trinta aldêas populosas.

Martim Soares Moreno foi capitão do Ceará pelos annos de 1611, por mandado do governador do Brasil D. Diogo de Menezes, e servia no Rio Grande do Norte: foi quem fundou o forte, e a igreja com a denominação de Nossa Senhora do Amparo, na antiga villa do Ceará, em que fallo na minha *Memoria*. Em 1613 partiu com Jeronymo de Albuquerque para o Maranhão, e deixou em seu lugar com o commando do Ceará.

Estevão de Campos, que principiou a governar em Junho do dito anno, vindo a succeder-lhe o capitão Manoel de Brito Freire no mesmo anno de 1613.

Martim Soares Moreno tornou para o dito governo em 1617, e em 1624 obteve victoria sobre duas náos hollandezas, que intentaram apossar-se do presidio.

Em 25 de Junho de 1626 ainda existia no Ceará; e igualmente em 1631, segundo a *Chronica* de Jaboatão, porque diz fôra com soccorro do Ceará para Pernambuco n'aquelle anno, que era o segundo depois da tomada pelos hollandezes.

Bartholomêo de Brito governava o Ceará, quando em 1637 foi tomado o sobredito presidio por duas náos da

referida nação, commandadas pelo major Gusmano. Este valoroso governador com 32 homens se defendeu por espaço de 9 horas de 340 soldados e de 650 indios, sendo obrigado a render-se por falta de munições de guerra, e perdido 8 homens.—*Luiz Barba Alardo de Menezes.*

NOTICIA

ETHNOLOGICA SOBRE UM POVO QUE JÁ HABITOU A COSTA DO BRASIL, BEM COMO O SEU INTERIOR, ANTES DO DILUVIO UNIVERSAL.

A immensa costa do Brasil guarnecida por um sem numero de bellas e variadas enseadas e praias, onde se lançam formidaveis rios e ribeirões, é pela maior parte coberta de immensas mattas em terrenos lodosos por serem banhados pelo mar, que são povoados por numerosas qualidades de caranguejos, e muitos outros animaes, desde o menor insecto até o jacaré.

Estes mattos chamam-se mangues brancos, vermelhos e bravos, e tambem se poderia chamal-os vanguarda da terra firme. Entre estes mangues mais ou menos extensos destacam se rochas vivas, umas pequenas e outras de tal extensão que formam grandes ilhas.

Sobre estas rochas maiores, ou ilhas cobertas de mattos altos, encontramos depositos de cascas de ostras, de bivalva ou concha, que os habitantes do paiz chamavam — Berbiguem.

As marés de nosso tempo não alcançam mais estes depositos conhecidos pelo nome indigena de — Sambagué. O povo do paiz dá-lhes a denominação de Caleiras, Ostreiras e Berbigueiras, ou Casqueiras. Estes montes de diversos tamanhos distinguem-se em tres qualidades, isto é, quanto ao material, feitio e construcção.

A primeira consiste em montes compostos exclusivamente de cascas de ostras.

A segunda consiste em montes de cascas de berbigões, concha bivalva (*Tellina antidiluviana*).

A' primeira vista qualquer homem de poucos conhecimentos percebe que foram feitos pela mão humana.

A terceira foi feita pela natureza, isto é, pela força d'agua. As camadas das conchas são horizontaes e acompanham o declive do terreno. As conchas formam uma mistura de ciscos, arêas e terra; são depositos diluviaes em camadas regulares.

Estes depositos diluviaes encontram-se sempre 40 a 60 palmos acima das aguas dos rios, e para o interior onde as ondas e enchentes do mar se quebram com menor vehemencia. No fundo e centro d'estes outeiros da primeira e segunda classe encontramos sempre ossadas humanas; e junto a ellas acha-se não pequeno numero de armas e utensilios feitos de pedras, como sejam, machados, pontas de lança, frechas, cunhas, virotes, argolas, massas, pilões, mãos de pilões, pedras chatas e concavas, balas bem redondas e outras que poderiam servir para fundas ou para abrir cocos, porque em algumas se observa que são chatas, e têm uma cova no centro feita necessariamente para este fim.

Deixo aqui de mencionar mais extensamente outros objectos, porque darei conta d'elles em uma descripção mais prolixa. A primeira e segunda qualidade de Sambagués tem a altura variavel de 10 a 15 palmos na espessura, e 20 a 200 palmos de circumferencia. A posição d'elles em geral é de 60 a 80 palmos e mais sobre o nivel do mar.

Alguns são collocados acima de um outeiro.

Parece que um povo antiquissimo do Brasil reuniu no espaço de muitos annos as cascas d'estes crustaceos que comia, para entre ellas sepultarem os seus irmãos mortos. Estes eram depositados na posição de uma criança quando ainda se acha no ventre materno; deitando junto ao cada-

ver todas as suas armas e tudo quanto lhe pertencia, e além d'isso tambem collocavam alimentos, como grandes peixes assados, pedaços de caça, outras inteiras, etc., para a viagem que tinham de fazer para os Elisios ou campos de delicias.

Os *Botocudos* e outros indigenas do Brasil, ainda têm o mesmo costume, como muitos outros povos que se chamam civilisados.

Os ossos encontrados n'estes sambagués são fosseis, grudam na lingua por terem perdido a colla animal, são muito leves e quebradiços.

Os angulos faciaes dos craneos têm 66 gráos conforme o methodo de Owen, grande naturalista inglez. Os craneos achados pelo naturalista Dr. Lund nas grutas ou subterraneos das Lagôas Santas em Minas-Geraes, e que eu tenho achado nas grutas calcareas do interior das provincias de S. Paulo, Paraná, Cuiabá, etc., assim como os que o barão de Tschudi tirou das sepulturas antiquissimas do Perú, mostram os mesmos gráos do angulo facial como os indigenas que se chamam *Ingraechnungs* conhecidos no Brasil pelo nome geral de *Botocudos* ; porém nem todos os *Botocudos* são *Ingraechnungs.*

Os outros diversos indigenas variam, e têm de 67 a 68 gráos, emquanto que o europêo tem 80 gráos.

Não é o Brasil só que possue estes sambagués ou casqueiros, eu os vi pela primeira vez na costa de Cayena hollandeza, Suriname, e tenho conhecimento de sua existencia nas costas do Orinoco, Mexico e America do Norte ; até épocas bem recentes descobriu-se na Scandinavia iguaes montes de cascas de conchilios com ossos humanos e armas de pedras no centro. Do mesmo modo que se encontra semelhantes tumulos de cascas de diversas conchas, tambem se encontra no interior do paiz uns outeiros feitos

de terra, outros de terra e pedras, e alguns sómente de pedras. Todos têm o mesmo tamanho, isto é, 10, 20, até 60 palmos de espessura e circumferencia correspondente; no seu centro encontram-se as mesmas armas e utensilios feitos de pedras mais duras ou do seixo-richo.

Além d'estas acham-se pedaços de crystaes, obras de coralina, de resina de Jatahy feitas com arte, pontas de lanças e frechas de pedreira, e bem assim facas feitas da mesma materia.

Todos estes objectos, que se encontram nos tumulos, acham-se igualmente nos sambagués; e o que mais interessa á ethnologia é que as armas e utensilios feitos de pedra são iguaes na fórma, e no material aos que se têm achado na Europa, Asia, Africa e America do Norte, como se teve occasião de vel-os juntos na grande exposição universal de Pariz, sem que todavia alli se apresentasse uma prova que mostrasse ter o Brasil muito mais d'estes objectos, e désse a entender que elle mais que outros paizes possue riquezas d'este genero, e ainda mais que aqui viveu um povo mui antigo e antidiluviano, e tão numeroso como prova com mais evidencia do que nação alguma.

Ainda se acha mais uma particularidade não menos interessante entre estes sambagués e os tumulos de toda a parte do mundo; é sabido que certas pedras roliças ou de fórma conica chamam-se *coriscos*, *pedra de raio*, *doner keule* em allemão. A palavra em todas as linguas significa o mesmo objecto; e nos sambagués têm se achado verdadeiros *bolides* e *meteorites*.

Os machados e algumas outras armas são de uma pedra que tem magnetismo polar, é de balsato.

Ao passo que se acha nos sambagués e tumulos do Brasil obras e pedaços de resina de jatahyeira, *uyemenaca*

curbarill, acha-se na Europa obras de alambre nos tumulos.

A historia do Brasil não desconhece a existencia dos sambagués; porém desconhece essa antiguidade e construcção.

O proprio brasileiro (santista) Fr. Gaspar da Madre de Deus, apezar de tudo, descreve-os melhor que todos os viajantes e naturalistas estrangeiros até hoje, porque os mesmos portuguezes conquistadores d'esta terra não dizem palavra alguma sobre estes montes de ostras e berbigões, que elles mesmos destruiram desde o começo de sua chegada n'este paiz, para com isso fazer cal para seus edificios e castellos primitivos.

Alguns exploradores viam os sambagués a vapor como o capitão Burton, celebre viajante que disse cousas inexactas e erradas sobre o tamanho, construcção, collocação e povos que deviam ter feito estes montões de cascas de ostras, na sua descripção impressa sobre o Brasil.

Eu dei noticias sobre os sambagués desde 1846 em diversos jornaes europêos, como tambem na extincta *Brasilia* de Petropolis e em outras descripções impressas nos meus *Fragmentos geologicos*, etc.; porém era-me preciso examinar muitos casqueiros em diversos lugares e tempos, para poder conhecer bem toda a construcção e idade d'estas sepulturas primitivas com suas particularidades, etc. Com estas provas póde-se garantir, sem medo de errar, que o genero humano existia por todo o mundo e mórmente no Brasil, onde numeroso povo habitou antes do grande diluvio chamado na geologia a *Myocene ou geral inundação*.

Até hoje sobre este assumpto tão interessante para a historia têm faltado provas quanto ao Brasil, a respeito do genero humano, cousa realmente de grande interesse geologico e ethnographico.

O Brasil tem se conservado até hoje silencioso sobre tal assumpto, emquanto o velho mundo e a America do Norte fazem conhecer as suas descobertas em jornaes e obras scientificas com as illustrações necessarias!

E pois que um pobre explorador d'este genero não acha padrinhos no Brasil, e nem as assembléas se lembram de decretar quotas necessarias para cousa tão util, por isso suas descobertas ficaráõ sepultadas no seu gabinete e em sua pasta, que serviu para os desenhos dos locaes e objectos, visto como não têm os meios necessarios para mandar imprimir no paiz suas obras, em consequencia do muito que custa a impressão d'ellas.

Tenho fé, porém, que esta pequena noticia servirá de estimulo para que se guarde e conserve os objectos dos sambagués, e para que não desappareçam as provas da existencia de um povo original e primitivo da America do Sul.

Não fallarei por extenso sobre os depositos diluvianos que cobriam estes sambagués e suas conchas incluidas, o que dá as mais evidentes provas da sua antiguidade de estado fossil. S. Paulo, Julho de 1871.—*Dr. Carlos Rath.*

(*Extrahido*).

BIOGRAPHIA

DOS BRASILEIROS ILLUSTRES POR LETRAS, ARMAS, VIRTUDES, ETC.

FREI JOSÉ DA COSTA AZEVEDO

E' singular o esquecimento a que votamos os varões, que pela sua intelligencia e dedicação serviram a patria; e podemos com justiça dizer, que entre os defeitos do caracter portuguez é este o que com mais saliencia se nota no nosso. Somos os legitimos herdeiros dos desprezadores dos Camões e Albuquerques, e parece que só sabemos venerar a fatua mediocridade, ou genuflectir perante estranhos idolos.

Esqueceu a moderna geração até os nomes dos que, superando mil difficuldades, n'uma épocha em que tão escassas eram as luzes e tão arduos os meios de obtêl-as, conquistaram a reputação de doutos e fizeram-se respeitar dentro e fóra do paiz. Quem ha ahi que se recorde d'essa brilhante pleiade de naturalidades, que á sombra do claustro entregavam-se ao estudo da natureza e revelavam do mundo scientifico a riqueza do nosso solo? Apenas um ou outro estudioso pronuncía com respeito os nomes de Fr. José Marianno da Conceição Velloso, o sabio autor da *Flora Fluminense*, de Fr. Leandro do Sacramento, o creador do Jardim Botanico; ao passo que condemnados ficam a perpetuo olvido outros, que, menos celebres do que os seus collegas, prestaram em mais modesta esphera valiosos serviços. E' em prol de um d'esses exilados da gratidão nacional que ergueremos hoje nossa debil voz.

Queremos fallar do padre-mestre Fr. José da Costa Azevedo, primeiro director do museu e lente de mineralogia da academia militar d'esta côrte.

Nasceu José da Costa Azevedo na cidade do Rio de Janeiro aos 16 de Setembro de 1763 no gremio de pobre e honesta familia, e revelando desde os mais verdes annos extraordinario talento e amor ás letras, foi por seus pais consagrado a ellas. Percorrendo com rapidez o circulo d'estudos, que então existiam na nossa terra, aspirou novos e mais dilatados horizontes, e, testemunhas d'esse nobre ardor, proporcionaram-lhe algumas almas generosas os meios para transportar-se a Lisboa, onde matriculou-se no collegio dos nobres.

Longe da patria não se afrouxou o enthusiasmo do digno mancebo continuando pela sua applicação e exemplar conducta a merecer a geral estima dos seus professores. Terminando o curso de preparatorios, ou, como então se dizia, havendo feito as suas humanidades, encaminhou-se o moço fluminense para Coimbra, afim de frequentar os cursos d'essa celebre universidade, emporio das sciencias e letras da vasta monarchia portugueza. Com tanto aproveitamento estudou ahi José da Costa Azevedo, que poucos annos se haviam passado, que já trocava o banco de alumno pela cadeira de lente de theologia na ordem de S. Francisco, cujo instituto abraçára.

Chamava então o claustro todos os talentos modestos, todas as verdadeiras vocações litterarias, que, fugindo ao ruido da sociedade, buscavam em sua solidão esse remanso tão almejado por todos os sabios, essa aurea mediocritas do bom Horacio. Era Fr. José da Costa um homem de estudo ; havia contrahido o vicio do trabalho, na phrase d'um moderno escriptor, e nada parecia mais adaptado ao seu caracter do que o burel franciscano. Cercada de

respeito, era a ordem Seraphica uma das mais felizes de Portugal, e, sem violar o voto de pobreza, abundantemente soccorrida pela piedade dos fieis, nada faltava ao bem estar de seus membros, que nas maximas do Evangelho e na pratica da sua regra haviam aprendido a contentarem-se com pouco.

Eminente theologo, não encerrou Fr. José da Costa o seu talento n'esta especialidade, antes frequentou com gosto e assiduidade os cursos de philosophia e sciencias naturaes, aproveitando utilmente a sua residencia na Athenas lusitana.

Tão grande reputação grangeou como philosopho, que foi chamado para reger uma cadeira publica d'esta disciplina em Lisboa, para onde dirigiu-se, saudoso deixando as poeticas ribas do Mondego. Acompanhou-o a estima, de que até era apreciado pelos homens mais notaveis da épocha, achamol-a nós na sua escolha para socio correspondente da academia real das sciencias, que poucos annos antes fundára um dos mais distinctos caracteres da velha fidalguia, o esclarecido duque de Lafões, verdadeiro Mecenas das letras portuguezas.

Illustrando a patria pelo seu saber e virtudes, consolava-se o padre-mestre Costa de viver d'ella arredado, e não pensava sequer na possibilidade de regressar aos seus lares. Havia porém a sorte disposto o contrario.

Travára elle intimas relações com seu illustre conterraneo Azeredo Coutinho, que, sendo eleito bispo de Pernambuco e incumbido de fundar o seminario d'essa diocese, obteve do seu amigo a coadjuvação das suas luzes, e do governo o preciso beneplacito para que o seguisse em seu novo destino.

Tanta confiança depositava o bispo Azeredo Coutinho no padre-mestre Costa, que a ninguem achou mais digno de

confiar a direcção do seu seminario, encarregando-o ao mesmo tempo de leccionar philosophia e rhetorica. Na memoria dos anciões de Pernambuco achava-se ainda archivado o modo lhano, sisudo e nobre, com que o douto fluminense desempenhou semelhantes encargos.

Para prova da estima, que d'elle fazia o sabio prelado, que no meio de tão variados deveres soube ainda adquirir renome de grande economista e ameno escriptor, citemos o trecho d'uma carta, que de Lisboa escrevia-lhe em data de 3 de Fevereiro de 1803, quando por ahi passára, indo tomar conta dos bispados de Bragança e Miranda, para onde fôra removido:

« Li com gosto a dissertação, que escreveu sobre a salubridade dos ares d'Olinda, e que recebi na mesma occasião em que recebi a sua carta; ella faz muita honra ao nome de V. R., tanto pela erudição, que encerra, como pelo excellente methodo, em que está disposta. Essas foram as minhas vistas sempre; formar n'esse fertil torrão homens capazes de olhar sobre a sua natureza e de nos descobrirem as grandes preciosidades que elle contém em todos os ramos, e as vantagens que podemos tirar de suas riquezas. Eu plantei, V. R. deve regar e continuar esta grande obra, e Deus lhe dará o augmento. »

Propheticas foram as palavras do magnanimo bispo, e os serviços de Fr. José da Costa, seu amor pelas sciencias naturaes, foram devidamente aquilatados pelo excelso conde de Linhares, que, conhecendo-o pessoalmente, d'elle lembrou-se na organisação da academia militar d'esta côrte, destinando-lhe a cadeira de mineralogia. Mais tarde foi pelo mesmo conde despachado director do museu, emprego que conservou até a sua morte, occorrida a 7 de Novembro de 1822, repousando os seus ossos n'uma urna, depositada na igreja de S. Pedro, e mandada fazer pelo seu

amigo e parente o Sr. commendador José Victorino Coimbra, a quem devemos o obsequio das presentes notas biographicas.

Privou o padre-mestre Costa com as maiores notabilidades do seu tempo, e temos presente grande numero de cartas, penhores da familiaridade, com que o distinguiam. Os duques de Lafões e Cadaval, os marquezes d'Angeja e d'Aguiar, os condes de Linhares, das Galvêas e da Barca, os bispos D. José Joaquim da Cunha d'Azeredo Coutinho, Fr. José de Santa Escholastica, D. Fr. Francisco de S. Luiz e D. José Caetano da Silva Coutinho, o chanceller-mór, e depois ministro, Thomaz Antonio de Villa-Nova Portugal, os Drs. José Bonifacio e Manoel da Arruda, e muitos outros conspicuos varões mantinham com elle assidua correspondencia, e acatavam seus conselhos e observações.

Não lhe desecaram a imaginação as sciencias physico-mathematicas e lêmos muitos de seus sermões — onde a belleza d'estylo de S. Carlos se casa com a pureza de dicção de Vieira. — Não confiou-os porém ao prelo por mal entendida modestia : porquanto, nunca deve o homem de letras recusar ao seu paiz o tributo da sua intelligencia ; não aconselhamos porém aos seus herdeiros que o façam, se não desejarem ser multados nos gastos da impressão, por isso que as obras de gosto e d'amena litteratura não são da nossa quadra, que almeja em tudo descobrir o immediato e positivo interesse.

Para o uso de seus discipulos escrevêra o padre-mestre Costa uns elementos de mineralogia, segundo o methodo de Wermer, os quaes lamenta Adriano Balbi que nunca vissem a luz da imprensa.

Manuseando a collecção das cartas, que por diversas personagens lhe foram endereçadas, viemos ao conhecimento, que muitas memorias escrevêra Fr. José da Costa

sobre os estudos de sua maior predilecção: ignoramos porém onde param estes trabalhos, que talvez a traça haja consumido, ou constituam a bagagem scientifica d'algum moderno naturalista.

Grandemente contribuiu o acanhamento, que tinham os nossos antigos de confiarem á imprensa o fructo de seus labores, para o descredito em que cahiram as sciencias em Portugal; a ponto de ignorarem muitas pessoas, aliás instruidas, quaes sejam os homens que maior nomeada por ellas alcançáram na sua épocha. Julgamos haver soado a hora da reparação, façamos o inventario das nossas glorias: — evoquemos no Josaphat da historia todas as grandes sombras d'esses benemeritos, que pelas suas virtudes, letras e serviços enobreciam a patria, que para elles ainda não existia. No Pantheon brasileiro erga-se a estatua do distincto e modesto naturalista Fr. José da Costa Azevedo, e deixe de pesar sobre a sua memoria o gelido manto da indifferença e do olvido. Taes são os nossos humildes votos.

Joaquim C. Fernandes Pinheiro.

BARÃO D'AYURUOCA

Temos por mais de uma vez chamado a attenção dos leitores da *Revista Popular* (*) sobre a vida d'alguns respeitaveis varões, de que justamente se honra a nossa terra. Sahir do campo das abstracções, das theorias mais ou menos bellas, para descer á realidade, mostrar que a beneficencia não é um formoso ideal, mas sim uma realidade mil vezes operada por este ou aquelle vulto historico, ou ainda pelo humilde cidadão, cujo nome não franqueou os terminos do seu municipio, que a dedicação pertence a todas as classes, que o heroismo não está só no campo da batalha, ou na luta contra os elementos, mas tambem na coragem do medico, do padre ou do enfermeiro, que affrontam a morte para levarem ao pestiferado os soccorros da sciencia, da religião ou da caridade ; é quanto a nós o mais proveitoso de todos os estudos, e a que melhor caberá o titulo de curso pratico de virtude, ou moral em acção.

Não foi o protogonista da nossa tosca narrativa um denodado guerreiro, que com a espada gravasse o seu nome nos distipos nacionaes, um sabio, que com suas lucubrações alargasse o circulo dos conhecimentos humanos, um missionario, que estendesse os horizontes da fé ; mas um honrado lavrador, sincero patriota, providencia dos pobres, energico agente da civilisação e do progresso.

Quem ha ahi nas tres provincias do Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas Geraes, que nunca ouvisse fallar no coronel Custodio Ferreira Leite, condecorado na sua velhice com o titulo de barão de Ayuruoca? Quem ha que não refira algum acto de beneficencia por elle praticado ? Quantas

(*) Esta biographia é extrahida da *Revista Popular*.

familias não foram por elle amparadas, quantas dissensões domesticas pela sua legitima ascendencia terminadas ?

Não registrará portanto esta revista em suas paginas a biographia d'um homem obscuro, ou d'algum d'esses enfatuados, que nenhum vestigio, senão os da vaidade e do orgulho, deixaram de sua passagem pelo mundo.

Filho legitimo do sargento-mór José Leite Ribeiro e de D. Escholastica Maria de Jesus, nasceu Custodio Ferreira Leite na fazenda de seus pais, sita na comarca do Rio das Mortes, provincia de Minas, aos 3 de Dezembro de 1782. Desde a mais tenra infancia revelou a maior perspicacia e talento, que fructuosamente seriam aproveitados se a escassez das luzes, que alumiavam o Brasil colonial, maxime no interior d'uma provincia central, lhe permittissem, dedicando-se ás letras, seguir a sua vocação.

Mal dissimulando esta primeira contrariedade, partiu o joven Custodio com seus irmãos para as margens do Rio Preto, afim de entregar-se á lucrativa industria da mineração. Ou porque as variadas emoções, que semelhante occupação offerecia, não bastassem á sua actividade, ou por qualquer outro motivo, que não chegou ao nosso conhecimento, o certo é que deixou o nosso heróe o seu paiz natal, e, como curioso observador, percorreu essas provincias sul-americanas, que então pertenciam á Hespanha, e que constituem hoje outros tantos Estados independentes. Peregrinando por estranhos climas, sentiu pungil-o o espinho da saudade, e abandonando projectos de mais longinquas viagens, volveu aos patrios lares.

O seu lugar estava de ante-mão marcado : necessitavam duas provincias limitrophes do Rio de Janeiro e de Minas d'um homem assaz dedicado aos seus interesses, para pôl-as em communicação facil e segura por meio de estradas e de pontes. Genio emprehendedor, o capitão-mór (posto que

em sua mocidade lhe fôra conferido) não trepidava em se embrenhar pelos sertões, ainda n'essa épocha povoados por selvagens, atravessar a nado caudalosos rios, expôr seus dias á sanha das feras.

Abrir fazendas era para o capitão-mór Custodio Leite negocio da maior facilidade, e no que sentia summa satisfação. Amplamente ganharam com isso seus amigos e protegidos, e mais d'uma personagem deveu a origem de sua fortuna á magnanimidade do distincto mineiro.

Se com semelhantes disposições só dos seus interesses curasse, seria o maior millionario da nossa terra: esquecia-se porém Custodio Leite de si para só se lembrar dos outros, preferindo a satisfação de fazer bem ás positivas vantagens da colossal riqueza.

Compensada era essa obrigação pela posse da maior popularidade; comprehende-se pois de que auxilio fôra elle aos fautores da nossa emancipação politica. Quando com imparcialidade fôr um dia escripta a historia da independencia, quando se distribuir a cada um dos agentes o lugar, que lhe compete, estamos convencidos, que o nome do capitão-mór Custodio Ferreira Leite apparecerá coròado pela aureola do civismo.

N'au encia de mais veridicos dados sirva-nos de thermometro de seus relevantes serviços a estima, com que o honrava o fundador do imperio, agraciando-o com a commenda da ordem de Christo, com a patente de coronel de milicias, e distinguindo-o com a sua particular amizade.

Sua proverbial modestia, o cuidado que tinha em occultar seus serviços, colloca-nos na impossibilidade de seguir par e passo essa bemfazeja existencia. Permitta sua honrada memoria que lhe exprobremos tal desapego, que defraudou a biographia brasilica de numerosos lances de

patriotismo, que de exemplo e edificação serviriam aos vindouros.

Escassas são as notas que nos foram confiadas por um seu illustre parente, legatario de sua humanidade e desinteresse; ponhamol-as porém em contribuição e procedamos ao inventario de seus principaes feitos.

Incumbido pelo governo, abriu o coronel Custodio a estrada chamada da Policia, que do municipio de Iguassú se dirige á provincia de Minas; mandou fazer os aterrados do Engenho do Brejo, e por muitos annos administrou os trabalhos das estradas de Sapucaia e do Feijão Crú.

A proposito de Sapucaia, cumpre não esquecer o generoso donativo que á nossa provincia fez este benemerito cidadão, offertando-lhe a estrada, que a expensas suas mandára fazer desde Magé até Sapucaia, assim como a ponte lançada sobre o rio Parahyba no trajecto d'essa estrada, cedendo gratuitamente do privilegio, que por muitos annos lhe fôra outorgado.

Com seus auxilios pecuniarios, e com o producto das subscripções por elle agenciadas, erigiram-se ou repararam-se as matrizes da Barra-Mansa, Arrozal, Vassouras, Conservatoria, Valença, Sapucaia e Mar de Hespanha. N'esta ultima villa construiu elle a casa da camara com prejuizo d'algumas dezenas de contos, concluindo pouco antes do seu passamento um formoso e vasto edificio, onde hoje se acha estabelecido o collegio Brandão.

Verdadeiro homem d'acção, não abandonára o coronel Custodio o cultivo da sua intelligencia: e quanto lhe permittiam as innumeras occupações da vida positiva, entregava-se á leitura dos bons livros, preferindo os tratados elementares d'agricultura e d'industria rural. Assim introduziu elle varios melhoramentos na cultura do café, cabendo-lhe outrosim a gloria de haver iniciado a da batata

de Demerara nos municipios do Mar de Hespanha e Leopoldina.

Liberal por convicções e ordeiro por principios, era o coronel Custodio dedicado amigo do regimen politico que nos rege, e desde a aurora do systema constitucional exerceu differentes cargos electivos nos lugares de sua residencia. Afastava-o porém do primeiro plano seu natural acanhamento, a ponto que, gozando da privança dos marquezes de Lages, Valença e Paraná, nunca quiz sahir da sua modesta posição. A's reiteradas instancias do ultimo dos tres marquezes acceitou elle o titulo de barão, com que de ha muito queria galardoal-o a munificencia imperial. Foi ainda impellido por seus amigos que decidiu-se a tomar assento na assembléa provincial de Minas. N'essa pleiade de tão bellas intelligencias, n'esse congresso de tão esperançosos talentos, era a velha experiencia do barão de Ayuruoca ouvida com respeito, e o seu alvitre não poucas vezes seguido.

Grandiosos planos de melhoramentos materiaes volvia em sua mente, quando no dia 17 de Novembro de 1859 soou a sua derradeira hora. Rodeado dos entes que na terra lhe eram mais caros, expirou o barão de Ayuruoca na sua fazenda da Barra do Louriçal, termo da villa do Mar de Hespanha, victima d'uma congestão cerebral.

Acreditareis, leitor, que esse abastado fazendeiro, que nos ultimos dias de sua existencia devêra fruir uma fortuna de alguns milhares de contos de réis, como aconteceu a alguns de seus irmãos, morresse pobre e onerado de dividas? !—O luxo e loucas prodigalidades terão talvez dissipado seus thesouros, me direis vós.—Enganai-vos; o coronel Custodio (como o povo se obstinava em chamal-o) era d'uma simplicidade espartana; em sua vasta habitação, mediocremente alfaiada, occupava elle o mais pobre apo-

sento; sua mesa porém era franca aos viandantes, seu tecto abrigava com generosa hospitalidade o extraviado e nocturno peregrino. Nos dias de sua opulencia nunca ninguem recorreu debalde ao seu cofre, e as lagrimas da viuva e do orphão não raro foram enxugadas por suas caritativas mãos. Juntai a isso que, novo Job, foram pelo Senhor postas á prova a sua paciencia e fé religiosa; destruindo seus cafesaes uma horrivel chuva de pedra, que por alguns annos privou-o de suas copiosas colheitas; a ingratidão de alguns entes perversos, que, abusando da magnanimidade do seu coração, extorquiram-lhe avultadas sommas, e tereis a explicação da ruina d'essa gigantesca fortuna, cujos restos serão apenas sufficientes para satisfazer áos seus credores.

Quem visse o barão d'Ayuruoca sempre em viagem, com o chapéo repleto de papeis, trajando com a maior simplicidade, diria que era um d'esses modernos industrialistas, ou eternos emprezarios, que buscam privilegios ou accionistas para sonhadas companhias, cuja unica utilidade só por elles póde ser comprehendida. Nada d'isso, o que arrojava o venerando ancião através das chuvas torrenciaes e dos ardores da canicula, caminhando a deshoras por nossas invias estradas, eram alheios negocios, interesses de parentes, amigos e conhecidos. Era uma especie de procurador geral, quasi que diriamos um Ashaverus da caridade.

Completaremos este mal traçado esboço com dois passos de sua vida, que nos foram relatados por testemunhas oculares.

Costumava o barão pousar em suas peregrinações n'uma pobre casa situada á beira da estrada, onde era sempre bem vindo o anjo da consolação. Aconteceu que um dia achou a familia debulhada em pranto, triste e

abatido seu chefe. Perguntando a causa de semelhante melancolia, soube que por atrazos de seu mesquinho negocio devêra o dono da casa soffrer penhora no pouco que n'ella havia, expostos ficando sua mulher e filhos á mendicidade. Ouvindo isto, montóu o barão a cavallo, e poucas horas depois voltou, trazendo as letras por elle pagas, que graciosamente entregou a uma das crianças, cujos brincos mais o distrahiam de suas serias cogitações.

Ainda mais caracteristico é o seguinte facto :

Atravessava o nosso heróe o campo d'uma fazenda, quando um cavalleiro sahindo-lhe ao encontro rogou-lhe encarecidamente que se encaminhasse á proxima situação de sua mãi, que muito desejava fallar-lhe. Como de costume, rendeu-se o barão a essa supplica, e chegando ao lugar indicado encontrou-se com a afflicção d'uma triste viuva,a quem um avido genro obrigava a vender os ultimos escravos, para entregar-lhe a legitima de sua mulher. Já n'essa epocha achava-se desmoronada a fortuna do barão d'Ayuruoca, e os seus compromissos eram consideraveis. Avalie portanto o leitor a dôr, que traspassaria aquella grande alma,vendo-se na rigorosa necessidade de pela primeira vez, em a sua longa vida, negar-se a um acto de beneficencia. Negou-se, pois, á viuva annuir ao que pedia.

Chegando a esta capital, abrilhantou-lhe o espirito uma inspiração celeste. Lembrou-se elle,. que nunca jogava, de comprar um bilhete de loteria para a viuva, e o anjo da beneficencia, tomando a fórma da menina que extrahia os bilhetes, fez com que n'esse numero sahisse a sorte grande. Transportado de jubilo, olvida-se o barão dos negocios que o traziam ao Rio de Janeiro, põe-se em viagem, apêa-se na pobre habitação da desconsolada viuva, integralmente entrega-lhe o dinheiro, que em seu nome recebêra, e montando de novo a cavallo subtrahe-se aos

agradecimentos d'essa familia, a quem d'est'arte felicitára.

A' vista d'estes e d'outros tocantes quadros, que nos narram os que tiveram a ventura de conhecêl-o, concordareis comnosco, benevolo leitor, que a divisa heraldica do barão d'Ayuruoca deverá ser esta expressão do Evangelho — Pertransivit benefaciendo.

J. C. Fernandes Pinheiro.

FIM DO TOMO XXXIV, PARTE PRIMEIRA

INDICE

DAS MATERIAS CONTIDAS NO TOMO XXXIV, PARTE PRIMEIRA

PRIMEIRO TRIMESTRE

SEGUNDO TRIMESTRE